

Janela do Tempo

Homenagem ao Passado



Histórias e Estórias Vivenciadas

Valdon Varjão



ACADEMIA DE LETRAS, CULTURA E ARTES DO CENTRO-OESTE

COMPARTILHANDO CONHECIMENTOS

Gestão

Presidente: Antão Divino Arbués Nery

Vice-Presidente: Eliel Ferreira da Silva

Oradora: Malba Tânia A. Varjão

Tesoureiro: Herculano da Silva Melo

1 Secretário: José Carlos F. Cardoso

2 Secretário: Adalberto A. Matos

Bibliotecários:

Ana Alves Silva, João Luiz do Couto e Nina Tereza Dolzan

Conselheiros:

Dionísio C. Oliveira, Marinalva M. Souza e Kleide C. Lima

academialcaentrooeste.blogspot.com

facebook.com/academia.lca.centrooeste

instagram.com/academiacentrooeste

Youtube: Academia LCA Centro-Oeste

academiacentrooeste@gmail.com

Rua Simeão Arraya, 350 - bairro Cidade Velha, Barra do Garças/MT. CEP: 78.601-250

Edição: Kuya Comunicação

Digitação: Mayara Campos

Revisão: Marinaldo Custódio

Projeto Gráfico: Brás Rubson



Governo de
Mato Grosso

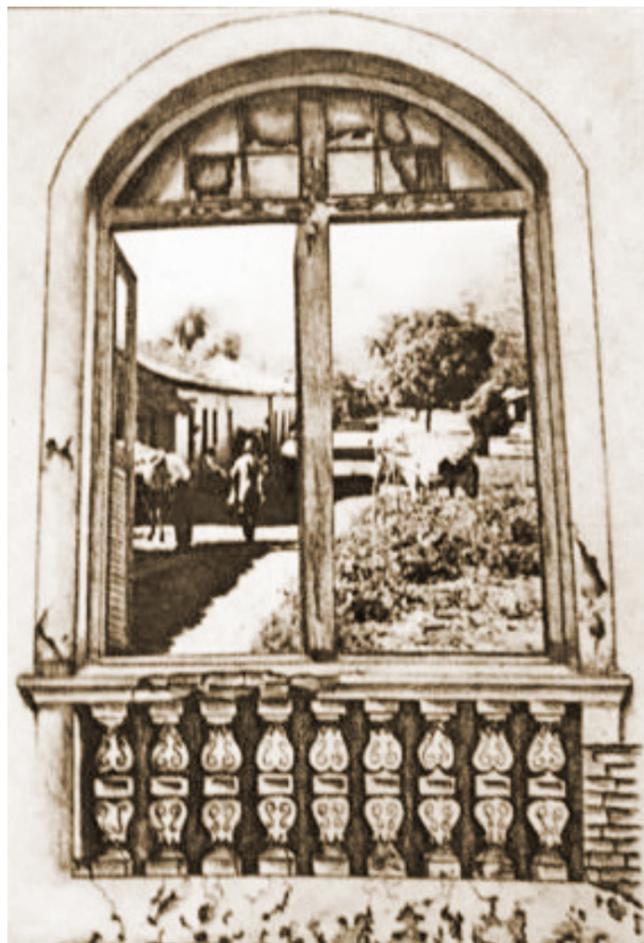
SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL

Valdon Varjão



JANELA DO TEMPO

Homenagem ao Passado

Histórias e Estórias Vivenciadas

Barra do Garças, MT, 2021

Kuya
comunicação

Apresentação



O que tentamos transmitir em forma de um livro foram anotações esparsas que guardamos nos nossos alfarrábios de arquivo histórico que, revirados aqui, serão lembrados por alguns protagonistas ainda vivos, cuja memória a senilidade e o tempo nos levam a apagar.

“Janela do Tempo” é um título plagiado do confrade Avelino Tavares, velho colecionador de fatos históricos de nosso querido Mato Grosso. Usamos com certo orgulho, pois coaduna com a miscelânea de casos (ou causos) que aqui narramos: algumas reminiscências do subconsciente, raízes do folclore de nossas vivências regionais.

Visamos perenizar para nossos pósteros talvez alguns registros que venham interessar ao leitor, revelando as historietas corriqueiras e sua linguagem desprovida de estilo literário.

Ao chegarmos a um dos últimos quartéis da vida, damos graças a Deus de ainda acumular ilusões e ânimo em poder estar registrando na nossa costumeira linguagem certas estórias que hoje não são mais lembradas.

Podemos chamá-las de arquivo memorial de um pioneiro.

Barra do Garças, fevereiro de 2000.

O AUTOR

VALDON VARJÃO, membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso; da Academia Mato-grossense de Letras; Academia Maçônica de Letras; Academia Paulistana de História; Academia Anapolina de Filosofia, Ciências e Letras; Academia Piracicabana de Letras; Ordem Nacional dos Bandeirantes; e fundador da Academia de Letras, Cultura e Artes do Centro-Oeste.



Dedicatória

À minha esposa Maria do Rosário (Rosarinha), compreensiva em toda minha vida pública e de grande bravura na adversidade.

Aos meus filhos: José de Arimatéia, Dr. Joelmar, Maria Honória, Malba Tânia, noras e genros.

Aos meus netos: Joelma, Valdinho, Zezinho; Manoel Vanessa, Joel (*in memoriam*); Mara, Ila, Hugo; Danilo, Lorena e Ludmila; aos bisnetos.

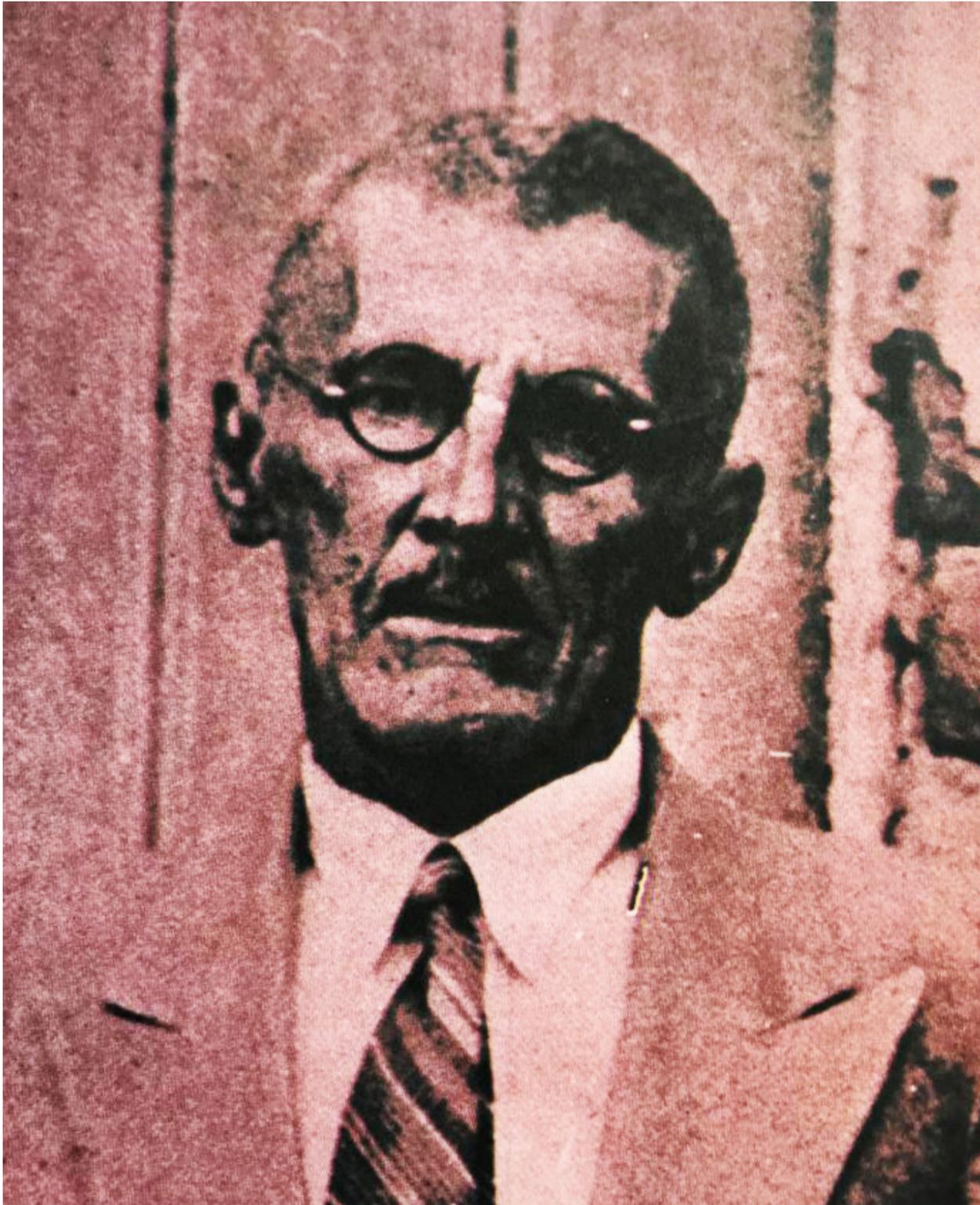
Que sempre souberam ser tolerantes ao se privarem temporariamente do nosso convívio em função das múltiplas atividades e afazeres por nós desenvolvidos.



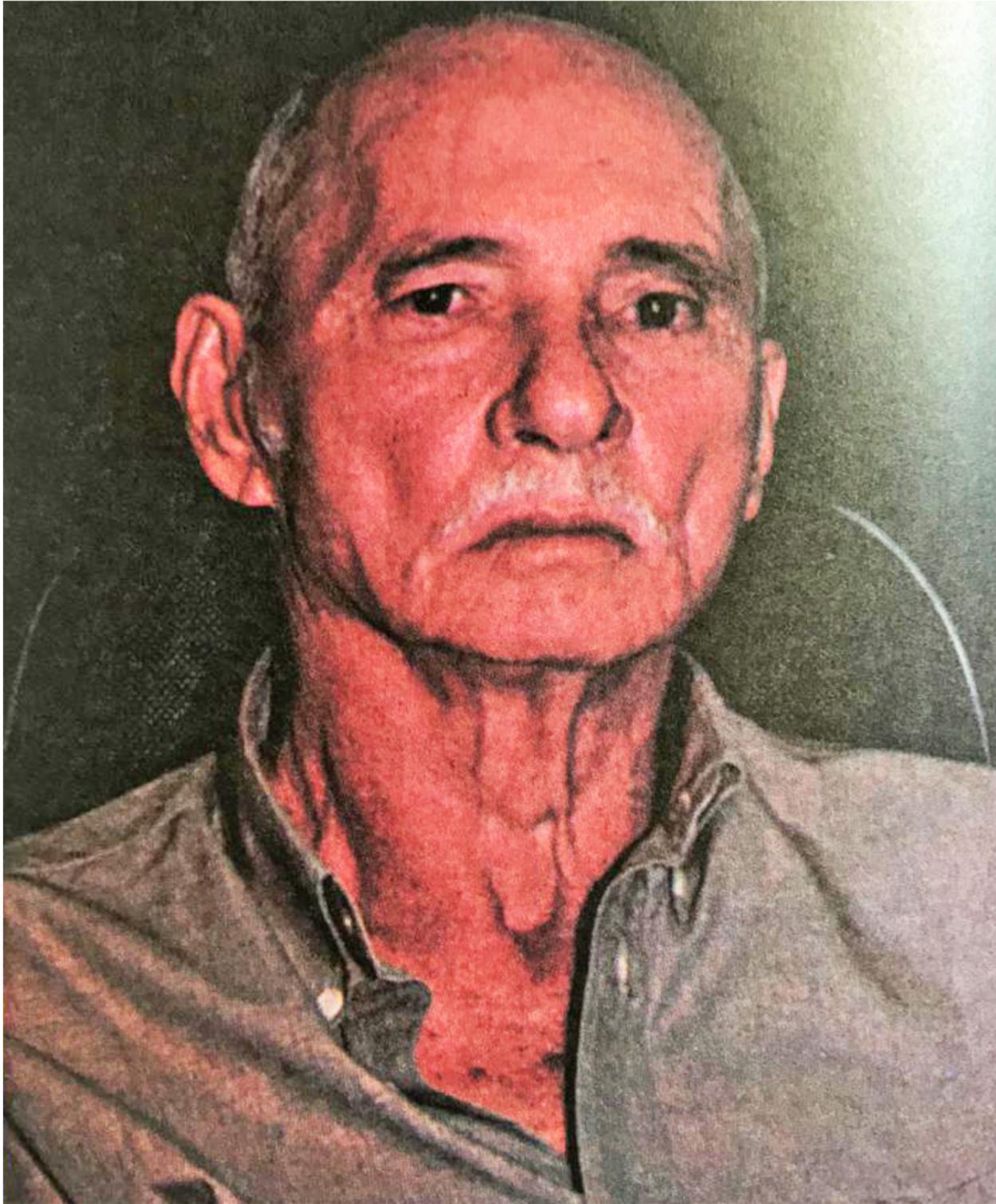
Menção Póstuma



ANTÔNIO PAULO DA COSTA BILEGO, primeiro prefeito de Barra do Garças que, a chamado do Mestre, realizou a "Grande Viagem"



ANTÔNIO CRISTINO CÔRTEZ
- Fundador de Barra do Garças



LADISLAU CRISTINO CÔRTE

- Ex-prefeito de Barra do Garças

Ladislau Cristino Côrtes, político conceituado, prefeito três vezes,
deputado federal e filho do fundador de Barra do Garças

Sumário

<i>Prefácio</i>	13
<i>Araguaiana no passado e Barra do Garças no presente</i>	15
<i>Relatório da situação de Araguaiana</i>	18
<i>Ata da Câmara que transferia a sede, temporariamente</i>	19
<i>Ata de 1ª Sessão da Câmara Municipal de Barra do Garças</i>	21
<i>A magia da cidade</i>	22
<i>História do povoamento do Leste de Mato Grosso</i>	26
<i>Barra do Garças - O município</i>	30
<i>Retrato Histórico</i>	35
<i>Barra do Garças - História da História</i>	39
<i>Instituto Madre Marta Cerutti</i>	46
<i>Barra do Garças – Portal da Amazônia</i>	52
<i>O folclore regional</i>	71
<i>Partos ou nascimentos dos filhos</i>	72
<i>A cegonha é uma lenda útil, devemos preservá-la</i>	73
<i>Festa de Santo Antônio</i>	76
<i>Costumes e vivências nordestinas - Festa de São João</i>	81
<i>Costumes e vivências do passado</i>	85
<i>Vivências de nordestinos</i>	88
<i>Um leão de chácara - O Potacinha</i>	91
<i>Fatos pitorescos da História de Barra do Garças</i>	96
<i>Comícios do passado - Nos garimpos de Mato Grosso</i>	99

<i>Inleição do passado – Vicente, o “Inleitor”</i>	101
<i>O defunto que falou</i>	103
<i>O Português Nu</i>	106
<i>Fleury Belém - Um pioneiro histórico</i>	109
<i>Primeiro Cinema de Barra Cuiabana</i>	114
<i>Precação – Vidas que se apagam</i>	117
<i>Primeiro Alfaiate de Barra do Garças</i>	122
<i>Luta por Correspondência</i>	127
<i>Capitão Valério</i>	130
<i>As origens do Futebol em Barra do Garças</i>	134
<i>Natal - Um tipo de rua</i>	137
<i>Meleta - O milionário do sonho</i>	139
<i>Futebol-LuciaraxSãoFélix</i>	146
<i>Cego Marculino (Conto regional)</i>	148
<i>Festa do Divino no Angico</i>	153
<i>Em festa de Jacu, Nhambu não pia</i>	157
<i>Revolução de Aragarças</i>	165
<i>As causas da revolta</i>	168
<i>Chegada a Aragarças</i>	170
<i>A expectativa dos revolucionários</i>	173
<i>Retirada de Aragarças</i>	175
<i>Operação Resgate e inquérito</i>	177
<i>O massacre de Tesouro</i>	179
<i>Mártires dos Xavantes</i>	183
<i>Mistérios do Roncador</i>	189
<i>O desaparecimento de Fawcett pode desvendar os mistérios do Roncador</i>	193

Revolução garimpeira povoou o leste de Mato Grosso	197
<i>Passos finais da luta</i>	200
<i>O caso Morbeck x Carvalhinho</i>	202
<i>O Baile do Fecha-Nunca</i>	204
Marcha para o Oeste	206
<i>Relatório do Tribunal de Contas: Roncador-Xingu</i>	218
<i>Chegada ao Rio das Mortes</i>	221
<i>Fundação Brasil Central</i>	222
<i>Rumo à Serra do Roncador e Rio Xingu</i>	223
<i>Primeiro encontro com os índios Xavantes</i>	224
Visita do presidente Getúlio Vargas	225
<i>Queda de Vargas</i>	225
<i>Fundação Brasil Central - Novo Período De Vargas</i>	226
<i>Suicídio de Vargas</i>	226
<i>Sudeco</i>	227
A verdade (Versão da História: Expedição Roncador-Xingu)	229
<i>O sonho bandeirante</i>	231
<i>O avesso da História</i>	233
Orlando e Cláudio Villas-Bôas	235
Epopeia da Expedição Roncador-Xingu	241
Comentário do escritor W. Bariani Ortêncio	247

Prefácio

Solicitado por um dos meus melhores amigos, pessoa leal com quem convivi, escritor de várias obras históricas, todas relacionadas ao Centro-Oeste ou Leste de Mato Grosso, participante dos fatos do passado daquela região que descreve, tive acesso aos rascunhos do livro Janela do Tempo.

Li e reli deste escritor várias obras, cada qual mais curiosa e rica de detalhes históricos.

Julgo desnecessário acrescentar o número de entidades culturais às quais ele pertence. Destaco apenas a que ele diz ter maior orgulho de pertencer: Academia Mato-grossense de Letras, cadeira nº 16.

Ao ser por ele escolhido para prefaciar esta obra que por certo marcará a cerimônia comemorativa cultural dos 50 anos de emancipação político-administrativa de Barra do Garças, município sucessor do antigo município de Araguaiana, procurei navegar nos seus devaneios históricos como um livro agradável que distrai e informa os leitores.

O autor revela fatos jocosos da maior importância e dá nomes reais aos personagens que participaram das epopeias.

Janela do Tempo é agradável na sua leitura, daí o grande valor da obra, embora, por questão ética, o autor faça exceção de alguns personagens que estão ligados à história. Para quem os conhece, ao ler as histórias, sente suas presenças. Varjão é testemunha viva.

A leitura não é enfadonha, sobretudo porque não se preocupa com o perfeccionismo literário e nem o preciosismo gramatical. Escreve as

histórias com autêntica clareza, sem sacrificar o estilo e sem mutilar as imagens dos participantes.

Retrata nominalmente um por um os pioneiros que viveram os primórdios dias deste município. Descreve os nomes das autoridades, sejam executivos ou legislativos, inclusive com um magnífico caleidoscópio de fotografias de todos eles.

Republica a Ata dos fatos da transferência provisória, de 7 de julho de 1948, cuja efetivação se deu oficialmente em 15 de setembro de 1948, oficializada em lei estadual de autoria do deputado Heronides Araújo e os comprova numa clareza de informações históricas e documentadas com fac-símiles das Atas e Atos comprobatórios.

Quem começa a ler a obra julga ter visto o desenrolar dos fatos como se tivesse presenciado uma peça teatral, com riqueza de detalhes que valorizam a história.

O historiador orgulha-se de ter tido a felicidade de conviver neste extraordinário município cuja história começou com a procura de um tesouro lendário.

Este livro é recomendável às informações escolares, ou mesmo como leitura de lazer, pelos lances pitorescos que se encontram entremeados narrando seu passado que é de uma história fascinante.

Parabéns à cidade que tem um escritor que se preocupa em documentar seu passado.

Diz o axioma popular: "Cidade que não se referencia seu passado não tem história".

Seu amigo,

Valdelício Lopes

Araguaiana no passado e Barra do Garças no presente

Narra **VALDON VARJÃO**, membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso

- Por que a mudança?

Historiamos como surgiu a ideia de mudança da sede do município de Araguaiana para o distrito de Barra do Garças.

A eleição do comerciante Antônio Paulo da Costa Bilego e de quatro dos cinco vereadores residentes em Barra do Garças provocou a necessidade da mudança da sede da municipalidade.

A prosperidade de Barra do Garças se devia à influência da Base da Expedição Roncador-Xingu e Fundação Brasil Central instaladas no povoado garimpeiro Barra Goiana (hoje Aragarças).

Esse movimento, que foi a concretização da Marcha para o Oeste, do presidente Getúlio Vargas, eclodiu em progresso rápido e acentuado da então vila de Barra do Garças. Ali foram instalados hospitais, serrarias, cerâmicas, oficinas mecânicas, serviços de comunicação (especialmente, rádio) e de cinemas, escolas, campo de aviação com linhas aéreas, resultando na concretização de um desenvolvimento rápido. Foi um processo de abertura de mercado de trabalho e aproveitamento de toda a mão de obra disponível, com o giro do dinheiro público aplicado nas obras que eram desenvolvidas.

Bilego e seus quatro vereadores, não podendo residir na sede do município (Araguaiana), dados os seus negócios particulares, para lá iam a cada 15 dias, a cavalo, percorrendo uma estrada precária de 72 km.

Analisadas essas condições e somadas à falta de estrutura total da sede administrativa, comprovada em relatórios de pesquisas que Bilego encontrou nos arquivos da Prefeitura, a ideia de mudança começou a amadurecer.

Doc. 1 (ver fac-símile do relatório nas páginas seguintes)

(Extraído de livro do arquivo V. Varjão)

Os vereadores Fleury Belém e Zelis Guimarães apresentaram na Câmara Municipal um projeto de lei, em 5 de julho de 1948, que foi aprovado, solicitando a mudança administrativa provisória da sede do município para Barra do Garças.

DOC. 2 (ver cópia da Ata citada)

Em expediente, o prefeito juntou cópias do relatório (Doc. 1) que mostrava as condições precárias de Araguaiana, a comprovação da mudança provisória da sede para Barra do Garças e encaminhou ao governador do Estado, Dr. Arnaldo Figueiredo, através do deputado estadual Heronides Araújo, solicitando a mudança definitiva da sede do município, que se concretizou através da Lei nº 121, de 15 de setembro de 1948.

Cópia da Lei nº 121

Com a consumação do ideal barra-garcense, Araguaiana levou um golpe que quase a levou à falência. Muitos habitantes se mudaram em busca das melhores condições de vida que o novo município lhes oferecia. Lá ficaram apenas poucas famílias tradicionais que sobreviveram ao cataclismo, restando o funcionamento dos dois colégios salesianos ali instalados, em 1916, e a Estação Telegráfica, feita por Rondon em 1897.

Araguaiana não pôde competir com Barra do Garças, que tinha todos os meios de alavancagem para o acelerado progresso.

Em 15 de setembro foi proclamada a mudança, cuja instalação se deu, definitivamente, em 1º de janeiro de 1949.

ARAGUAIANA - UMA CIDADE FÊNIX

A tenacidade e o amor-próprio de seus filhos fizeram a Araguaiana do presente renascer numa nova emancipação, conforme a Lei nº 5006, de 13 de maio de 1986.

Hoje, seu território, reduzido e mutilado, emprestou área para 20 novas comunidades.

Relatorio da Situação de Araguaiana

Deu Origem a Mudança da Sede

Go. Co. - Sr. Director Geral de informacois, estatistica
& divulgaçao do paiz, o Sr. Com. Prefeito Municipal de
Araguaiana

Sr. Director

Em cumprimento ao vosso atencoso apelo dirigido a esta Prefeitura em 30 de Novembro do anno findo, recebido no dia 22 do corrente, passo a responder a questao suscitada conforme sua indicacao pela forma seguinte:

Parte preliminar

Hygiene

Neste ponto a povo e completamente desassistida a maior parte não usa calçado penso até ser costume da terra a hygiene domiciliaria e desusada ao ultimo extremo: as abitacoes não são edificadas afilam uma terra branca que da aparencia do cal homem que não tem revestimento algum usam uma terra batida onde se acumulam todas as imundices que a natureza produz. As defecaçoes são feitas esporadicamente pelos quintaes e finalmente julgo singular a pratica que os povos dados têm de habitarem as circunstanças.

Recursos hospitalares:

Não existem e nunca existiram institutos algum ou serviço de assistencia medica não tendo presentemente nem mesmo um só facultativo aqui e si caso vier algum caso que morrerá de fome.

Bordas de encerraçao

(u) - Assistente e Inimico Juvenal

Prefeito

OBS: Relatório da Prefeitura de Araguaiana

Relatório da situação de Araguaiana

- Origem da mudança da sede

Ata da Camara que Transferiu a Sede

Provisoriamente

14

Ata da 24ª sessão da Camara Municipal de Araguaiana

Nos cinco dias do mês de julho do ano de 1948, no...
...da cidade de Araguaiana, às 14 horas, no edifício provisoriamente designado para o trabalho desta Camara, estando nas horas Regimentais, foram abertos o trabalho sob a presidência do cidadão Raimundo José de Melo. Com seguinte o senhor presidente mandou que se procedesse a chamada dos Vereadores, e a ele responderam os cidadãos, José Guimaraes Filho e Fleury Custodio Belém, como Secretários atais nomeados. Lida e aprovada a Ata da sessão anterior, havendo primeiro legal o senhor Presidente declarou abertos o trabalho. Com seguinte o senhor Secretário entregou a Mesa, um requerimento assinado pelos vereadores José Guimaraes Filho e Fleury Custodio Belém que trouxe o numero (7) reti, autorizando o poder executivo a fazer a mudança provisória da Sede deste Municipio para a Vila de Barra do Garças, primeiro Distrito do mesmo. O senhor presidente mandou que se procedesse a votação pela maneira simbolica e, independente de discussões, terminada a votação o senhor Presidente declarou aprovada em primeira e unica votação. Com seguinte mandou efetuar o decreto que autoriza o poder executivo a transferir a sede deste Municipio para o Distrito de Vila de Barra do Garças da maneira seguinte:

Projeto n.º 7

A Camara Municipal de Araguaiana
Considerando que o projeto (n.º 7) reti que autoriza o poder executivo a transferir provisoriamente a sede deste Municipio, para a Vila de Barra do Garças, é uma medida

Ata da Câmara que transferiu a sede, provisoriamente

que sua reverter no assumo do mesmo.
Considerando que o Distrito de Barra do Garças, limita-se com Araguaia, Base da Fundação Brasil Central, motivo pelo qual se encontra o referido Distrito em pleno desenvolvimento.

Considerando que, o Distrito de Barra do Garças é a maior fonte de renda deste Município, considerando ainda que, com a decadência de Araguaiana e a falta de habitantes nesta cidade, é impossível preencher o cargo vago.

Considerando finalmente, que por maioria absoluta, foi aprovado em sessão de dia (5) cinco do corrente mês.

Secreta:-

Art.º 1.º Fica o poder executivo deste Município, autorizado a transpor provisoriamente por conveniência de serviços, a sede deste Município, para a Vila de Barra do Garças.

Art.º 2.º Revoga-se as disposições em contrário.

Sala dos Sessões da Câmara em 5 de Julho de 1948. Egotado o expediente e nada mais havendo a (tratar) "liga" tratar-se o senhor Presidente mandou que se lances a presente lista que lida e aprovada vai por foto assinada. Por Raymundo Ribeiro Helo, Prefeito e assim.

Raúl Jari de Melo
João Figueiredo Filho
Fleury Custódio Belém
Raymundo Ribeiro Helo

" Fac-símile da Ata da Câmara Municipal em Araguaiana, transferindo provisoriamente a Sede do Município para o Distrito de Barra do Garças em data de 07/07/1.948 - PROJETO DO VEREADORES FLEURY BELÉM e ZELIS GUIMARÃES

Fac-símile da Ata da Câmara Municipal em Araguaiana transferindo provisoriamente a Sede do Município para o Distrito de Barra do Garças, na data de 07/07/1948 - PROJETO DE VEREADORES FLEURY BELÉM E ZELIS GUIMARÃES

Acta da primeira sessão da Câmara Municipal de Barra do Garças.

Dos cinco dias do mez de Janeiro do mil e novecentos e quarenta e nove, nesta Cidade de Barra do Garças, no edificio previamente designado, para os trabalhos desta Câmara sobre a prisão do cidadão Antonio Cristiano Cortes, com a presença de tres vereadores e havendo numero legal o Sr. presidente disse que o fim desta reunião e para se prosseguir a eleição de: uma mesa no corrente exercicio e em seguida marcar a data prosseguir a quem, dia e hora e local a eleição ser executado secret. alvose o Sr. presidente... receberam o seguinte resultado

para presidente o Sr. Antonio Cristiano Cortes... para secretario o Sr. Raymundo Ribeiro de... ficando assim a mesa constituída... e nada mais havendo a tratar findo o expediente o Sr. presidente mandou lavrar a presente acta que lida e lida do, e conforme vai por todos assinado... em Barra do Garças, 14 de Janeiro de 1949.

Antonio Cristiano Cortes
Raymundo Ribeiro de
Paulo José de Abreu

" Ata da 1ª Sessão da Câmara Municipal em Barra do Garças. (do livro de Atas, fls. 22) fac-símile - data 05/01/1.949

Ata de 1ª Sessão da Câmara Municipal em Barra do Garças
(do livro de Atas, fls. 22) fac-símile - data 05/01/1949

A magia da cidade



Barra do Garças é um dos principais polos turísticos de Mato Grosso e o principal polo econômico do Vale do Araguaia, situando-se às margens do Rio Araguaia, aos pés da Serra Azul e próximo à Serra do Roncador. O clima é semiúmido, com estação de chuvas bem definida entre dezembro e março, sol o ano inteiro e temperatura média de 27 graus.

1 - PARQUE DA SERRA AZUL

O parque encontra-se a 4 km do centro da cidade e sua área é de 11 mil ha. Os índios bororos utilizavam esse local para sua subsistência e o denominavam Kieguereiral, que significa "morro lugar dos pássaros", devido à grande diversidade de aves que ali habitam até os dias de hoje. A fauna e a flora exuberantes convivem harmoniosamente com cachoeiras, fendas e cavernas, sítios paleontológicos e arqueológicos, formações rochosas curiosas, trilhas belíssimas e bosques nativos. Ainda dentro do parque encontram-se o Marco do Centro Geodésico do Brasil, o local do futuro Discoporto e o Mirante do Cristo, de onde se descortina toda a cidade e o encontro dos rios Garças e Araguaia, um verdadeiro convite à emoção.

2 - PARQUE DAS ÁGUAS QUENTES

No perímetro urbano encontra-se o Parque Municipal das Águas Quentes, área de camping e lazer com piscinas hidrotermais de temperaturas que variam de 31 a 43 graus, com propriedades terapêuticas como: diminuição da viscosidade do sangue, aumento da vitalidade sexual, melhora da digestão gástrica e duodenal, servindo também à fisioterapia. Além dos banhos, o parque oferece uma estrutura com bares, churrasqueiras, duchas, sauna, vestiários e instrutores de hidroginástica e ginástica de alongamento.

3 - RIO ARAGUAIA

O principal rio da região é o divisor natural dos estados de Mato Grosso, Goiás e Tocantins; também contribuiu imensamente na história da cidade. No passado, serviu de entrada para os pioneiros, de palco para garimpos de diamantes e de cenário para a Guerrilha do Araguaia. Hoje é uma das maiores atrações da cidade, atendendo aos amantes dos esportes náuticos e da pesca, podendo-se encontrar peixes típicos da Bacia Amazônica. Durante o período da seca surgem belíssimas praias que podem ser curtidas justamente na época em que o Sul e o Sudeste do país estão em pleno inverno. O toque exótico fica por conta dos saltos que os botos-cor-de-rosa costumam dar nos fins de tarde nas águas do Araguaia.

4 - GRUTAS E CAVERNAS

A região tem muitas grutas e cavernas, algumas ainda inexploradas, o que aguça a curiosidade de todos que visitam a cidade. Dentro do Parque Estadual da Serra Azul, encontram-se a Caverna dos Pezinhos com inscrições arqueológicas e a Gruta dos Macacos, dentre outras. Na região, existem cavernas com câmaras de grande porte, galerias e, até, com lagos de água calcária subterrâneos, de azul belíssimo.

5 - PORTO DO BAÉ

Rampa de embarque e desembarque para barcos, lanchas e jet-ski no Araguaia, com arquibancadas de concreto para eventos náuticos, restaurante flutuante, lanchonetes e área de camping. Também lá se realizam eventos culturais, apresentações artísticas, rodas de capoeira e esportes em quadras de areia.

6 - SERRA DO RONCADOR

Este nome vem do ronco que muitos ouvem desta serra que tem sua história marcada por aventuras, lendas e mistérios como o desaparecimento do coronel Fawcett em busca da Atlântida, fato que até hoje atrai expedições do mundo inteiro. A origem da civilização Inca, o paralelo 16, o templo de Ibez, o Caminho de Ió, Agartha, Shamballah, o chakra do planeta, o Portal de Aquarius, vulcões extintos, fósseis de dinossauros e discos voadores são atrativos para cientistas, curiosos e místicos de toda parte.

7 - TRILHAS E CACHOEIRAS

A região abriga um dos maiores mananciais de cachoeiras, a maioria delas visitável através de trilhas de fácil acesso. Cachoeiras com escorrega natural, grutas atrás da cortina d'água, quentes ou frias, com piscinas ou poços naturais, enfim, cachoeiras para todos os gostos.

8 - TRIBOS INDÍGENAS

Algumas tribos indígenas se localizam na região, caso dos Xavante e Bororo. A cidade dispõe de lojas especializadas em vendas de artefatos e vídeos do folclore indígena.

9 - ESPORTES

A altitude, a topografia e o clima da cidade favorecem a prática de muitas modalidades esportivas, sendo muito procurada para voo livre, paraglider; paraquedismo e canyoning (rapel). Além dos

esportes náuticos, a cidade também sedia eventos esportivos a nível estadual e nacional como campeonatos de motocross, mountain bike, encontros de motocicletas de grande porte e esportes de quadra, várzea e areia.

10 - ASPECTOS HUMANOS

A cidade é constituída de imigrantes de todas as regiões do país, formando um quadro humano bastante interessante e diversificado. A hospitalidade da população é um fato que chama a atenção de todos que passam por Barra do Garças; Barra é, acima de tudo, uma cidade jovem, de gente descontraída que curte noitadas musicais nos muitos bares, boates e danceterias locais. A fama de Barra do Garças atrai gente de todas as partes do país, sobretudo na Temporada de Praia. A cidade conta também com a primeira Polícia Turística do Estado de Mato Grosso, homens treinados e aparelhados com o intuito de bem atender à vocação turística da cidade.

Além disso, o 58º Batalhão de Infantaria, o 2º BPM, a Companhia Independente dos Bombeiros Militares e o Departamento de Proteção ao Voo e Detecção da Aeronáutica se fazem presentes em Barra do Garças, que é servida por um aeroporto com capacidade para jatos e voos noturnos.

História do povoamento do Leste de Mato Grosso

Município de Barra do Garças

A princípio chamava-se Registro do Araguaia, topônimo que se originou do posto de arrecadação instalado à margem do rio do mesmo nome. A primeira penetração no território de Registro do Araguaia foi feita pela “bandeira” chefiada por Bartolomeu Bueno, o Anhanguera, por volta de 1672, ali encontrado pela expedição de Manoel de Campos Bicudo, que, subindo o Cuiabá até São Gonçalo Velho, ganhou a Chapada de São Jerônimo, cruzou o Rio Paranatinga até alcançar o Rio Parapuava ou Rio Grande (hoje Araguaia) e prosseguiu rumo ao norte em busca dos índios coroás. Pires de Campos, um dos componentes da expedição, regressa a Cuiabá quase meio século depois com o resultado da exploração, de onde surgiu a lenda dos “Tesouros dos Martírios”, presumivelmente localizados na zona visitada pelo sertanista, cujos cenários recompunha:

“Collina na qual se viam algumas pedras soltas e elevadas, umas configurando columnas, outras escamas e outras corôas, de que veiu o dizerem que aquelle monte continha os instrumentos dos Martyrios de Christo. Ao sopé, colleava um rio, tão grande como o Cuiabá, porém tão cingido de pedras, que se dividia o rio todo em regatinhos, e por isso atravessa-n’o a pé enxuto... Neste rio, pois, entre as pedras é que viram pedacinhos de ouro redondos como os vermelhos tentos de jogar, dos quaes Pires e Bartholomeu colheram alguns mais bem figuramos para brincar. Os mais sertanistas também vieram e colheram alguns, porém longe de suporem que fosse ouro pois ainda não havia conhecimento delle no Brasil. Ainda Pires disse mais: que na collina se viam como pevides de melão da mesma matéria, misturadas com pedras e burgalhão, dos quaes deitaram alguns em uma lata que tinha sido chá, e com ella brincavam como se fôra chocalho”.

A lenda que se espalhava despertou ainda mais a cobiça do ouro, provocando a descida de sucessivas bandeiras paulistas: umas, rumando ao distrito cuiabano e outras, ao roteiro permitido pelo Anhanguera, que ganhavam o território goiano. Em 1736, Pinha de Azevedo partiu da Ouvidoria de Cuiabá com uma expedição, abrindo uma estrada para ligar aquela vila à Ouvidoria de Vila Boa de Goiás. Por esse novo roteiro que, ganhando o pico de São Jerônimo, procurava as vertentes do rio que mais tarde denominaram das Mortes, deixando-o à esquerda para atravessar o Araguaia, presumivelmente, nas proximidades do atual porto do Registro do Araguaia, passaram a trafegar as comitivas em pleno sertão.

Em busca do ouro dos “Martírios”, por volta de 1752, desce o Rio Araguaia uma “bandeira” chefiada pelo paulista Amaro Leite Moreira, embocando por um de seus afluentes, que denominou “Rio das Mortes”, para lembrar o extermínio dos seus companheiros às margens de um dos seus afluentes, que batizou com o nome de Santo Antônio, nele explorando as Lavras do Araés. Esperavam nessas imediações encontrar a Serra dos Martírios com os seus fabulosos tesouros. Amaro fundou ali o Arraial do Araés, a princípio povoado por criminosos foragidos e por elementos de outras expedições que chegaram posteriormente. Até então, inexistia outro sinal de ocupação à margem esquerda do Araguaia, pelo que passou o arraial a servir de sede de um posto mantido pelas autoridades cuiabanas, nos confins daquela Ouvidoria, e intermediário entre Cuiabá e Vila Boa de Goiás, sendo denominado Santo Antônio do Amarante, por ordem do capitão-general Luís Pinto, em 1769.

O arraial, entretanto, não prosperou em consequência da insalubridade da região, da falta de recursos, dos frequentes ataques dos índios e, mesmo, pelas desordens praticadas pelos seus habitantes. Em 24 de março de 1766, Antônio Ribeiro de Brito assassinou a porretadas e cutiladas o juiz e guarda-mor Manoel de Oliveira Ferreira, seu substituto. Os habitantes se dividiram em duas facções irreconciliáveis, entrando em acirradas lutas. Em 14 de maio de 1744, o dragão Domingos Barbosa Leme determinou

a construção, por ordem do governador Dom Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, do maior presídio, que foi instalado em 15 de maio de 1780. Era a presença de autoridades mato-grossenses na região; primeiro para tomar posse, pois a área era litigiosa, e, segundo, para fazer frente a ataques dos índios caiapós e bororos, habitantes desses gerais.

Na criação das províncias de Goiás (1719) e Mato Grosso, desmembradas da Capitania de São Paulo, o rei de Portugal no Brasil-Colônia estabeleceu que a província de Goiás pelo lado oeste chegaria ao Rio das Mortes e por esse abaixo até sua foz, no Parapuava ou Rio Grande.

Na criação da província de Mato Grosso (1725) delimitou a província com Goiás o Rio Parapuava ou Rio Grande (Araguaia), ficando litigiosa a área entre Rio das Mortes e Araguaia, o que fez D. Luís Pereira e Cáceres mandar instituir o presídio de Ínsua, para Mato Grosso se tornar presente na área.

O posto foi denominado Registro de Ínsua, na estrada entre Cuiabá e Goiás, sete léguas aquém do Rio Araguaia. Sob o seu comando, estabeleceu ali o primeiro destacamento policial da zona. Esse posto, em 1º de fevereiro de 1813, foi transferido para o porto do Rio Grande por ordem do novo governante de Mato Grosso, capitão-general João Carlos Augusto D'Oeynhausén Gravenbourg (portaria à parte relacionada), o que deu início ao povoado de Registro do Araguaia, pela transferência dos registros feitos no presídio de Ínsua.

O interregno verificado entre a decadência do ouro e o aparecimento do diamante marcou o início do despovoamento dessa zona. A nova fase, iniciada com a exploração da pedra preciosa, foi assinalada na zona de Rio das Garças por volta de 1895. Entretanto, anteriormente, já havia sido perlustrada por Simião da Silva Arraya, segundo se deduziu da descoberta, nas imediações de sua foz, de uma pedra com a inscrição "S.S. Arraya", atribuída àquele explorador, datada de 1871. Por volta de 1897, Antônio Cândido de Carvalho realiza a exploração do Rio das Garças em toda a sua

extensão, nele verificando a existência de diamantes. A notícia do achado foi amplamente divulgada e logo circulou em toda a zona garimpeira dos estados de Goiás, Minas Gerais, Bahia e Maranhão, avolumando rapidamente o número de faiscadores que chegavam e se expandiam pelos recantos sertanejos. Seguindo os garimpeiros que passavam, por vezes rapidamente, da extrema penúria a felizes achadores de pedras volumosas, marchavam os mercadores ambulantes, os tropeiros e as meretrizes, sócios inseparáveis do dinheiro fácil. Nessa época acende-se o litígio entre Goiás e Mato Grosso, fato que muito contribui para a perturbação da ordem pública nos garimpos, iniciada com os protestos levantados contra o privilégio da mineração obtido pelo coronel Antônio M. Moreira, do governo do Estado, em 1915. A concessão foi revogada em 1923, pelo presidente Pedro Celestino.

A Lei nº 211, de maio de 1899, criou na povoação de Registro do Araguaia, com os mesmos limites do distrito policial, uma paróquia com a denominação de Araguaia. Pela Lei nº 387, de 12 de abril de 1904, foi criada a freguesia de Registro do Araguaia, no município e comarca da capital. Foi elevado à categoria de município com denominação de Araguaia, com termo de comarca da capital e sede na povoação de Registro do Araguaia pela Lei nº 636, de 8 de julho de 1913. Esse mesmo diploma legal deu à povoação a categoria de vila. A Lei nº 696, de 12 de junho de 1915, criou o Distrito de Paz de Santa Rita do Araguaia. E, depois, elevado a comarca pela Lei nº 698, de 12 de junho de 1915, com sede na vila de Registro do Araguaia, mais tarde transferida para a vila de Santa Rita do Araguaia como determinou a Lei Orçamentária nº 873, de 24 de junho de 1922, cujo cumprimento se deu pelo decreto nº 615, de 20 de janeiro de 1923. Em 1932, pelo decreto nº 161, de 21 de abril, a vila de Registro do Araguaia e o município recebem a denominação de Araguaiana. Mais tarde, pela Lei 121, de 15 de setembro de 1948, a sede daquele município foi transferida para o distrito de Barra do Garças, que encampou toda a área territorial, passando a ser um município com o nome Barra do Garças.

BARRA DO GARÇAS

O município

Com área de 6.061 km², Barra do Garças localiza-se no Leste do Estado de Mato Grosso, às margens dos rios Garças e Araguaia. O município faz fronteira com o Estado de Goiás, no município de Aragarças, e limita-se com os municípios mato-grossenses de Pontal do Araguaia, General Carneiro, Nova Xavantina, Araguaiana e Novo São Joaquim do Rio Manso. Distante 400 km de Goiânia e 494 de Cuiabá, com acesso rodoviário através das BRs-070 e 158, população estimada em 94.200 habitantes, comércio bastante expressivo e buscando sua industrialização plena, o município de Barra do Garças se destaca pelas suas belezas naturais, complexos turísticos, clubes campestres e pela hospitalidade do seu povo.

A agricultura e a pecuária, que utilizam técnicas cada vez mais avançadas, representam um dos esteios básicos da economia do município, que por sua posição geográfica e estratégica – Portal de Entrada para a Amazônia – destaca-se como polo de desenvolvimento da região.

FUNDAÇÃO DA CIDADE

A fundação da cidade de Barra do Garças está diretamente ligada ao garimpo, sua primeira atividade econômica, e deu-se por volta do ano de 1924, quando chegaram à região as primeiras levadas de garimpeiros procedentes dos mais diversos pontos do país e se estabeleceram às margens dos rios Garças e Araguaia. Daí para os dias atuais e com o progresso cada vez mais crescente, veio a emancipação político-administrativa no dia 15 de setembro de 1948, data comemorada com muita festa pelos barra-garcenses.

RELEVO DOS MUNICÍPIOS QUE CONSTITUEM A GRANDE BARRA

O quadro geomorfológico dos municípios da Grande Barra está representado por duas unidades geomorfológicas distintas, ou seja, o Planalto do Rio das Mortes e a Depressão do Araguaia.

O Planalto do Rio das Mortes, que constitui no Estado o limite norte dos planaltos sedimentares, ocupa extensa área no centro-sul desse município, o qual recebe denominações locais. É formado principalmente por arenitos assentados sobre filitos da Série Cuiabá. Seu relevo consiste em extensos e uniformes chapadões sulcados por inúmeros cursos d'água, na maioria das vezes, tranquilos, exceto nas proximidades das bordas do planalto, onde se formam grandes cachoeiras.

Inúmeros são os rios que têm percurso nessas unidades, dentre eles o das Mortes, que forma um dos sistemas hidrográficos da área.

O Rio das Garças tem suas nascentes nos cerrados do município de Alto Garças, desenvolvendo seu curso através de vales bastante profundos. Nessa área, o rio serve a sede administrativa e estabelece divisa com o município de Pontal do Araguaia.

A Bacia do Araguaia, face à sua importância, foi incluída nos planos de ligações dos sistemas hidrográficos da região.

CLIMA

O clima predominante nos municípios da Grande Barra é do tipo quente semiúmido, assim como na grande maioria dos municípios mato-grossenses. Sua característica principal é a frequência das temperaturas elevadas durante todo o ano. A estação seca, nessa área, é bastante pronunciada, com duração de quatro a cinco meses.

Em resumo, o clima é do tipo quente semiúmido, com quatro a cinco

meses secos.

VEGETAÇÃO

O cerrado constitui a paisagem dominante. Apresenta-se com uma fitofisionomia que varia desde o tipo arbóreo xeromorfo a tipo herbáceo-arbustivo. Tais distinções estão relacionadas, principalmente, às diferenças pedológicas e topográficas.

EVOLUÇÃO POLÍTICA, ADMINISTRATIVA E JUDICIÁRIA DE BARRA DO GARÇAS

O município, no decorrer de sua história, passou por modificações administrativas, territorial e judiciária.

Pela Lei nº 387, de 12 de abril de 1904, foi criada a Freguesia de Registro do Araguaia, no município e comarca da capital. Posteriormente, pela Lei nº 636, de 8 de julho de 1913, foi elevada à categoria de município com a denominação de Araguaia e com sede na vila de Registro do Araguaia. Sua área foi desmembrada do município de Cuiabá, passando a constituir termo daquela comarca. Em 1915, tornou-se sede de comarca pela Lei nº 698, de 12 de junho.

Barra do Garças foi um município que sucedeu, em 1948, o município de Araguaiana em toda área e contexto.

O desenvolvimento do distrito de Barra do Garças foi rápido: em 15 de setembro de 1948, conforme Lei nº 1.940, de 11 de novembro e o segundo em 3 de dezembro, pela Lei nº 2.051. Nesse mesmo ano, verificaram-se modificações internas nesse município, quando, pelas leis nº 2.059 e 2.077, ambas de 14 de dezembro, foram criados os distritos de Ministro João Alberto e Toricueje, respectivamente.

Em 1976, pela Lei nº 3.689, de 13 de maio, quando por ocasião da elevação de São Félix à categoria de município, esta unidade municipal transferiu grande parte do seu território para a formação daquele

município. Ainda nesse ano, foram criados os dois últimos distritos, ou seja, Nova Brasília e Canarana, ambos datados de 29 de junho, pelas leis nº 3.759 e 3.762. Em 1979, em decorrência da emancipação política de Canarana e Água Boa, conforme a Lei nº 4.165/6, de 26 de dezembro, mais uma vez, foram desanexadas partes de sua área para a formação dos respectivos municípios. Finalmente, em 1980, ocorreu o último desmembramento e, desta vez, foi com a elevação de Nova Xavantina à categoria de município, pela Lei nº 4.176, de 3 de março, organizando-se territorialmente com área dos distritos de Ministro João Alberto e Nova Brasília, extintos simultaneamente pela mesma lei.

INFORMAÇÕES DO MUNICÍPIO

- Área: 6.061 km²
- População estimada: 94.200 habitantes
- Escolas de 1º Grau: 49
- Escolas de 2º Grau: 10
- Universidades: 2
- Aeroporto: 1
- Voo (TAM): 1 por dia
- Rede bancária: 7
- Cooperativas de crédito: 2
- Meios de comunicação: DDD, DDI, Telefonia celular
- Telecomunicação: 3 rádios, 2 emissoras de TV, 2 jornais;
- Futura instalação de porto hidroviário: Hidrovia Araguaia-Tocantins.
- Pecuária: reduzida, depois de emancipados os municípios da Grande Barra.
- Agricultura: 1.712 ha
- Hortifrutigranjeiros: 25 ha
- Abastecimento de água: 95% da população atendida
- Esgoto sanitário: 40% atendidos; 50% com fossas sépticas
- Energia elétrica: 95% da população atendida

- Pavimentação urbana: 80% da área urbana
- Transportes: 27 linhas urbanas, 80 ônibus intermunicipais, 7 empresas com linhas diariamente para Goiânia, Cuiabá, Brasília, São Paulo, Rio Grande do Sul e outros estados.
- Estrutura da população: adulto, 49%; 3ª idade, 11%; jovem, 40%.

Inserção produtiva:

- Pecuária: 1.800 trab.
- Comércio: 2.600 trab.
- Indústria: 1.100 trab.
- Prestação de serviços: 500 trab.
- Servidores públicos; 1.500 trab.
- Outros: 200 trab.
- Saúde: 7 hospitais, 284 leitos, 36 médicos, 110 auxiliares e atendentes
- Centros Comunitários: 10
- União de bairros: 32
- Lazer: 1 estádio, 2 ginásios de esporte, 6 clubes, Parque das Águas Quentes, Parque Estadual da Serra Azul, Porto do Baé, piscinas naturais do Lajedo, Rio Garças, Rio Araguaia, praias
- Pontos turísticos: diversas praias, rios Araguaia e Garças, termas, cachoeiras, Serra do Roncador, Parque Estadual da Serra Azul, grutas, Sítio Paleoto.
- Malha viária: BR-070, BR-158, BR-364, GO-060, GO-0174, MT-100, MT-110, MT-260.
- Hotelaria:
 - 15 hotéis: 238 apartamentos, 80 quartos
 - 5 motéis: 44 apartamentos
 - 6 pensões: 60 quartos
- Estabelecimentos comerciais e de prestação de serviços: 2.483
- Nº de indústrias: 86

RETRATO HISTÓRICO

TRANSCRITO DO LIVRO BARRA DO GARÇAS NO PASSADO

Barra do Garças é uma cidade com uma linda história e um passado de orgulho. Nasceu da pertinácia dos aventureiros bandeirantes e dos garimpeiros que, numa vida de lutas e sacrifícios, alimentados pela esperança de alcançar a riqueza, enfrentaram as intempéries, desbravaram regiões e construíram núcleos.

Começou na procura de um tesouro (uma garrafa cheia de diamantes). Isso nos traz a lembrança da lenda daquele lavrador, pai da numerosa família que, já trôpego pela senilidade, às vésperas da morte, chamou os filhos e disse: “Meus filhos, nestas terras (apontou para o seu sítio) enterrei há muitos anos um tesouro; alguns quilos de moedas de ouro e algumas joias de alto valor. Não tenho mais condição de dizer o lugar certo, mas creio que está entre este vale e aquela serra; só posso afirmar que está na superfície da terra, numa profundidade de menos de meio metro. Antes da minha morte, gostaria de repartir esse tesouro com vocês”.

Os filhos se interessaram pela procura da riqueza e se entregaram ao trabalho de pesquisa, lavrando e arando a terra indicada. Ao término da primeira procura, nada tendo encontrado, para não perderem o trabalho com a terra revolvida, resolveram plantá-la, e em seguida foram colhidos os frutos de uma boa safra. No ano seguinte, os filhos empreenderam novas pesquisas e sucessivamente o plantio, e assim, na sequência dos anos de procura, não encontraram o tesouro de ouro e joias, mas o fruto do trabalho amanhando a terra que seu

pai deixara e que representava, figuradamente, o tesouro por ele almejado aos filhos.

Barra do Garças também tem sua história ligada à procura de um tesouro lendário, onde se encontrava a pedra S.S. Arraya 1871; deve ainda estar escondido. Seus procuradores não lograram o êxito do achado, mas deixaram para a posteridade esta rica, hospitaleira, dadivosa e progressista cidade.

A lenda ou estória do frasco milionário que foi enterrado por Simião da Silva Arraya tem a ver com a pedra S.S Arraya 1871, situada na foz do Garças com o Araguaia (hoje tombada pelo Patrimônio Público Municipal e que se encontra ao lado do prédio da Prefeitura, na Praça Tiradentes). Nas palavras de José Pedro, velho morador que morou na área antes de afluência garimpeira, a inscrição foi feita por Simião da Silva Arraya, um velho seu conhecido, quando regressava do fim da Guerra do Paraguai liderando uma caravana desmobilizada no presídio Macedina.

Já Raul José de Mello, antigo coletor das rendas estaduais de Registro do Araguaia e pessoa merecedora de crédito, dizia ter em mãos a cópia do testamento de um dos herdeiros daquele tesouro, o pai de Marcos Afonso. A versão é bem parecida, mas tem outra estória. Segundo Raul, no ano de 1871, o pai de Marcos Afonso, Simião da Silva Arraya e outros dois integrantes, ex-combatentes da Guerra do Paraguai, ao serem desmobilizados, resolveram iniciar uma garimpagem de outro na confluência do Rio Garças, nas proximidades da barra do Córrego Voadeira.

Nas pesquisas encontraram muitos diamantes, pelos quais na época não havia grande procura, portanto, eram de difícil comercialização. Sabedores do valor daquelas pedras preciosas, resolveram ir guardando-as numa garrafa. De certa feita, assediados e atacados por índios bororos, habitantes natos, empreenderam fuga e enterraram

a garrafa de diamantes num monte de cascalho situado nas proximidades de uma grande pedra na beira do rio, e foram homiziar-se nas fazendas das proximidades de Bom Jardim para voltarem logo que os índios abandonassem o local de garimpagem. Em seguida, teve início o período chuvoso e o monte de cascalho foi imerso. Quando voltaram, resolveram marcar a pedra que lhes serviria de baliza ou orientação, fazendo a inscrição já comentada.

Durante alguns anos insistiram na procura da garrafa, e nesse ínterim faleceu um dos donos, o pai de Marcos Afonso, que e em seu testamento usou as seguintes expressões: "Além dos bens deixados, meus herdeiros ainda terão direito a uma quarta parte na garrafa de diamantes que se encontra enterrada na confluência do Rio Garças, em local assinalado numa pedra com a inscrição: S.S. Arraya 1871".

Barra do Garças, assim parece que teve sua origem numa estória lendária de riquezas. No seu início muitos estiveram presentes à procura de diamantes, do índio ou de ouro. Hoje é a exuberância de sua agricultura, com terras férteis e dadivosas, o fator primordial.

PENETRAÇÃO DE CIVILIZADOS NA REGIÃO

Histórico

O Araguaia mato-grossense foi desbravado em 1752 pelo bandeirante Amaro Leite Moreira, que veio em busca do "Ouro dos Martírios", no Vale do Araés. Em 1774, o Registro de Ínsua foi o primeiro posto avançado que culminou com o povoado de Registro do Araguaia (hoje Araguaiana), que por mais de um século foi roteiro de pioneiros, missionários e aventureiros.

Em 1924, a 13 de junho, Barra do Garças foi fundada, pelos garimpeiros do norte Antônio Cristino Côrtes e Francisco Dourado. Em 1936, foi

o povoado elevado à categoria de vila. Em 15 de setembro de 1948, pela Lei nº 121, a sede do município foi transferida de Registro do Araguaia (Araguaiana) para Barra do Garças, que assume sua emancipação político-administrativa, numa ação conjunta do então prefeito Antônio Paulo da Costa Bilego e do deputado estadual Heronides Araújo.

BARRA DO GARÇAS

HISTÓRIA DA HISTÓRIA

BARRA DO GARÇAS, SEU DESENVOLVIMENTO

PRIMEIRA FASE

— **GARIMPEIRA**

A primeira fase garimpeira foi vivida nos anos de 1924 a 1942, quando um grupo de garimpeiros liderados por Antônio Cristino Côrtes e Francisco Bispo Dourado instalou-se na região à procura das gemas preciosas, edificaram as primeiras casas, alinhavam as primeiras ruas e, através da propaganda e da afluência de nordestinos, deu início à povoação.

A habitação do Leste Mato-grossense foi considerada pelas autoridades do Estado como invasão. A garimpeirama não encontrava estradas, escolas, hospitais, ou outro qualquer melhoramento feito pelo governo, a não ser delegados, policiais e fiscais, o que provocou choque entre os garimpeiros e governos, formando uma rebeldia que deu origem à revolução Morbeck versus Carvalhinho.

Foi nesse período que Barra do Garças serviu de quartel-general dos revoltosos de Morbeck, revolução garimpeira que se processou na região do Rio Garças, contra a prepotência do então governador do Estado, Dr. Pedro Celestino Corrêa, que pretendia obrigar os garimpeiros a entregar as minas às companhias estrangeiras.

E, sob a orientação do Dr. José Morbeck, foi organizada uma revolução que se desenvolveu na região de Cassununga, Pombas, Poxoréu, Lajeado e Santa Rita do Araguaia, denominando-se o movimento

sedicioso “Morbeck versus Carvalhinho”.

Em Barra do Garças, durante o período das refregas, era sediado o grupo do Dr. José Morbeck, sob a orientação dos irmãos Antônio Cristino, Calixto Côrtes, Leonardo Côrtes e Pedro Cristino, Ondino Lima, Salvador da Hora, Candinho.

Foi nesse período que se criou a primeira escola, denominada Rui Barbosa, assim como cartório, subdelegacia de polícia; foi também construída a estrada de rodagem Barra-Goiânia ligando à estrada que servia entre Uberlândia e Baliza, que naquela época eram as cidades mais importantes.

Uberlândia era uma espécie de Pequena São Paulo, pois servia Goiás, Mato Grosso, Maranhão e grande parte de Minas Gerais. Baliza era a Capital dos Diamantes, onde se encontravam os maiores comerciantes e capangueiros.

SEGUNDA FASE – 1943-1964

— FUNDAÇÃO BRASIL CENTRAL

No segundo período, vemos a região do Oeste goiano e Leste mato-grossense viver à custa da Fundação Brasil Central, criada pelo ministro João Alberto e instalada em Aragarças em agosto de 1943. Ela dominou econômica e politicamente o Brasil Central, trazendo um afluxo de progresso e melhoramentos à região, importando novos costumes e, até mesmo, uma civilização aprimorada inspirada nos grandes centros, através de gestos, vestimentas e da vida sócio-recreativa.

Foi a fase mais lembrada e até saudosa que Barra do Garças viveu, pois conseguiu suplantar grandes municípios que lideravam a economia regional, ultrapassando Baliza, Lajeado, Rio Bonito, Iporá e

outros que eram visados como centros polarizadores do ensino e da economia. Foi nesse período que se efetivou a transferência da sede do município de Araguaiana para Barra do Garças, em 15 de setembro de 1948, e elevação a comarca em 12 de novembro de 1949. Houve a criação das agências do Banco Brasil e do Banco Financial, criação do primeiro ginásio e do Instituto Madre Marta Cerutti – Escola Normal. Dessa forma, nesse período, foi vivida a fase mais importante para a sobrevivência da cidade, que passa a liderar os municípios-satélite.

TERCEIRA FASE - 1964 a 1973

— AGROPECUÁRIAS E INCENTIVOS FISCAIS

Foi durante esse período que houve a afluência de capitais paulistas, com a compra de grandes faixas de terras no município para exploração pecuária, usando dos benefícios de incentivos fiscais oferecidos pelo governo através do Imposto de Renda, e como o município de Barra do Garças era um dos maiores em extensão territorial, com preços reduzidíssimos das áreas de terras, levando aos pretendentes um bom investimento de capital. A aquisição de terras se tornou a vida econômica regional, e a criação de gado, o melhor investimento, pela rentabilidade oferecida pelos programas elaborados pelo governo para desbravamento e ocupação da Amazônia Legal, que em Mato Grosso atingiu o Paralelo 16, abrangendo todo o município de Barra do Garças.

Criaram-se nessa fase as maiores fazendas como: Suiá-Missu, 2 Âncoras, fazenda Brasil, Guanabara, Agro-Peixinho, Saudade (hoje fazenda da Rádio Globo, município de Cocalinho, onde foi rodada a novela "O Rei do Gado"); Taquaral, Alvorada, Santa Sílvia, Santa Lúcia e Bonança-Açu e um grande número de investimentos agropecuários que elevaram o rebanho bovino naquela época a 1.300.000 reses

em todo o contexto do antigo município, desmembrado depois em 19 unidades: além de Barra do Garças: General Carneiro, Novo São Joaquim, Campinápolis, Nova Xavantina, Araguaiana, Água Boa, Canarana, Querência, Ribeirão Cascalheira, Alto Boa Vista, São Félix do Araguaia, São José do Xingu, Porto Alegre do Norte, Confresa, Santa Teresinha, Vila Rica, Canabrava do Norte, Luciara e Cocalinho.

QUARTA FASE - CONTEMPORÂNEA

— GAÚCHOS E A AGRICULTURA

Os gaúchos são os responsáveis por esse progresso avançado da lavoura e, dentre eles, deve ser destacado como pioneiro do progresso o Sr. Norberto Schwantes, diretor, organizador e mentor da Cooperativa 31 de Março, Coopercana e Conagro, órgão de suporte, orientação e promoção de Barra do Garças. Mesmo sendo de Mato Grosso, deve seu progresso a duas migrações: a Nordestina, durante a fase garimpeira ou de implantação, e a Gaúcha, na fase desenvolvimentista ou produtora.

AS TRIBOS INDÍGENAS

As reservas indígenas das nações Xavante e Bororo estão na Região da Grande Barra do Garças, em São Marcos, Sangradouro, Campinápolis e Xavantina. Visitas às aldeias, só com autorização prévia da Funai.

Acesso pelas rodovias BR-070 e 158.

Estima-se atualmente a população Xavante em 8 mil índios.

GEOGRAFIA

BACIA HIDROGRÁFICA

Rios menores:

Barreiro, Corrente, Fogaça; córregos: Grande, Água Limpa, Matrinchã, Boqueirão, Taquaral, Mineiro, Ínsula, Ouro Fino, Pitombas, Águas Quentes, Bateia, Índios, Voadeira e outros menores.

Barra do Garças é o centro geográfico do Brasil. Município localizado na Microrregião do Médio Araguaia do Estado de Mato Grosso, na região Centro-Oeste.

HISTÓRIA

A impressão inicial que se tem, ao chegar à progressista cidade de Barra do Garças, na fronteira do Mato Grosso com Goiás, é de que começou no Brasil uma nova “corrida”. Desta vez, os agricultores abandonam suas pequenas propriedades não para procurar ouro – como fizeram seus antecessores na Califórnia –, mas para retirar das abundantes terras mato-grossenses as riquezas que elas escondem.

COMO SE DEU O INÍCIO DO POVOADO

A foz do Garças, onde havia apenas uma moradia, ponto de pernoite de passageiros, até 1924 permaneceu sem notas dignas de destaque, qual não seja a presença de Simião da Silva Arraya e Marcos Afonso de Oliveira, garimpeiros que enterraram uma garrafa de diamantes junto à pedra S.S. Arraya.

O povoado de Barra do Garças teve início quando Antônio Cristino Côrtes e seu compadre Francisco Dourado, saindo de Registro do Araguaia, se destinavam aos garimpos do Garças. Ao pernoitarem na casa de José Pedro, este lhes informou que nas imediações da barra

do Córrego Voadeira havia encontrado pedrinhas de diamantes que, vistas pelos garimpeiros, imediatamente, lhes despertaram a cobiça, e se interessaram pela exploração na região orientada.

Em 1925, como já era grande o número de garimpeiros no local, apareceram os primeiros comerciantes e outros exploradores dos bamburristas.

Ainda em 1925, deflagrou-se a revolta "Morbeck x Carvalhinho".

Os homens da região em sua maioria seguiram para a revolução, e as desordens locais contribuíram para o despovoamento do lugarejo.

Entre os anos de 1926 e 1933, decorre um período de paz na região, com uma população reduzidíssima, que só veio a ter maior desenvolvimento com a descoberta do garimpo da praia e o achado de um diamante de 10 quilates por Joaquim Mendes de Souza (Joaquim Guardiato), época de grande afluência garimpeira.

Nova fase de progresso lento marca Barra do Garças, entre 1933 e 1936, quando foi criado o distrito, do povoado à categoria de vila. Em decreto do governador Mário Corrêa, foi instalado o Cartório de Paz e nomeada Ana Dolores Peres Bilego como primeira escritã e Basílio Bispo Dourado como juiz de paz, e Claro Magalhães, delegado.

FATOS HISTÓRICOS

No ano de 1936, mês de maio, passou por Barra do Garças o príncipe Dom Pedro de Orléans e Bragança, juntamente com seus filhos Dom João e princesa Dona Francisca. Ele era filho da princesa Isabel, a Redentora, e neto de Dom Pedro II, Imperador do Brasil. Foi a visita mais ilustre que Barra do Garças já recebeu até hoje, apesar de já haver sido visitada por presidentes da República, como Getúlio Vargas e Eurico Gaspar Dutra, em 1945; Juscelino Kubitscheck, em 1956;

Jânio e Ademar de Barros, quando candidatos em 1960; pelo íncrito e saudoso presidente da Nova República Dr. Tancredo de Almeida Neves, em duas ocasiões: uma para fundar o Partido Popular em 25/01/1980, e outra como presidente eleito. Após sua vitória, Barra do Garças o homenageou com o título de Cidadão Barra-garcense, em 22/01/1985.

Vejamos agora figuras ou personagens que ocuparam o primeiro lugar em determinadas circunstâncias:

- A primeira pessoa nascida em Barra do Garças foi Madalena Lira, filha de Francisco Lira, no ano de 1924, entretanto, não se registrou na época.
- A primeira pessoa sepultada em Barra do Garças foi Sebastião Rafael, assassinado em 1924, dando origem ao primeiro cemitério (hoje, demolido), em frente à atual Estação Rodoviária.
- Os primeiros professores nomeados: Dona Antônia Almada de Souza (Nenzica), em 1932, e Newton do Carmo, ano de 1934, primeiro professor estadual.
- A primeira autoridade administrativa municipal foi Dona Joana Cristino Côrtes, nomeada subprefeita da Vila Barra do Garças, ato nº 03, de 16/07/1936, nomeação do prefeito de Araguaiana, Sr. Eurico Teixeira.
- O primeiro subdelegado de polícia foi Claro Magalhães, nomeado no ano de 1936.

INSTITUTO MADRE MARTA CERUTTI

HISTÓRIA DAS SALESIANAS EM BARRA DO GARÇAS



“Conheça a verdadeira história do ensino em Barra do Garças, iniciada na Escola Coronel Antônio Cristino Côrtes, sob a orientação das Irmãs Salesianas”

Relato da Irmã Bernadete:

O Instituto Madre Marta Cerutti, na cidade de Barra do Garças, teve sua origem no dia 24 de fevereiro de 1956 com a chegada das Irmãs Salesianas, filhas de Maria Auxiliadora, sob a orientação e direção da abnegada Irmã Diva Pimentel, coadjuvada pelas Irmãs Joaquina Figueiredo, Bethy Pires e Dionísia Pivot (que em Barra do Garças veio a falecer).

Por solicitação das autoridades locais, o governador do Estado, Dr. João Ponce de Arruda, entregou o Grupo Escolar Coronel Antônio Cristino Côrtes, para assumirem a direção do ensino na cidade num contrato de cinco anos, que funcionava num prédio construído pelo prefeito Antônio Paulo da Costa Bilego, onde as irmãs se localizavam. Moravam lá, em uma salinha muito mal instalada.

Na época, a inspetora era Madre Carmelita Mioletti e a madre geral, Linda Lucotti. O bispo, Dom José Selva e seu auxiliar, Dom Camilo Faresin, sendo o Sumo Pontífice Pio XII.

Todas as irmãs eram nomeadas pelo governo para dar aulas e com o salário recebido mantinham suas despesas. Já no primeiro domingo que aqui estavam, o Oratório Festivo foi fundado, comparecendo 100 meninas e 50 meninos. O ardor missionário dessas nossas primeiras irmãs era vibrante e entusiasta.

As famílias barra-garcenses ansiavam muito pela chegada das Salesianas aqui, pois já eram bem conhecidas em Araguaiana pela formação educacional que ofereciam à juventude.

Em 1957, iniciaram também o Oratório na vizinha cidade de Aragarças, separada pelos rios Garças e Araguaia. Iam duas irmãs após a Missa Dominical, de canoa, e voltavam às 11h.

1958 – Inaugurada a ponte sobre os rios Garças e Araguaia. Os alunos prestaram homenagem ao atual presidente Juscelino Kubitscheck, presente naquela solenidade. Naquele ano, deu-se início ao Curso de Datilografia, até hoje, funcionando sob a coordenação da Irmã Angélica Pedrali.

No dia 5 de agosto daquele ano, as irmãs receberam a escritura do terreno onde é hoje o Me. Marta e ali havia um grupo velho, assim chamado na época: doação da Prefeitura.

1959 – Não há clareza na crônica da casa do dia certo que as irmãs deixaram a Casa de Cristino Côrtes e se mudaram para o Grupo Velho. Mas diz assim: “Dia 2 de março, iniciamos o ano letivo com mais de 600 alunos e com muita vontade de fazer o bem a eles / Depois: na Páscoa, o tradicional passeio com 5 irmãs e 4 alunas internas e a responsável do grupo”.

1962 - O presidente da Fundação Brasil Central promete ajudar na construção do Instituto Santa Marta; no dia 17 de janeiro, veio ver o local da construção. O terreno foi ampliado por mais um lote, doado pelo benfeitor, Sr. Waldemiro Rego Flores, falecido neste mês dia 12. No ano de 1962, as irmãs sofreram a grande perda da nossa Ir. Deolinda Pivot, falecida repentinamente.

1963-1964 - Início do Curso Ginásial com 1 mil alunos externos.

1967 - Criação do Curso Normal (hoje Magistério)

1973 - Funcionamento da pré-escola, de 1ª a 8ª série e o Normal.

1975 - A Escola recebe o atual nome: Escola Estadual de 1º e 2º Graus Madre Marta Cerutti, tendo como mantenedor o Instituto Madre Marta Cerutti. Neste ano, à noite, para atender os que trabalham durante o dia, foi aberto o Curso de Enfermagem.

1978 - Com esses cursos, num total de 900 alunos, a comunidade educativa empenha-se em realizar o Projeto Apostólico de Dom Bosco: “Ser sinal e ser portadora do amor de Deus aos jovens oferecendo-lhes, ao mesmo tempo, competência profissional e cultura, fazendo-se amar e fazer-nos amar”.

Alunas Internas: 45. **Esporte:** com muita animação. **Fanfarra:** com 64 integrantes, mereceu o 1º lugar neste ano. **Ex-alunas:** um pequeno grupo funcionando bem. Idem a assistência de pais e mestres. **Cursos de promoção humana nas periferias:** auxiliados pelo PIPMO, LBA e

Católicos da Alemanha, ainda hoje com outra estrutura e assessorado pela Irmã Alice Venuto.

À noite, ainda o supletivo pelo Estado. **Atividades Pastorais:** Grupo de Adolescentes e Pré-Adolescentes; Pequenos Amigos de Maria (PAM); Grupo Vocacional; Curso de Catequistas; Assistência Religiosa nas Escolas (LAS); Eucaristias; Animação Paroquial.

Comunidade Religiosa: 13 irmãs. Diretora: Ir. Darcy Dantas. Até 1991, a comunidade religiosa conservou o número entre 10 e 13 irmãs. Atualmente, somos 7 funcionando da pré-escola à 8ª série. Pastoral Escolar dinâmica, trabalhando com os líderes de salas e sob a coordenação de uma equipe de leigos.

A obra social funciona com os cursos profissionalizantes: Corte e Costura; Pintura; Tricô; Datilografia.

Atividades extras: Esporte: campeões do ano: Fanfarra; Danças; Mini Coral; Conjunto Musical.

A casa e a Chácara Oásis estão sempre abertas às atividades da paróquia e para as vocacionadas em experiência.

Pela obra social há atendimentos: construções e compras de casas, passagens, dentista e alimentação.

Obs.: As Irmãs Salesianas, quando aqui chegaram, passaram muitas dificuldades e chegaram a passar fome.

Quando nada tinham para o almoço, a Ir. Joaquina, para amenizar a falta de suprimento alimentar, certa vez apareceu nas classes com um ovo na mão e um pedaço de carne, pedindo que a garota que havia trazido aquele ovo e carne levasse a sua mãe o agradecimento e que elas iriam orar pela felicidade do lar, pela clemência em auxiliar o suprimento da despensa das irmãs.

Daquele dia para frente, não faltaram mais ovos, verduras e alimentos trazidos pelos alunos, julgando que a apresentação da Ir. Joaquina era verdadeira.

Entretanto a estratégia deu efeito positivo, pela colaboração da comunidade a fim de minorar a deficiência de certos alimentos.

Para uma quantidade maior, recorriam à Casa das Irmãs de Araguaiana que sempre tinha a mais, porque chegaram lá primeiro e plantavam no próprio quintal.

Quando ainda moravam em um dos quartos da Escola Cristino Côrtes, Dom Zijote, superior geral dos salesianos, veio visitá-las; Ir. Diva Pimentel pedia à Ir. Joaquina que trouxesse algo para ele tomar.

Não encontrando esse “algo”, Ir. Joaquina, com a criatividade que lhe é característica, dissolveu um pouquinho de Marmelada Cascão em um copo d’água e mais umas gotas de limão e foi oferecer ao visitante do primeiro mundo. Aquela autoridade eclesiástica elogiou muito a beberagem que denominou “suco de marmelada”.

O colégio Madre Marta inicialmente recebia alunas internas e estas faziam todo o serviço (não havia funcionários). Inclusive carregaram muitas pedras para a construção. Lavavam roupa e se banhavam no pequeno córrego que existia no fundo do quintal.

Graças ao trabalho heroico das nossas primeiras Irmãs, o Madre Marta está conseguindo dar uma resposta positiva à sociedade barragarcense.

NOTA: Sr. Varjão, são pequenos fatos mas verdadeiros. Desculpe a pressa. Não disponho de tempo por causa da minha transferência. Fica o meu reconhecimento por tudo que foi e é para nós, Salesianas. Foi nos primeiros tempos o nosso grande benfeitor e amigo. Hoje, continua, mas as coisas mudaram e as suas Irmãs do Me. Marta o

reconhecem até hoje como benfeitor e amigo. Quando eu vier à Barra, qual seja o motivo, vou visitá-lo.

Grata,

Ir. Bernadete de Lima Barros

Endereço: Casa N. Senhora da Paz
Av. Fernando Corrêa da Costa, nº 3250 - Coxipó da Ponte.
CEP 78.020-970 - Cuiabá

(Transcrito do Livro: *Anais Históricos da Escola*)

BARRA DO GARÇAS

PORTAL DA AMAZÔNIA



Você vai conhecer historicamente um dos mais importantes municípios de Mato Grosso: Barra do Garças, uma cidade onde a história se confunde com a própria história do Brasil, pois ali que aconteceram pelo menos dois dos seus grandes momentos: o início da caminhada Expedição Roncador-Xingu, em 1943, como a primeira

ação do governo para ocupar a região central do Brasil, e o processo de colonização de todo o Vale do Araguaia, nos anos 70, o que permitiu o surgimento de dezenas de municípios e a extensão agropecuária de grande parte da região Centro-Oeste do país.

A esses motivos podemos somar mais dois aspectos não menos importantes: o primeiro é o místico-religioso, que já faz parte do dia a dia da cidade e tem atraído esotéricos, ufólogos, cientistas e estudiosos de todas as partes do planeta, que se fascinam com os enigmas e mistérios ocultos da região da Serra do Roncador.

O outro ponto importante são as belezas naturais, o maior patrimônio do município, que agradam tanto os adeptos do montanhismo como os que gostam da praia ensolarada ou banhos termais.

É por essas razões e outras que você deve conhecer agora Barra do Garças, que merece, sem sombra de dúvida, o título de Portal da Amazônia.

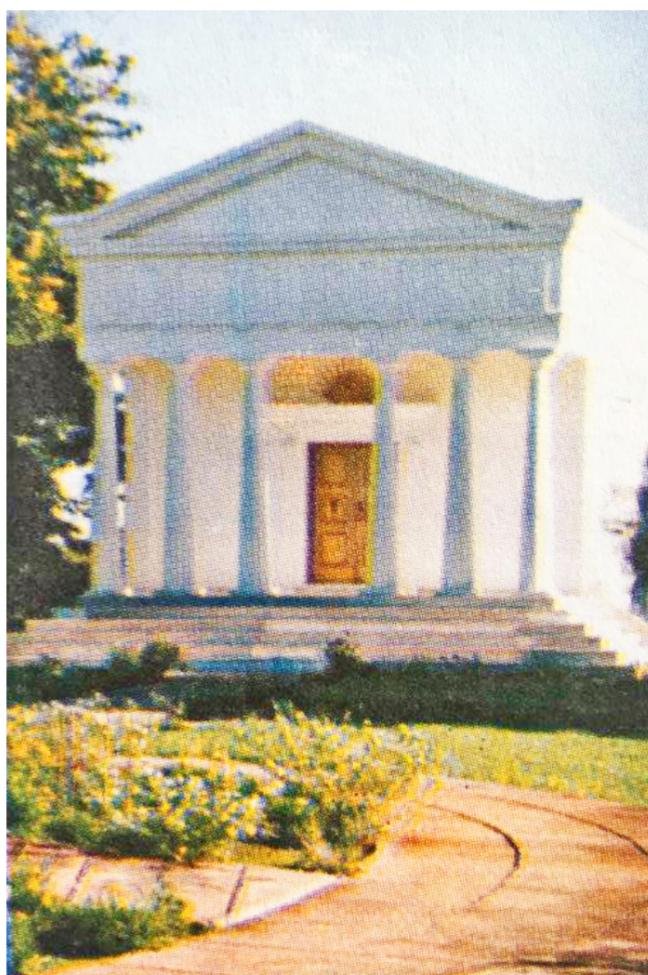
Barra do Garças está localizada na microrregião do Médio Araguaia, no Leste do Estado de Mato Grosso, divisa com o Estado de Goiás, mais precisamente no Centro Geodésico do Brasil, com as seguintes coordenadas: latitude sul 15°55' e longitude oeste 52°15'. A sede do município está na margem esquerda do Rio Garças, no ponto onde ele se encontra com o Rio Araguaia. É um local privilegiado. Aqui se encontram dois estados e três cidades brasileiras: Barra do Garças e Pontal do Araguaia, no lado mato-grossense, e Aragarças, no Estado de Goiás.

As três irmãs xipófagas do Araguaia, como são conhecidas, formam a chamada Grande Barra, e se confundem de tal forma que muitos não percebem quando mudam de cidade ou mesmo de estado.

Do lado oeste de Barra do Garças, está a cadeia de montanhas que forma a Serra Azul, um dos braços da lendária Serra do Roncador. A

topografia do lugar fez com que a cidade fosse se desenvolvendo com a serra e com os rios, criando uma relação muito próxima com a natureza.

A sensação de estar rodeado por serras verdejantes, rios caudalosos, cachoeiras dos mais variados tamanhos, interfere positivamente no humor dos habitantes.



Templo de Eubiose - Nova Xavantina

Nesse lugar as pessoas têm a possibilidade de viver o dia a dia com aquela certeza interior que fala da imensidão da natureza e que todos nós fazemos parte dela.

A história de Barra do Garças é cheia de aventuras, lendas e controvérsias. Os registros mencionam que a primeira penetração na região foi feita em 1672, quando o bandeirante paulista Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhanguera, desbravou essas terras em busca de ouro e de índios para escravizar.

Alguns anos depois, a expedição de Manoel Campos Bicudo subiu o Rio Cuiabá, cruzou Paranatinga e chegou até o Rio Grande, hoje

Araguaia, na região dos Araés. Ali ele teria encontrado a Serra dos Martírios, uma colina repleta de pepitas de ouro a céu aberto que lembravam os instrumentos do martírio de Cristo.

A lenda dos Tesouros dos Araés se espalhou com rapidez por quase 300 anos, atraiu bandeirantes e garimpeiros. Em 1719, o rei de Portugal determinou a criação da Província de Goyaz, em uma grande área desmembrada da Província de São Paulo.



Serra do Roncador

Segundo as ordens do rei, a fronteira da nova província, pelo lado oeste, chegaria ao Rio das Mortes, descendo por ele indo até um ponto onde deságua no Rio Parapuava (ou Araguaia).

“Logo em seguida criaram a Província de Mato Grosso. Nela houve impasse, porque diziam que Mato Grosso se estendia até o Rio Grande (que é o Araguaia), ficando esse território todo litigioso, sendo de Mato Grosso e de Goiás ao mesmo tempo e não sendo de ninguém porque os garimpeiros é que estavam dominando”.

Tomando a frente, em 1780, o então governador de Mato Grosso, Luís Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, mandou instalar na região

do Araguaia o Registro de Ínsua, firmando ali a presença da província mato-grossense.

“Em 1916, vieram os padres salesianos, comandados por Dom Antônio Malan e lá fundaram um colégio muito bom, que até hoje existe, e começaram uma catequese de cristãos e índios e ali se desenvolveu. Então era o único povoamento do Leste de Mato Grosso”.

A movimentação de missionários, garimpeiros e aventureiros no povoado de Registro do Araguaia intensificou-se a cada ano.

Entre tantos que ali chegaram, destacam-se: Antônio Cristino Côrtes e Francisco Dourado, que em suas andanças pela região subiram o Araguaia e vieram garimpar diamantes no Garças.

Seu Antônio Cristino era garimpeiro apaixonado por garimpo, fez um batelão, aliás, comprou um batelão e convidou uns tantos companheiros que disseram: “Vamos trabalhar no Rio Garças”. E vieram. Como nós não tínhamos estradas, o trajeto era todo pelo Rio Araguaia; vieram até Barra do Garças para subir até Cassununga, que fica nas confrontações do município de Tesouro.

Arrancharam-se e começaram a explorar a região. Aí começou a surgir Barra do Garças, que em pouco tempo, em menos de dois ou três anos, já tinha uma quantidade de 6 mil garimpeiros na área. Então começou Barra do Garças através do garimpo.

A chegada de mais famílias e a consequente expansão do lugarejo fizeram os dois garimpeiros oficializarem o povoado, dando-lhe o nome de Barra do Garças. Era o dia 13 de junho de 1924; começava assim o primeiro período da história do município: o ciclo do garimpo, que vai de 1924 até 1942.

São muitas as lendas e casos fantásticos que teriam acontecido na época do garimpo e que fazem parte da história de Barra do Garças.

A mais interessante envolve uma valiosíssima garrafa cheia de diamantes e uma pedra marcada por inscrições que, dizem, eram dos Incas.

O fato teria acontecido logo após o fim da Guerra do Paraguai, em 1870, quando quatro ex-combatentes resolveram vir garimpar no Araguaia, mais precisamente na foz do Rio Garças.

“Na garimpagem de ouro eles encontravam diamantes. Sabiam que tinha valor, mas não havia comprador, então foram colocando dentro de uma garrafa e foram enchendo-a de diamantes. Certo dia, quando estavam garimpando à beira do rio, olharam para a barraca e avistaram uma quantidade imensa de índios chegando. O cozinheiro na barraca, quando viu os índios, correu em sentido onde estavam os companheiros trabalhando e cavou uma fenda em um monte de cascalho e a enterrou. Passada uma temporada, época de chuva, foram atrás da garrafa de diamantes; chegando lá, no ponto do monte de cascalho, o rio havia enchido e varrido o local onde fora deixada a garrafa. Usaram uma pedra que se encontra até os dias de hoje no Porto dos Pioneiros, escrita S.S. Arraya 1871 e marcaram-na como ponto de referência de onde haviam enterrado a garrafa”.

A pedra está hoje no local, no Porto dos Pioneiros. O código utilizado pelos garimpeiros para marcá-la foi composto com as iniciais do nome de um deles: Simião da Silva Arraya e o ano (1871), que indica quando aconteceu o fato.

Em 1932, a vila de Registro do Araguaia se torna o município de Araguaiana, cujas fronteiras iam até a divisa de Mato Grosso com o Estado do Pará, constituindo-se no maior município do mundo.

Quatro anos depois, em 1936, a vila de Barra do Garças é elevada à categoria de distrito de Araguaiana.

“Houve a primeira eleição na região em dezembro de 1947; o

candidato, Sr. Antônio Paulo da Costa Bilego, primeiro prefeito de Barra do Garças. Disse ele ao Sr. Antônio Cristino Côrtes: “Eu vou ser candidato a prefeito e vamos lutar para transferir a sede do município”. Isso porque Araguaiana estava em decadência. Em Aragarças tinha chegado a Fundação Brasil Central, em 1943, e, com ela, muito dinheiro do governo, cargos, funções, carros, hospitais, serrarias; então, o desenvolvimento da região começou por Aragarças. Já Bilego, do lado de Mato Grosso, achou por bem passar a Prefeitura para Barra do Garças, como passou, usufruindo dos benefícios que possuía o Estado de Goiás. Então, automaticamente, o progresso chegou rápido...”.

A transferência definitiva da sede do município de Araguaiana para o distrito de Barra do Garças foi efetivada no dia 15 de setembro de 1948; desde então, nesse dia é comemorado o aniversário da cidade.

A história de Barra do Garças está muito ligada à chamada Marcha para o Oeste e às ações da Expedição Roncador-Xingu, criada por Getúlio Vargas em 1943.

Em plena Segunda Guerra Mundial, a mobilização da coordenação econômica, criada para comandar a retaguarda das forças em luta, organizava a Expedição Roncador-Xingu, que pretendia integrar a comunidade nacional às vastas e riquíssimas áreas inexploradas do centro-oeste de nosso território. Garantir a soberania nacional sobre aquelas áreas ameaçadas de invasão tornou-se então uma tarefa inadiável e assumia as proporções de um imperativo histórico. Alguns meses depois da partida da expedição, era criada a Fundação Brasil Central, incorporando-se ao novo órgão todo o acervo material e humano da Expedição Roncador-Xingu.

A vinda de recursos e de gente para trabalhar na Fundação provocou uma nova fase de desenvolvimento. Era o início de mais um período da história de Barra do Garças. Nessa fase, que se inicia com a

Fundação Brasil Central (anos de 1943 a 1964), foram inauguradas as pontes sobre os rios Garças e Araguaia, que viabilizaram o trânsito de passageiros e de mercadorias de Goiás para Mato Grosso. A partir daí, Barra do Garças se conectou definitivamente com o sul do país e começou a se destacar no cenário estadual como polo regional de grande importância. Em 1967, o governo militar criou a Superintendência do Desenvolvimento da Região Centro-Oeste, a Sudeco, que absorveu todo o patrimônio e funcionários da Fundação Brasil Central.

Com isso, estava iniciado o terceiro ciclo da história de Barra do Garças, que vai daquele ano até 1973. Neste período o município já apresentava alguma infraestrutura. Conseguiu atrair muitos investidores, principalmente paulistas interessados nos baixos preços das terras da região.

Esses investidores adquiriram áreas em todo o Vale do Araguaia, formando grandes fazendas de criação de gado.

O quarto ciclo da história de Barra do Garças vai de 1973 até os nossos dias, quando chegou por aqui o pastor luterano Norberto Schwantes, liderando um grupo de agricultores de Tenente Portela, município localizado no oeste do Rio Grande do Sul. Ele propôs ao governo a criação de núcleos de colonização agrícola no Vale do Araguaia, através do sistema cooperativista. Dessa forma, com o apoio federal e com o trabalho dos povos do Sul, começou a definitiva expansão agrícola no município de Barra do Garças. Estavam, assim, colocadas as bases da agricultura mecanizada em Mato Grosso.

“Norberto Schwantes fez os planos de urbanização. Ele comprava uma área grande, delimitava lotes de 100 a 400 hectares no sistema de cooperativa. A cooperativa era dona da área e então vendia pro gaúcho que passava a ser o cooperado. Ele tinha crédito no banco pra comprar maquinário, sementes, pra fazer o desenvolvimento da

área que ele adquiriu no loteamento de expansão”.

Com as facilidades proporcionadas pelos incentivos federais e uma disposição invejável para o trabalho, os agricultores sulistas transformaram o município de Barra do Garças no maior produtor de arroz do país. A sucessivas grandes safras ocorridas nos anos 70 impulsionaram a economia do Médio Araguaia, atraíram numerosas empresas de máquinas e implementos agrícolas e de insumos, que se fixaram principalmente na sede do município, em Barra do Garças.

Com um rápido desenvolvimento econômico começaram as inevitáveis emancipações nos diversos distritos agrícolas, localizados principalmente no Médio Araguaia. Dessa forma, a partir de 1973, o maior município do mundo, que ocupava quase 176 mil km², foi sendo desmembrado em vários outros municípios. Hoje, na área que formava Barra do Garças, estão instalados 19 municípios mato-grossenses. Com a criação desses municípios, Barra do Garças teve sua área reduzida e atualmente os limites do município são os seguintes: ao norte: Nova Xavantina; a leste: Araguaiana e o Estado de Goiás; ao sul: Pontal do Araguaia; e a oeste: Novo São Joaquim e General Carneiro.

A multiplicidade de migrantes que vieram para Barra do Garças deu-lhe características bastante especiais no que se refere à formação étnica de sua gente.

Com a miscigenação constante de tão diferentes tipos humanos, aos poucos vão sendo delineados traços que caracterizarão o futuro do povo típico do Araguaia.

Aqui se encontram: sulistas, mineiros, goianos, maranhenses, baianos, pessoas de todas as partes do Brasil. Cada migrante que chega traz consigo a tradição e os costumes de sua gente.

São nesses encontros diários de hábitos e costumes, aparentemente

tão distantes, que vão se formando o folclore e a cultura barragarcenses.

Um exemplo é a catira, uma das maiores belas expressões culturais do interior de São Paulo, que hoje pode ser vista e dançada em Barra do Garças.

Algumas tradições religiosas mais antigas do país também estão presentes no dia a dia da cidade: todos os anos a Folia de Reis, com suas fitas coloridas e seus cantos de louvação, segue pelas ruas pedindo ajuda e abençoando as casas.

Muito apegados às suas origens, os sulistas se empenham na manutenção de suas tradições folclóricas através das atividades realizadas no CTG (Centro de Tradições Gaúchas).

Assim como o folclore, a arte em Barra do Garças também se expressa de maneira diversificada e tem conquistado espaço e reconhecimento por parte do grande público.

“A arte não tinha essa motivação que está tendo hoje. A verdade é que sempre houve grandes talentos aqui em Barra do Garças. Nós estamos marcando a história da cidade, o sentimento da cidade através da pintura, através da música, através da literatura, e isso tem que ser valorizado. Eu acho que a cidade que não valoriza isso vai ficando sem memória”, relata a artista plástica Peônia.

As belezas naturais de Barra do Garças oferecem infindáveis temas de inspiração para as diversas formas de expressão artística da cidade, seja na pintura através dos seus mais variados estilos e materiais ou cerâmica, em que as mãos constroem com o barro, o que existe em profusão na natureza.

“Muitas coisas que nós fazemos aqui vêm da natureza. As casinhas de João-de-Barro, as garças, os tuiuiús, as onças, isso tudo é a natureza.

Sem a natureza, nós não fazemos nada, pois é ela que nos inspira a realizar os trabalhos com o barro”, diz um artista em cerâmica.

Essa riqueza da fauna e da flora da região, as cachoeiras, rios e montanhas, o nascer e o pôr do sol e a sensualidade da mulher do Araguaia são fontes inesgotáveis de inspiração para os poetas e músicos de Barra do Garças.

“Se você quiser falar de saudade, você fala através da imagem do rio, da imagem da serra. Se você quiser falar de amor, falar de valores essenciais à vida de cada ser humano, você está com um prato cheio quando você usa essa figuração de nossa terra. Das aves, do céu, das estrelas, do rio. Isso é uma fonte inesgotável: a minha terra tem cheiro de lua cheia quando anoitece a natureza a escutar, vendo da serra que a estrela galanteia também querendo contemplar...”, comentário do músico da terra Divino Arbués.

Por ter essas características tão próprias, a música produzida em Barra do Garças vem se firmando no Centro-Oeste e em outras regiões do país, falando quase sempre da relação do homem com a natureza; os poetas e cantores do Araguaia apontam para a necessidade da preservação do meio ambiente.

“Nós fazemos uma música aqui bem voltada pra ecologia e pra questão cultural local, não só de Barra do Garças como de todo o Vale do Araguaia. Nós fazemos também um trabalho educativo mostrando as belezas do Vale do Araguaia. O que me inspira aqui é essa beleza natural, que traz pra gente um gosto de viver, o gosto de cantar, de se soltar. Temos cachoeiras, temos um rio muito bonito, que é o Araguaia, temos pássaros de várias espécies com cantos que nos atraem para compor este tipo de trabalho...”, são palavras do artista regional Candinho, da dupla Eudes e Candinho.

Música, dança e tradição também estão presentes entre os xavantes

e os bororos, os primeiros habitantes da região de Barra do Garças. Essas duas nações indígenas estão cada vez mais integradas na civilização branca, assimilando novos hábitos e costumes, ao mesmo tempo em que lutam para preservar as suas próprias origens. Como não dispõem de escrita, os mais velhos garantem a preservação da cultura contando as lendas e histórias antigas para os jovens e exigindo a participação deles nas cerimônias e rituais da aldeia.

Conhecidos pela ferocidade com que defenderam essas terras em outras épocas, os xavantes têm espírito acolhedor e demonstram em suas danças a valorização do companheirismo e da união. Aqui se percebe um pouco do que teria sido, em tempos passados, a lendária e temida nação dos guerreiros xavantes.

Os bororos, diferentemente dos seus irmãos xavantes, têm pouca tradição guerreira, mas, por outro lado, os mais velhos da aldeia também se esforçam para preservar a cultura, ensinando para os mais jovens como é a preparação das diversas danças e rituais da aldeia. Aqui eles se preparam para a realização da cerimônia do funeral, que vai ser feita em homenagem ao cacique da aldeia.

Todos os homens trabalham nos preparativos. A folha do buriti, utilizada em quase todas as danças bororos, é amaciada para se tornar mais maleável e permitir movimentos mais amplos para os dançarinos.

Agitando compassadamente duas cabaças cheias de sementes, o pajé vai conduzindo um grupo de índios em volta do local onde está enterrado o cacique. Mais adiante, o pajé comanda a dança marcando o ritmo com as cabaças, entoando uma ladainha que é complementada pelos familiares do falecido.

Fonte de inspiração para poetas, escritores, músicos e casais apaixonados, o Araguaia é considerado o mais belo rio de nosso país.

Com 2 mil km de extensão, ele nasce no Parque Nacional das Emas, no Estado de Goiás, e deságua no Rio Tocantins, sendo ao longo de seu percurso o divisor natural dos estados de Mato Grosso, Pará, Goiás e Tocantins.

O Araguaia sempre teve muita importância na história de Barra do Garças. Foi navegando em suas águas que, no século passado, os primeiros garimpeiros chegaram por essas bandas procurando diamantes, fundando lugarejos e povoados ribeirinhos. Hoje ele faz parte do dia a dia dos barra-garcenses, sendo a principal atração turística da cidade. Nos meses de maio a outubro, época da seca, o nível das águas do Araguaia diminui bastante. Nessa época, quando é inverno no Sul do país, acontece o já tradicional Festival de Praia, com torneios esportivos, prêmios, atrações artísticas e outras atividades.

O número de turistas vindo de diversas regiões do país é intenso, provocando grande movimento nos hotéis da cidade. O Garças e o Araguaia se tornam o cenário ideal para esportistas ousados exibirem suas habilidades.

Mas mesmo com a presença de turistas e habitantes do lugar, o Rio Araguaia não perde o seu aspecto exótico e selvagem. Um passeio de barco por suas águas permite ao visitante conhecer lindas paisagens e ter contato com um dos mais ricos ecossistemas de Mato Grosso.

Em quase toda sua extensão o Araguaia segue caudaloso e constante. Em alguns trechos a suavidade de suas águas é tanta que reflete com perfeição a vegetação de suas margens.

A vegetação densa e emaranhada abriga exemplares de variadas espécies: são pássaros, répteis e mamíferos que, ocultos entre as folhagens ou mesmo na areia, parecem observar o compasso do rio; atentos a qualquer movimento, estão sempre prontos para surgir em disparada.

Às vezes somos surpreendidos por pequenas praias que aparecem repentinamente, geralmente protegidas por uma mata fechada; esses pequenos paraísos são adequados para o camping selvagem.

A garça branca é o símbolo do Araguaia. Em toda a extensão do rio é possível vê-la alçando o seu voo elegante e harmonioso sobre o espelho d'água. O rio é sua principal fonte de alimentação e as árvores ribeirinhas, o seu abrigo.

O Araguaia é ainda muito procurado por pescadores amadores e profissionais que encontram aqui as diversas espécies de peixes da Bacia Amazônica.

Barra do Garças se destaca como um dos mais completos polos turísticos da região Centro-Oeste. Aqui o turista, além de desfrutar do Araguaia, pode conhecer as belezas e mistérios do Parque Estadual da Serra Azul e da lendária Serra do Roncador, exercitando-se no montanhismo e nos chamados esportes radicais.

Praticamente dentro do perímetro urbano da cidade, o Parque da Serra Azul é uma das reservas naturais mais belas do Estado, onde estão espalhados dezenas de cachoeiras, cavernas e grutas, sítios arqueológicos, formações rochosas curiosas, trilhas e bosques nativos. Num dos morros mais altos do parque, a 1.350 metros de altura, está o Mirante do Cristo, que expressa a religiosidade e a fé dos barra-garcenses. Com os braços abertos ele abençoa as três cidades irmãs que estão aos seus pés; dali é possível ver o encontro dos rios Garças e Araguaia e a grande planície que se estende até o horizonte, formando os estados de Goiás e Mato Grosso.

As cachoeiras do Parque da Serra Azul são de alturas variadas e de águas abundantes. A maior tem 78 metros de altura e é ideal para a prática do rapel. As paredes lisas irregulares exigem técnica e habilidade. O praticante precisa ter bons equipamentos e executar

cada movimento com cuidado para não se ferir nas pedras dos paredões.

Os tanques que se formam no pé das quedas d'água propiciam banhos deliciosos e refrescantes. Ao transbordar, eles fazem seus cursos flutuantes e se transformam mais adiante em outra bela cachoeira.

No Parque da Serra Azul os detalhes e as belezas mais escondidas na natureza só podem ser observados pelos visitantes mais atentos.

As águas cristalinas dos regatos correm entre pedras lisas e escuras, num ciclo constante e repetitivo, mas que nunca cansa o observador. É um movimento milenar que na sua perfeição forma incríveis efeitos visuais.

Caminhar pelas trilhas existentes no parque é bastante agradável e permite um contato íntimo com a natureza; são caminhos que ainda conservam características originais e que dão acesso a todos os pontos importantes da reserva.

No parque existem diversas cavernas e grutas, algumas com inscrições rupestres antiguíssimas, de grande valor arqueológico e que têm atraído pesquisadores do mundo todo.

A atração mais curiosa e intrigante de Barra do Garças é o chamado Discoporto, um local no topo da Serra Azul onde deverá ser construída uma base para pouso de discos voadores. Para muitos, é apenas uma jogada de marketing, mas para outros é coisa muito séria.

Ao mesmo tempo em que parece ser algo inusitado, coisa de lunático, o Discoporto é intrigante porque cria uma espécie de cumplicidade entre a cidade e os possíveis tripulantes dos objetos não identificados. Ele diverte e faz rir, mas mexe também com a imaginação das pessoas. Muitos saem daqui com uma sensação estranha, de que realmente é possível não estarmos sozinhos no universo e que "eles" podem

estar mais perto do que pensamos.

O Parque Municipal Salomé Rodrigues, conhecido popularmente como Porto do Baé, fica ao lado do Porto dos Pioneiros, ponto exato onde Barra do Garças começou. Foi ali que as canoas de Antônio Cristino Côrtes e Francisco Dourado atracaram pela primeira vez em 1924. Totalmente urbanizado e com excelente infraestrutura, o Porto do Baé é hoje o local onde a cidade se encontra.

Ocupa extensa área na beira do Rio Garças e permite uma visão maravilhosa dos dois rios. Nas tardes ensolaradas e tranquilas, gente de todas as idades vai para o Porto do Baé se deliciar com as atrações ou apenas ver os acontecimentos.

Na Arena do Porto, com capacidade para 5 mil pessoas sentadas, são realizados grandes espetáculos artísticos e os mais diferentes eventos culturais.

A vida noturna de Barra do Garças acontece com mais intensidade no Porto do Baé; os diversos bares, restaurantes e lanchonetes permitem ao visitante momentos de lazer e descontração.

O Parque Municipal das Águas Quentes é outra grande atração de Barra do Garças. Localizado a apenas 5 km do centro da cidade, na saída para a cidade de Araguaiana, o parque é formado por um conjunto de piscinas termais, de água corrente com temperaturas que variam entre 31° e 43° Celsius.

ANÁLISE DAS ÁGUAS

REALIZADA PELO INSTITUTO DE PESQUISAS
TECNOLÓGICAS DE SÃO PAULO (1974)

RESÍDUOS EM SUSPENSÃO

TRAÇOS

Resíduos a 180° graus _____	126,2/1 mg
Anidrido carbônico total (CO ²) _____	95,6/1 mg
Anidrido carbônico livre (CO ²) _____	16,7/1 mg
Alcalinidade (em caco p/ 100.000) _____	10,5/1 mg
Materiais orgânicos (em 0,5 ácido) _____	1,1/1 mg
Cloretos (CL) _____	0,4/1 mg
Sulfatos (SO ₄) _____	8,4/1 mg
Nitratos (NO ²) _____	0,7/1 mg
Nitritos (NO ₃) _____	0,01/1 mg
Sílica (SiO ²) _____	34,7/1 mg
Ferro (Fe ⁺⁺⁺) _____	0,2/1 mg
Alumínio (Al ⁺⁺⁺) _____	0,2/1 mg
Cálcio (Ca ⁺⁺⁺) _____	21,3/1 mg
Magnésio (Mg ⁺⁺) _____	5,9/1 mg
Amônio (NH ⁺) _____	TRAÇOS
Alcalinos (AmNa ⁺) _____	76,0/1 mg

EFEITOS BENÉFICOS

Baixa da pressão arterial

Diminuição da viscosidade do sangue

Aumento da diurese e excreção do ácido úrico

Ação eliminadora do depósito gotoso

Aumento da vitalidade sexual

Ação nas afecções do nervo simpático

Melhora da digestão gástrica e duodenal
Alívio sintomático das dores reumáticas
Diminuição das afecções da pele
Combate das nevralgias e nefrites
Verdadeira fonte de rejuvenescimento

As propriedades medicinais e terapêuticas das águas quentes são reconhecidas mundialmente por renomados especialistas. Próprias para banhos de imersão, as piscinas são indicadas para controle da pressão arterial, combate dos problemas digestivos e renais, além de serem excelentes para o alívio das dores reumáticas. O parque oferece também uma extensa área de camping e infraestrutura composta por bares, lanchonetes, quiosques, churrasqueiras, vestiários e sanitários.

O fascínio que a Serra do Roncador provoca naqueles que ousam explorá-la vem dos tempos dos primeiros bandeirantes que chegaram à região em busca da famosa Mina dos Martírios, há quase 300 anos.

O Roncador é uma extensa cadeia de montanhas que se inicia no Parque Municipal da Serra Azul, a 5 km do centro de Barra do Garças, e vai até o sul do Pará, onde encontra a Serra do Cachimbo. Seu planalto está a quase 500 metros acima do nível do mar. O nome vem do som produzido pelo vento quando passa pelas reentrâncias e fendas existentes nos paredões. Isso contribui também para o clima de mistério que envolve a Serra. As lendas e mitos do Roncador têm atraído místicos, pesquisadores e aventureiros do mundo todo. Para eles, a Serra oculta segredos milenares sobre as cidades subterrâneas da Agartha e Atlântida, uma civilização que teria submergido no Oceano Atlântico há milhões de anos.

Em função desses mitos, lendas e das energias que muitos dizem que se concentram na região, a Serra do Roncador já é conhecida

mundialmente como polo místico e metafísico. Observar o nascer ou o pôr do sol do alto da Serra é uma experiência inesquecível. É um momento de reflexão que amplia nossa percepção das facetas mais sutis das naturezas humana e divina.

A história de Barra do Garças não termina aqui. Ela segue adiante e vai se fazendo no dia a dia, com a história de cada um de seus habitantes e de cada um que chega, de cada um que se vai. É uma história que se constrói com momentos e instantes da vida de todos. Momentos que vão se entrelaçando e se interpenetrando na longa e interminável linha do tempo.

A história de Barra do Garças é uma história de gente simples e de gente importante. De gente que luta, que sofre e que sonha, que ri e que chora. É a história muito especial do povo do Araguaia, gente forte, que vive no Portal da Amazônia.

O FOLCLORE REGIONAL

Com a intenção de mostrar parte de nossa vivência no passado, iremos narrar fatos curiosos para hoje, mas que eram rotineiros no passado, quando era mais acentuado o uso de costumes e credices primitivas, principalmente nas camadas da zona rural mais desprovidas de meios de comunicação, recursos financeiros, estradas e, mesmo, escolas, quando o povo, forçado pelas circunstâncias dos meios, apelava para usos e credices exóticas.

A população constituidora da formação do povoamento do Leste mato-grossense (os vales dos rios Garças e Araguaia, dos quais falaremos neste capítulo) teve precedência genealógica com os nordestinos: baianos, maranhenses, cearenses, pernambucanos, alagoanos, sergipanos e piauienses, povo retemperado pelos mesmos sofrimentos e associado pela mesma cultura, usando a mesma vivência, credices, hábitos e costumes, numa interligação de ramos familiares ao sabor de alguns séculos. Portanto, com a mesma formação fisionômica com traços aparentados, mesmo sotaque e mesma linguagem.

A ausência de recursos financeiros e, conseqüentemente, de melhor cultura intelectual, levou-os à procura de melhores meios de vida nas plagas de outras terras onde a propaganda das riquezas dos garimpos nas décadas de 1920 a 1940 motivou uma migração acentuada, trazendo naturalmente seu "modus vivendi", suas tradições e credices até hoje empregadas em determinada camada da nossa população.

Falaremos, inicialmente, de certas formas usadas como tratamento da saúde e a cura de enfermidades que, no desespero dos doentes, apela

para os recursos do meio: para raizeiras, benzedores, "simpatias" ou orações e promessas a santos de sua devoção.

PARTOS OU NASCIMENTOS DOS FILHOS

Quando as parturientes se aproximavam do nono mês de gestação, era de costume reservar-se 40 frangos no galinheiro, que seriam empregados nas refeições durante o resguardo, preparando canjas com pouca gordura, sem maiores temperos, acompanhados de um pirão de farinha de puba (macaxeira posta para pubar e depois ralada para se fazer farinha). Na parte da manhã servia-se um chá com beijus de tapioca (polvilho).

Essa era a alimentação durante os 40 dias de resguardo, evitando-se banhos ou se expor ao sereno; além disso, as parturientes ficavam durante aquele tempo com a cabeça amarrada com panos, evitando assim as friagens.

Com a aproximação do parto eram orientadas e assistidas pelas parteiras, entre as quais as mais preferidas eram: Dona Luzia, sogra do Leonardo Côrtes, Dona Nenzica Almada, Velha Gabriela Miranda, Dona Maria Ovídia, Antônia Cabocla e várias outras que, de menor popularidade, deixamos de citar.

Na hora do parto era colocado no pescoço do paciente um saquinho de pano do tamanho de uma medalha que era denominado "despacho", pois dentro havia orações.

As parteiras exigiam certos ingredientes indispensáveis como: cebola branca, azeite doce, óleo de copaíba (óleo-de-pau), pó de fumo torrado para ser colocado no umbigo do recém-nascido etc.

Após o nascimento, era de praxe o pai dar três tiros de revólver ou carabina, se fosse do sexo masculino, ou dois tiros se fosse do sexo

feminino. Para evitar-se intimidação nas vilas ou povoados, usavam-se em vez de armas de fogo soltarem foguetes de um tiro de canhão que também servia como aviso alvissareiro para recebimento das visitas, sendo, na ocasião, servidas pelos pais diversas bebidas tais como: pinga, quinado Elefante, licores e outras, que eram denominadas “o mijo da criança”.

Antes de a criança ser vista, era benzida para evitar quebranto (doença que aparece nos recém-nascidos) e a tesoura usada para o corte do cordão umbilical permanecia sem uso, debaixo da cama da parturiente, aberta até a queda do umbigo.

Também as benzedeadas rezavam contra arca caída, espinhela, mau-olhado ou quebradura no recém-nascido.

O pai, durante as horas do parto, era obrigado a montar em “mão de pilão” e correr em redor da casa para evitar problemas durante o nascimento.

A CEGONHA É UMA LENDA ÚTIL - DEVEMOS PRESERVÁ-LA

Torna-se realmente necessária a introdução da “educação sexual” como matéria obrigatória em nosso ensino primário?...

Eis a questão e a interrogação a bailarem, não tão somente dentre os catedráticos, mas, igualmente, com o mesmo interesse, em todos os lares das mais variadas camadas sociais.

Quanto a nós, temos firmado uma opinião negativa, muito embora respeitando as contrárias. É que consideramos o ensinamento do “óbvio” a esta juventude.

O sexo é nato, por ser integrante da natureza humana. É uma

necessidade biológica e instintiva como as demais. Seria, pois, o mesmo que se ensinar uma criança a respirar, a ingerir alimentos, a dormir, a fazer “cocô ou pipi” e por aí fora.

O seu sentir desponta na hora oportuna e a sua prática e seus mais profundos conhecimentos são aprendidos na “faculdade da vida” ou com os pais em sutilezas de diálogos, a orientarem seus filhos, ou o coleguismo informando nas conversas do dia a dia.

A introdução ou oficialização dessa matéria delicada nas escolas primárias, principalmente numa época em que a juventude se encontra em ebulição da liberdade – queira Deus que estejamos errados, mas leva-nos a um grande temor.

Isto porque um professor despreparado, sem a devida compostura para tratar de tão delicado assunto frente a seus alunos ou alunas, poderá decepcioná-los ao mostrar que “a cegonha nunca existiu”; e essa realidade poderá levar a um comportamento de extrema curiosidade em tempo impróprio numa deformação, enfraquecendo a orientação paternal e religiosa de maneira torpe e abalando os alicerces da ética social.

Deixemos, pois, que o desejo sexual brote em nossos adolescentes com a naturalidade de uma rosa ao nascer, cujos cuidados especiais pelos seus encantos cabem, exclusivamente, aos donos do jardim – papai e mamãe.

“Podemos dizer, sem dúvida, que essas aulas de educação sexual não ajudam em nada ao adolescente compreender que o seu corpo é algo que ultrapassa uma máquina reprodutora, que o seu corpo possui todo um comportamento emocional afetivo”.

“Quando o assunto sexualidade se torna matéria de aula, é porque os adultos não conseguem encarar a sexualidade da criança e do adolescente como algo natural. Por isso não concordamos com aulas

de educação sexual”.

“A família, na escola de valores, tem precedência sobre a escola. Cabe-lhe, portanto, o primeiro encargo nessa matéria; primeiro e insubstituível”.

Os pais, com a missão que lhes foi confiada por Deus e com a graça que dispõem, quase permanente, sempre sabem o momento oportuno de orientar os filhos nos conhecimentos dos problemas da sexualidade.

Qualquer orientação prematura é inoportuna, é um erro que pode ser transformado em estímulo do mal.

“Educar não é despertar instintos; o Estado não deve intervir nem legislar sobre assuntos da alçada natural da família e, portanto, direito dos genitores”.

FESTA DO SANTO ANTÔNIO

PASSADO SAUDOSO DOS PIONEIROS

A civilização, que muitas vezes acaba com as tradições de um povo destruindo as vivências folclóricas, patrimônio histórico e a sagrada riqueza de culturas primitivas, mostra no tempo sua forma motriz de esmagamento inevitável dos costumes dos povos.

No passado, os festejos do padroeiro da cidade, Santo Antônio, eram denominados “trezenas”, associados à Festa do Divino Padre Eterno. Prolongavam-se de 1 a 13 de junho.

Os habitantes aguardavam o ano inteiro o mês de junho, para o destaque religioso, oportunidade em que melhoravam a feição do casario com pintura e reboco, exibindo as melhores roupas e as moças trajando-se mais elegantemente.

Era a melhor oportunidade dos encontros, dos namoros, dos casamentos e dos negócios comerciais.

Os responsáveis pela organização daquelas festas religiosas eram denominados “festeiros” e seus auxiliares em cada noite, chamados de “novenários”.

A escolha do festeiro era precedida por sorteio entre as pessoas de destaque social e econômico, que se esmeravam em bem desempenhar a missão (às vezes com prejuízos dos seus interesses particulares); a ênfase era dada aos festejos, procurando suplantar as comemorações dos anos anteriores.

Lembramos saudosamente de alguns festeiros: Antônio Bilego (1938); Vitório Pereira (1939); João Firmino (1940); Velho Mariano

Nery (1941); Zeca Costa (1942); Raimundo Mello (1943); Antônio Cristino (1944); João Gomes de Castro (1945) e outros que nos fogem à memória.

Para iniciar os festejos, um bando precatório de moças e rapazes percorria as ruas com "salvas", para recolher óbolos da população, destinados a auxiliar financeiramente os festejos.

Pelo interior, zona rural, o velho Bentinho, emissário a cavalo, percorria as fazendas em "desobriga", portando uma bandeira do santo e fazendo a "cata": pedido de garrotes, bezerros, vacas, porcos e outras dádivas que eram leiloadas durante os festejos.

Na cidade, em frente à igreja, prendadas e elegantes moças faziam 'prisões' dos populares mais endinheirados, que eram soltos por amigos ou namoradas com o pagamento de uma taxa denominada "carceragem"; o prisioneiro recebia um botão de flor de lapela do paletó ou camisa para identificá-lo como contribuinte.

As casas recebiam os foliões do Divino tocando caixas, zabumbas, violas, pandeiros, reco-recos, cuícas e pífaros, cantando músicas sacras originais dos festejos. Dentre esses foliões, destacamos: Anicetão e Altamira. Essas tradições foram importadas da África em tempos imemoriais.

No dia 4 de junho, encerrava-se a Festa do Divino, com cerimônias religiosas do "festeiro imperador", quando o então fundador da cidade, coronel Antônio Cristino Côrtes, mandava matar um ou mais bois, que eram repartidos gentilmente entre os habitantes; os pedaços eram equivalentes às necessidades da família aquinhoadada. Naquele dia os açougueiros se omitiam de vender carne, pois a praxe, além de ser dos festejos, era um motivo para as famílias participarem do chamado "Boi do Divino".

Com essa benesse (diziam os familiares de Antônio Cristino), ele

cumpria uma promessa feita a Santo Antônio, em face de um milagre ocorrido com sua pessoa nos tempos de criança.

Dizia Antônio Cristino e os que o conheceram que, em Porto Franco, norte goiano e hoje Estado de Tocantins, uma febre maligna o atacara, prostrando-o no leito, sem esperança de sobrevivência. Toda a família velando, o desfalecido enfermo não percebeu a fuga que ele narrava.

Certa noite, a vigília, já cansada, se descuidou e o doente desapareceu do quarto onde estava deitado. Toda a cidade ficou alarmada, empreenderam uma procura de casa em casa e nos caminhos da periferia da cidade, visto que a cidade era pequena.

No dia seguinte, um canoeiro pescador informou ter visto na ilha, da outra margem do rio, uma pessoa com a aparência do enfermo que eles procuravam. Ali o rio tinha mais de 500 metros de largura, fato que levou a discordarem da informação, mas, por cautela, mandaram averiguar.

A surpresa foi grande quando constataram ser o doente procurado. E mais: ele estava completamente restabelecido da febre e informando que, deitado, havia recebido a visita de um personagem trajado de padre, acompanhado de um cachorro que o levou até o porto, colocando-o numa canoa; assim, atravessou o rio, deixando-o na margem oposta e dizendo que voltaria para buscá-lo

Anos depois, Antônio Cristino, em Barra do Garças, teve um sonho com o mesmo personagem, que disse ter vindo buscá-lo.

Ele, já homem casado, respondeu ao personagem que naquela oportunidade não era possível abandonar um empreendimento que se propusera a efetuar, que seria a construção de uma cidade que ele pretendia dar como padroeiro Santo Antônio.

(Esse fato, além de Antônio Cristino, Pedro Barbosa da Silva, Antônio Bilego e Francisco Dourado sempre narravam aos primitivos habitantes de Barra do Garças,

e damos como testemunha seu filho Ladislau Cristino Côrtes)

No pátio da igreja, localizavam-se os circos: dezenas de barracas com jogos de diversões, carrosséis, cinema ambulante, algumas barracas com vendas de bijuterias, salgados, guloseimas e outras explorações populares.

O ambiente era alegrado por músicas importadas de Baliza ou ao som de vitrolas, sanfonas, duplas caipiras, de repentistas de martelos e refrões. O ambiente festivo era de um colorido embelezador. Os fazendeiros e garimpeiros ali se divertiam e davam o maior brilho às festas, numa verdadeira confraternização humana, oportunidade em que procediam a suas trocas e barganhas com disciplina, sem contrariedades ou desordens.

Parece que nas cidades de pequeno porte o povo tem melhor convivência, maior respeito e originalidade. Na maioria, são parentes, compadres e amigos.

A nota de destaque dessas festas eram as alvoradas. Ao bimbalar dos sinos da vistosa igreja, espocavam fogos de artifício, foguetes e rojões e até tiros de arma de fogo. Uma banda de músicos e os novenários visitavam de porta em porta os habitantes que passavam a integrar o préstito, cuja leva de fiéis ia até alcançar a casa do novenário, para os comes e bebes do café.

Se os festeiros não soltassem foguetes, o coronel Antônio Cristino batia num couro ou surrão, chacoteando, dizendo que era para espantar as raposas para não comerem a novena. Muitas vezes emprestava dinheiro para compra dos foguetes, a fim de a festa não perder a originalidade.

As alvoradas iniciavam-se à meia-noite. O ritual tinha maior destaque que qualquer outra solenidade, pois sempre terminava ao amanhecer do dia, quando regiamente o anfitrião servia bebidas, café com

leite, chocolate, bolo e iguarias. O bolo mais destacado chamava-se “pubinha”. Começava a tocata de um baile quando a primeira contradança era iniciada pelo dono da casa com sua esposa, num ambiente alegre e de máximo respeito. Os chefes e autoridades locais compareciam para evitar contratempos.

À noite, na porta da igreja, eram procedidos leilões, as novenárias ofereciam prendas de realce: ceias, galinhas cheias ou pratos originais. As prendas deviam receber o primeiro lance do seu parceiro de novena.

Depois dos leilões, o povo ia dormir para acordar à meia-noite com as alvoradas.

As festividades que descrevemos começaram a perder originalidade depois de 1956, com o falecimento do fundador de Barra do Garças, Antônio Cristino Côrtes, figura respeitada que ditava as ordens, sempre obedecidas pela comunidade, da qual ele era um grande conselheiro.

Hoje resta à população a festa da emancipação do município, proporcionada pelas autoridades administradoras, comemorada no dia 15 de setembro.

Para assistir, o povo vem às ruas ver os desfiles militares e escolares, com alegorias patrocinadas pelo comércio ou indústria. Festa na maioria das vezes presenciada por governantes estaduais ou políticos de destaque na região, aproveitando-se para prestar contas de suas responsabilidades quanto aos votos recebidos do povo.

COSTUMES E VIVÊNCIAS NORDESTINAS

Festa de S. João Folclore e Tradições

No passado, o São João, maior festa popular dos nordestinos, era comemorado durante a semana inteira, entre o dia 23, véspera do dia consagrado ao santo, e 29 de junho, Dia de São Pedro.

As fogueiras, danças e festejos muitas vezes se prolongavam com a denominação de “São João Retardado”.

Nas casas onde eram procedidas as festividades, havia fogueiras, serviam-se salgados, doces, bolos de batata, pés de moleque (bolo com amendoim), de mandioca, de polvilho (tapioca), pipoca, milho assado, munguzá, canjica, batatas, mandioca assada na fogueira (macaxeira).

Serviam-se quentões, licores de caju, leite, jenipapo, rabo-de-galo (mistura de quinado e pinga).

O povo extravasava a alegria nas festas de S. João, bailes tocados a sanfona com pandeiro, reco-reco e zabumba. Nos ranchões improvisados havia inúmeras quadrilhas de moças, crianças e velhos.

À beira de uma grande fogueira, a garotada a soltar bombinhas, buscapés, girandolas e balões, animava o ambiente.

Nas festividades à beira das fogueiras a moçada se divertia fazendo simpatias para ver se seus casamentos estavam próximos.

Alguns exemplos, relatamos aqui:

- Tomava-se uma faca nova denominada virgem e com elas pulavam a fogueira. Em seguida, enterravam a faca em uma bananeira.

Antes que o primeiro galo cantasse, devia ser desenterrada e na sua lâmina apareceriam as iniciais do futuro noivo. Desta sorte tão conhecida originaram-se muitas cantigas e muitas modinhas com que a moçada implorava casamentos; algumas, mais idosas, que já estavam desenganando-se pela idade, faziam promessas a Santo Antônio, simpatias das mais estapafúrdias como urinar a partir da promessa na cabeça da imagem até achar o noivo pretendido, ou colocar a imagem amarrada ao pé da cama com a cabeça para baixo, muitas vezes, até desenganar-se da pretensão do casamento.

Simpatias:

- Pingar cera de vela n'água de um copo que ficava ao relento; de madrugada, deviam aparecer as letras iniciais do noivo pretendido; para esta simpatia era preciso ter fé fervorosa.

- Pular a fogueira e em seguida irem a uma pimenteira, com os olhos fechados, pegar uma pimenta: se verde, a moça casaria com um jovem; se madura, casaria com um homem mais idoso.

- Alguns dias antes da festa preparavam uma pulseira, ou anel, num cordão com três nós; cada um correspondendo a um pedido;

No dia seguinte dava três voltas em torno da fogueira e jogava a aliança; se esta fosse encontrada, havia casamento, ao contrário jamais se casaria no ano seguinte.

- Quebrava um ovo dentro de um copo de água rezando três vezes a Ave-Maria e o Pai-Nosso. Depois de meia-noite, ver o desenho formado: uma capela, seria casamento; um caixão, haveria morte na família.

- Colocar duas agulhas dentro de uma bacia com água; se as agulhas

se juntarem, é casamento na certa.

- Escrever vários nomes em papelinho, enrolar e colocar dentro de uma bacia cheia d'água quente na fogueira. O nome do par para o casamento será aquele que amanhecer desenrolado na bacia.

- Em um copo com água, coloque uma clara de ovo e espere até o dia seguinte. Ver os desenhos que se formaram: A) Uma igreja é casamento; B) Um navio é viagem; C) Um caixão é falecimento na família.

- Numa bacia com água jogavam-se duas brasas incandescentes; se elas se aproximassem, haveria naquele ano o casamento; ao contrário, não havia esperanças para breve.

- Nas noitadas, soltavam-se muitos rojões, fogos, balões, tiros de revólver.

Nas casas onde havia fogueiras, a vizinhança ajudava a conseguir a lenha, cortava-se um mastro verde com alguns galhos, onde eram penduradas laranjas, bananas, garrafas de licor; à medida que o fogo alcançava os galhos e que as prendas caíam, eram disputadas pela garotada.

- Havia muitos batismos na fogueira que valiam tanto como os batismos da igreja. O padrinho, com o afilhado no braço ou levado de parceria, rodeava três vezes a fogueira; devia pronunciar o seguinte juramento:

*“Eu juro, por São João, São Pedro,
Todos os santos da corte do céu,
Que sirvam de testemunhas neste mundo e no outro, que ‘fulano’
(pronunciar os nomes do padrinho e afilhado) está batizado”.*

Depois o padrinho abençoava o novo afilhado e os pais (se houvesse) se cumprimentavam como compadres; nesse ritual às vezes até

casamentos eram procedidos nos lugares onde não houvesse cartório ou padre, o que seria confirmado oportunamente com a presença do vigário, na passagem pelo local em desobriga.

- Durante os festejos dava-se um banho na imagem de S. João (chamava-se lavar S. João) e um pouco da água seria guardado como água-benta para certas curas de doenças, ou para proteger aquela casa contra coriscos.

- Se por eventualidade houvesse um casamento a ser procedido em outra data, seriam guardados alguns tições da fogueira, que serviriam para outro cerimonial como madeiras bentas da fogueira anterior.

Em cada fazenda local ou vilarejo, havia uma infinidade de simpatias que aqui não descrevemos. Diz o velho refrão:

“Cada terra tem um uso
Cada roda tem seu fuso”.

Nota do Autor

A chamada “Marcha do Progresso” e a miscigenação com vivências diversas se encarregaram de acabar com determinados costumes populares antigos que embelezavam nossas vidas.

As tradições jamais sairão de nossa lembrança.

Marcou muito a gente a expressão de um escravo na novela “Chica da Silva” quando, ao ser castigado até a morte, disse:

“Vocês me tiraram de minhas terras, arrasaram minha vida, meus costumes. Mas jamais tirarão minha cor e meu orgulho à minhas crendices”.

Digo eu, como nordestino:

A necessidade de sobrevivência, a ilusão de alcançar vida melhor nos tirou de nossos “pagos”. Mas jamais haverão de tirar de nossas lembranças a afetividade às tradições e ao folclore nordestino.

COSTUMES E VIVÊNCIAS DO PASSADO

*“A vida é passageira, mas as recordações
são eternas”*

Falaremos hoje do dia a dia dos pioneiros de Barra do Garças, gente de costumes simples importados de suas origens nordestinas, que sem dúvida foram os primeiros povoadores deste Centro-Oeste.

Os costumes dos quais falaremos foram vividos por muitos clãs formadores das cidades garimpeiras transformadas com a miscigenagem de sulinos ou cariocas, trazidos pela Expedição Roncador-Xingu, na denominada “Marcha para o Oeste”.

Houve reforma do casario com melhor embelezamento das cidades, modificando trajese vestimentas, transformando muito a alimentação, vivências, mas não modificaram a índole e certos costumes primitivos, dos quais retrataremos em parte determinados hábitos:

Azáfama do dia a dia

Quando o sol começava a iluminar o dia, as mulheres davam início aos afazeres da casa e os homens preparavam-se para os trabalhos no garimpo, na lavoura, no comércio, na pecuária, ambos dando a sua contribuição na luta pela subsistência familiar, visto que entre as famílias pobres tanto o marido como a esposa davam a sua participação nas despesas da casa, um com o fruto dos ganhos conseguidos na realização de trabalhos, e outra nos labores caseiros diários, circunstância surgida normalmente entre o casal.

Talvez por isso é que as famílias tinham capacidade de suportar os

reveses da sorte e eram bem mais unidas.

Gravidez e Parto

A gravidez, encarada como fenômeno natural da procriação, demandava alguns cuidados das mulheres, mas não as impedia de viver normalmente, inclusive nos trabalhos cotidianos.

Existia o respeito aos desejos das mulheres grávidas quanto a comer isso ou aquilo, não mudando os hábitos alimentares, a não ser depois do parto, que exigia uma dieta no resguardo de 40 dias, comidas leves, evitando-se carnes vermelhas e gordurosas, certos peixes de couro, limão ou pimenta.

Alguns cuidados deviam ser tomados durante a gravidez: não ouvir conversas de desgraças; não ver coisas feias ou pessoas defeituosas. As mulheres grávidas não deviam guardar objetos no colo, ou junto ao seio, para evitar o nascimento de crianças defeituosas, manchadas ou com lábios leporinos.

Uma velha pioneira, mãe da professora Lilita, teve uma filha com uma mancha rósea na pele. Perguntada sobre a origem, se era sinal hereditário, respondeu que se tratava de uma fita vermelha usada como medalha durante a gravidez, e que quando avisada para tirar, o feto já estava grande e a criança nasceu com a marca.

A gravidez da mulher solteira recebia uma condenação dura da comunidade: virgindade era o valor da família, cuja e única reparação seria o casamento. Vez por outra a honra era lavada com sangue.

Moça solteira que perdesse a virgindade, comprovada por uma gravidez, ficava sujeita a diversas sanções: proibida de frequentar certos lugares públicos e, às vezes, repudiada pelas colegas.

As mulheres grávidas enquanto esperavam o nascimento dos filhos preparavam o enxoval, mesmo que fosse humilde, usando suas

próprias habilidades nas costuras ou crochês...

Logo no início, demonstrada a gravidez, as mulheres amarravam um cordão na altura da cintura, para que a criança não subisse para o estômago.

Às vésperas do parto, usavam amuletos ou medalhas dos santos protetores, muitas vezes um escapulário, "oração costurada num pano" (despacho). As mais recomendadas eram orações de Nossa Senhora do Parto ou de São Cipriano.

Nos partos não havia cesarianas nem hospitais. Eram feitos pelas parteiras regionais, muitas vezes buscadas nas fazendas ou garimpos distantes, vindas a cavalo com antecedência para a preparação psicológica da parturiente.

Nascida a criança, a parteira cortava o cordão umbilical com um palmo de comprimento. No pé do umbigo, amarrava um cordão, dava três nós, levava uma colher ao fogo e aplicava na ponta da tripa umbilical para queimar. Pegava um paninho sovado, molhado com azeite doce ou óleo de mamona morno, dando três voltas no corpinho da criança. Depois de três a cinco dias, quando o umbigo caía, levava para enterrar, a fim de evitar ser roído por ratos, para a criança não se tornar ladra. Se fosse enterrado na porteira de um curral, ela se tornaria fazendeira ou dona de muito dinheiro; a placenta também era enterrada. Era a parteira quem dava o primeiro banho.

Para não pegar quebranto (doença de mau-olhado), botavam uma folha de arruda na testinha do neném; machucavam algumas folhas de arruda com azeite doce e empapavam um algodão, pondo no ouvido para não ter dor de ouvido.

VIVÊNCIAS DE NORDESTINOS

“Os retirantes traziam uma mala cheia de esperanças e outra de necessidades”

Adolescência - Noivados - Casamentos

A adolescência se definia como passagem da infância à idade adulta.

O sentido era dado pelas conversas em tertúlias ou treinamento que se submetiam os adolescentes no trabalho cotidiano, preparando-se para assumir a condição de homem ou mulher adulto.

Aos meninos era destinado o aprendizado de um ofício ou uma profissão, em que a finalidade era conseguir um emprego comercial para subsistência individual.

Este era, na maioria das vezes, o maior problema, já que as cidades interioranas pouco tinham a oferecer; o que determinava um grande número a se tornar retirante, já na puberdade, procurando as cidades grandes, onde sonhavam ser vitoriosos na vida.

A menina após os 13 anos começava a preparação para um casamento. Se a família era humilde, era necessário aprender a cozinhar, lavar e passar, cuidar dos irmãos mais novos e estudar, às vezes só o primário, quando muito, pois a falta de escolas no interior era uma realidade.

A posição das filhas era mais difícil que a dos filhos, já que os pais as proibiam de sair ou frequentar festas sem uma boa companhia, sob o argumento de que moça andando sozinha ficava “falada”, o que as obrigava a aguardar passivamente o surgimento de um noivo para

provável casamento.

Para os pais, nos costumes nordestinos, a virgindade das filhas tinha valor inquestionável, era uma obrigação de chegarem virgens ao casamento, com namoro sério e respeito no noivado.

Quando o casal de namorados resolvia casar-se, necessitava do assentimento dos pais e se por eventualidade o casamento fosse processado antes da maioridade com situação econômica deficiente, passava o casal a viver à custa dos pais que os sustentavam como filhos até que tivessem condições de se manterem ou “montar casa”, como se dizia.

O namoro às vezes começava nas ruas, em passeios, festas populares, jardins, parques de diversões etc.

A família das moças se preocupava em zelar pela honra das filhas mantendo-as em vigilância para não tomarem conhecimento de coisas que pudessem afetar o bom nome da própria família. Só saíam com os namorados ou noivos se fossem acompanhadas de um irmão ou tia, presença que era denominada “vela”.

O homem devia casar-se até os 25 anos; a mulher, não muito depois dos 20.

Nas separações, especialmente entre casais sem recursos, ninguém se preocupava com formalização jurídica.

No casamento devia haver fidelidade para ambos. O homem casado devia dar-se respeito, mas se tivesse um caso e perdesse a cabeça não teria condenação definitiva. Ao homem tolerava-se o direito de arrependimento; somente seria condenado pela opinião pública se abandonasse a família e deixasse de sustentá-la; para a mulher, o adultério não tinha perdão.

A viuvez criava um estado especial, o de adulto não casado.

Suas conseqüências são diferentes, principalmente se tem filhos menores que carecem de cuidados femininos: se tem casa, boa situação econômica, e não tendo muitos filhos, passa a ser considerado um bom partido para o casamento.

Quanto à viúva, durante um razoável tempo após a morte do marido, será considerada a mulher do finado e deve guardar luto fechado por um ano. Objeto sagrado, corpo intocável por outro homem, seria quase adultério entregar-se a outra pessoa. Se aparecesse casamento, a sociedade recebia bem; caso contrário, a viuvez teria que ser conservada pelo resto da vida.

UM LEÃO DE CHÁCARA

O Potacinha

Nos primórdios da Barra Cuiabana, quando esta vivia a fase garimpeira, um pequeno núcleo de aventureiros, à cata de dias promissores, deslocou-se de seus pagos, juntando-se em pleno coração do Brasil em suas tendas rústicas e sob as mais adversas condições de trabalho.

Pioneiros obscuros, mas tenazes e em titânico esforço em busca da sorte, mourejavam nas labutas e fainas diárias nos Monchões ou Grupiaras, acabando por edificar com o seu esforço uma autêntica civilização, onde milhões de brasileiros, oriundos de todos os quadrantes, se confraternizavam, numa sadia solidariedade sob este céu azul-turquesa.

Embriagados da esperança de alcançar a riqueza alimentada em seus sonhos, levavam uma vida de humildade, com muita luta e sacrifício.

O comando de autoridade era ao “deus-dará”, mas cada qual respeitando para ser respeitado, embora, à época, se vivesse sob o regime ditatorial da Era Vargas e no Estado de Mato Grosso sob a intervenção do governo Júlio Muller.

Na Barra Cuiabana, o seu fundador Antônio Cristino, por motivos políticos do passado, face à sua posição na chamada Revolução Morbeck versus Carvalhinho, ficou visado pelo interventor e por isso os seus pedidos em favor do povo da região não encontravam qualquer ressonância.

Por conta de tal situação, em certa época apareceu em Araguaiana, então sede do município, o Sargento Valdomiro, apelidado de “Potacinha”, com a nomeação para o cargo de delegado de polícia,

acompanhado de força policial aparatosa para lhe dar a necessária cobertura.

O novo delegado passou a praticar toda sorte de abuso e violência e em suas bravatas prendia, batia, sempre usando a força para decidir todas as questões, como se enfeixasse em suas mãos a autoridade de juiz ou promotor sem qualquer limite.

Certa feita, visitando a Barra Cuiabana, prendeu alguns garimpeiros que portavam armas, e num requinte de atrabiliarismo os amarrou em plena rua nas árvores que sombreavam os logradouros locais, causando com isso grande revolta a toda a população, embora ninguém se atrevesse a reclamar pessoalmente, temeroso de alguma reação e intimidado pelas desordens que o sargento-delegado era mestre em praticar.

Entendendo ser abusiva a ação do delegado, e sem ter a quem apelar na localidade, o comerciante Rafael Cardoso encabeçou um telegrama ao interventor do Estado denunciando as arbitrariedades praticadas pelo sargento e seus comandados, pedindo clemência em nome do povo. E, para obter maior repercussão, ele mesmo assinou os nomes de várias pessoas que constituíam a população do núcleo.

Outro telegrama de igual teor foi dirigido ao general Rondon, no Rio de Janeiro, de quem Rafael privava de boa amizade, face ao conhecimento que fizera com aquele grande militar, seu anfitrião na passagem de sua expedição de levantamento do Araguaia, na demarcação dos limites do Estado (1930).

Os dois telegramas foram parar nas mãos do secretário de Justiça, que mandou abrir inquérito, mas pedia ao tal Potacinha para dar explicações do que estava ocorrendo, remetendo o teor da cópia do pedido de providências.

Potacinha se deslocou novamente de Araguaiana para Barra Cuiabana,

instalando-se na pensão de Dona Maria Caboclo, e mandou intimar os denunciantes, signatários dos telegramas.

Por temor, covardia e mesmo por não terem assinado os documentos denunciadores, os intimados negavam a sua participação no fato, alegando até desconhecerem o teor e o envio dos telegramas.

Os personagens intimados foram: Miguel Máximo, Luiz Carlos Medeiros, Luiz Miranda, Claro Magalhães, João Firmino dos Santos, Elisiário José de Farias e outros que constavam como signatários da denúncia.

Todos negaram qualquer envolvimento, pois em verdade o mentor, redator e assinante dos nomes fora Rafael Cardoso, que inclusive inserira na relação dos assinantes o seu vaqueiro Pedro Santos, homem simples, de nenhuma letra, mas um sertanejo corajoso, afeito à bruteza do próprio meio.

Por constar o seu nome como um dos que enviaram os telegramas, foi Pedro Santos intimado e, inquirido, declarou nada saber sobre a tal denúncia. E na sua singular prudência, esclareceu à autoridade: “Seu delegado, eu não assinei este telegrama, mas quero ver a letra para certificar quem escreveu o meu nome, porque se ele foi assinado pelo meu patrão Rafael Cardoso, a assinatura vale. Ele pode usar meu nome em qualquer papel”. E desafiador: “Na realidade, o que o senhor está praticando aqui é uma verdadeira barbaridade; pior que o Lampião no Nordeste. Bate, prende, mata, desmoraliza os cidadãos sem piedade e o povo não tem para quem reclamar. Da forma que o senhor está procedendo, não vai sair da região com saúde. Vai em breve ser enterrado, se as formigas e os urubus não comerem seu esqueleto”. E arrematou: “Como eu disse: se foi meu patrão Rafael Cardoso quem assinou meu nome, a denúncia tem valor”.

O delegado, que até aquela data não havia ainda ouvido verdades de

alguém, ficou, por alguns instantes, calado a meditar as consequências de mandar prender o depoente, e também com medo da reação popular, pois o depoimento fora presenciado pelos que foram intimados, bem como por curiosos que ali se encontravam para ver o desfecho da audiência.

Meses depois, o sargento foi assassinado pelo garimpeiro Pedro Moura, revidando em vingança uma prisão, amarrado numa mangueira e recebendo alguns tapas.

Os soldados de Potacinha nunca mais voltaram a Barra Cuiabana.

No entanto, a coragem daquele homem simples e rude deveria servir de exemplo aos pusilânimes e aos omissos.

FATOS PITORESÇOS DA HISTÓRIA DE BARRA DO GARÇAS

Eleição de 1947



A primeira eleição municipal que se procedeu em Barra do Garças foi feita em 17 de janeiro de 1947.

Concorria para governador do Estado pelo PSD e PTB o Dr. Arnaldo Estevão de Figueiredo; pela UDN e PSP, Dr. Dolor de Andrade; para deputado federal era candidato o Dr. João Ponce de Arruda e para deputado estadual o candidato era Heronides Araújo.

A eleição foi tranquila, não houve disputas municipais, pois só concorria chapa única encabeçada pelos seguintes nomes: para prefeito de Araguaiana (que era a sede do município), Sr. Antônio Paulo da Costa Bilego e para vereador: Antônio Cristino Côrtes, Fleury Custódio Belém, Antônio Maria dos Santos, José D. Guimarães (Zelis Guimarães) e Raul José de Melo.

Na eleição para cargos estaduais, devido ao pequeno número de

eleitores do município de Araguaiana, e da distância com falta de estradas, ninguém da UDN se interessou em vir fazer campanha e também as informações que corriam eram que todo o eleitorado barra-garcense era pessedista.

Mas, como em toda história sempre aparecem os contraditores, não fugiu à regra aparecer oposição. Dr. Adolfo Tigre, agrimensor que fazia suas estripulias pela área vendendo terras e medindo fazendas, vendo que não lhe sobrava papel importante na política regional, resolveu fundar um diretório das oposições; incluiu o nome de Hosano Pereira da Costa como seu lugar-tenente e de outros elementos de somenos importância e expressão eleitoral; deles, que sequer tinham título eleitoral. E assim teve início o movimento de oposição que representava só em telegramas e mais telegramas de Barra do Garças para Cuiabá, apesar de a Estação Telegráfica ser em Voadeira (onde passava a linha telegráfica), distante 18 km da vila. Hosano se tornou, pelos telegramas que redigia, uma espécie de grande cabo eleitoral da UDN.

Como ninguém conhecia bem a burocracia eleitoral, visto haver passado 15 anos sem votação (período ditatorial do Governo Getúlio Vargas), durante o sufrágio, as folhas que deveriam ser assinadas pelos eleitores só serviram como folhas de chamada e os eleitores assinavam em uma folha qualquer, da qual não constava a rubrica do juiz eleitoral. Dessa forma, foram impugnadas as apurações das duas urnas de Barra do Garças. A apuração se dava em Lajeado (hoje Guiratinga) e as urnas seguiram sem apuração para o Tribunal Eleitoral de Cuiabá.

Já havia terminado em todo o estado as apurações, e estavam eleitos todos os possíveis mandatários, entretanto alguns deputados ficaram pendentes da apuração ou renovação daquelas urnas.

Heronides, apavorado e descontente com o resultado de sua votação

em todo o Leste e em Torixoréu, particularmente, volta em seguida a Barra do Garças para ver as providências que deveriam ser adotadas.

Hosano lhe mostrou um telegrama do Dr. Rubens Pinto perguntando se havia possibilidade de contar com 10 votos nas duas urnas impugnadas; sua eleição a deputado estadual dependia de três a quatro votos. Então, veio a cilada: Heronides prometeu a Hosano lhe pagar a importância de três contos de réis se ele passasse um telegrama ao Dr. Rubens Pinto, para retirar as impugnações da apuração das urnas e avisasse que havia mais de 50 ou 60 votos seus (do Rubens) dentro das mesmas, pelo trabalho feito pelas oposições. O Dr. Rubens era candidato de Guiratinga, pela UDN, e ao mesmo tempo delegado do partido junto ao Tribunal Eleitoral e fora ele quem havia impugnado as urnas citadas. Diante da informação telegráfica de Hosano (membro do diretório da UDN e delegado do partido), ele mudou de ideia, fez "um arrazoado" ao tribunal pedindo a retirada de sua impugnação. Dizia que o povo brasileiro depois de 15 anos frustrados, sem votar, não estaria mesmo na obrigação de conhecer pormenores e detalhes da burocracia eleitoral; afirmou que precisava apurar aquelas eleições para conhecer-se a vontade expressa do eleitorado barra-garcense, já que o resultado não influiria na eleição majoritária.

Ficou impressionado e empolgado com a votação que poderia alcançar nas urnas impugnadas, cujo prognóstico estava fora de suas cogitações, e supunha que ninguém houvesse lembrado seu nome em Barra do Garças; faltou-lhe a malícia de saber que não havia enviado cédulas para a região. Resultado: retiradas as impugnações, o tribunal fez a apuração das urnas e o candidato Heronides alcançou a votação que esperava e o candidato Dr. Rubens Pinto não obteve nenhum voto.

Por consequência, o cabo eleitoral da UDN, Hosano, recebeu um

telegrama de Rubens Pinto com a maior esculhambação e desabafo possível de uma pessoa ludibriada. Hosano mostrava a todos o telegrama, como gozação do feito que lhe conduziu à história da primeira eleição em Barra do Garças. Heronides até hoje é devedor a Hosano dos três contos de réis prometidos.

Esse foi um verdadeiro “conto do vigário” eleitoral.

COMÍCIOS DO PASSADO, NOS GARIMPOS DE MATO GROSSO

Em 1945, houve as primeiras eleições na região garimpeira, visto que até então o país era governado por Getúlio Vargas, em regime ditatorial, deposto por um movimento militar que exigia eleições, sendo candidatos para a substituição do presidente: general Eurico Dutra, pelo PSD, brigadeiro Eduardo Gomes, pela UDN, e Yedo Fiúza representando pequenos grupos.

Após o pleito de 1945, foram marcadas as eleições dos governadores, deputados federais, senadores e Assembleia Legislativa. Os candidatos campeões de votos foram: para deputado federal, Rachid Mamede, que era garimpeiro. Em assembleia de Mato Grosso, os preferidos dos garimpeiros foram: Cloves Hugueney, em Lajeado (Guiratinga) e Tesouro; Heronides Araújo, por Barra do Garças e Torixoréu (Balizinha).

Os garimpeiros ainda não conheciam a linguagem política e só se entusiasmavam com aqueles candidatos afeitos as suas origens. Cloves Hugueney só sabia afrontar os adversários. Dizia em sua linguagem de comício:

– Esses sem-vergonhas nossos adversários vão ver comigo se eu for eleito. O pau que vou dar nesses adversários não está escrito no gibi. Comigo o “buraco” é mais em cima, porque amigo meu não tem defeito e adversário, se não tiver, eu boto. Não vou criar cobra pra me morder e nem segurar cabra pra bode mamar.

E dizia mais:

– Se a UDN ganhar, nós estamos enrabados e se nós ganharmos, nós vamos fazer assim com eles! (fazendo gestos obscenos).

Isso era a motivação maior de arranjar adeptos para suas candidaturas.

Rachid Mamede, na condição de candidato a deputado federal, escolhia um linguajar mais delicado, porém só falava linguagem garimpeira. Dizia:

– Meus irmãos garimpeiros, foi neste garimpo que carreguei muito surrão nas costas, aqui naquele rapa encontrei a maior mancha pegando um tobó que diziam ser buso. Mas foi com ele que tirei a barriga da miséria; acabei com o blefe e larguei de andar de gongó e calção. Comprei logo umas roupas de carregação; ofereci aos companheiros muito quinado e rabo-de-galo; arranjei logo uma amigação com uma sipuína de primeira água que fazia maria-izabel para nosso almoço; larguei a meia-praça; passei a trabalhar por conta. Lembro-me que certa vez comia debaixo daquela sombra uma das melhores maria-izabel com torresmo, que parecia um banquete de rico...

E assim por diante era seu palavrório de catequese e votos; a garimpeirama aplaudia a cada vocábulo garimpeiro que ele pronunciava.

Depois de suas palavras, subiu ao palanque o Dr. Frederico Vaz Figueiredo, um advogado jurista, professor catedrático que possuía um conhecimento fabuloso, mas que não entusiasmava a garimpeirama com seus pronunciamentos.

Querendo imitar Rachid, iniciou seu discurso com as seguintes frases:

– Meus amigos garimpeiros: vejo como vocês são desprezados pelas autoridades. Eu não tenho o conhecimento de garimpo e garimpagem que o Rachid e Cloves demonstram nos discursos. Digo-lhes com sinceridade que nunca garimpei e nunca comi alguma maria-izabel. Mas tenho comido nessas andanças muitas Marias: Maria José, Maria de Jesus, Maria Emília e tantas outras Marias. Tendo esperança que vocês votem em meu nome, pois irei, com minha cultura, fazer leis

para beneficiar a classe garimpeira.

A vaia saiu de uma maneira estrondosa. Ele não se elegeu e Rachid e Cloves foram os candidatos eleitos.

Estórias de garimpos contadas no cotidiano.

INLEIÇÃO DO PASSADO

- Vicente, o "Inleitor"

*Seu Dotô, aqui na Barra
Quando era dia de inleição
Os candidatos é quem mandava
Dá comida e condução.*

*Foi por isso que Vicente
Nessa última inleição,
Comeu de ficar doente
Carne de porco e pirão.*

*Sarapaté e xurisso,
Torresmo com macarrão,
E depois de tudo isso,
Foi votar na inleição.
Aqui só tinha dois partidos,
O governo e a oposição.
Os outros, ninguém conhecia,
Não se tinha opção.*

*Tinha que iscuiê um dos dois
Pra mostrar sua intenção,
Iria votar depois
A maioria, na oposição.*

*Quando foi chegando a hora
De Vicente ir votar,
O pobre quis ir lá fora,
Queria se aliviá.*

*Mais o tar do presidente,
Começou a chamar Vicente*

E mandou logo ele entrar.

*Fui então dizendo a ele: assine
Aqui neste papér,
Depois entre na cabine
E vote lá em quem quisé.*

*Não precisa afobamento
Você não é muié.
Não se demore lá dentro
Pois os outros também qué.*

*Aí Vicente assinou
O que tinha de assiná,
E já contorcendo de dor;
Sem pudê quase falá.*

*Mostra o títo e se aproxima,
Fechô a porta da cabine,
E começou – dizem – a votá.*

*Lá fora o presidente,
Fazia o povo calar.
Toca a esperar Vicente,
E toca Vicente a custar.*

*Já fazia meia hora,
Que o pessoal lá de fora
Começou a reclamar.*

*Seu físcar... veja a demora!
A urna é só pro Vicente?
Este peste do presidente
Num bota o hõmi pra fora!*

*E pra não haver revorta,
Foi depressa o presidente
Bater com força na porta
Da cabine do Vicente.*

*Depois de muitas batidas
Uma voz grossa e isprimída,
Falou, quase gemida.*

O DEFUNTO QUE FALOU

Num passado não muito distante, os comerciantes Pedro Martins de Moraes, de Barra Goiana, e Rafael Cardoso, de Barra Cuiabana, se associaram pra construir a primeira estrada de rodagem entre Barra Goiana e Bom Jardim, onde passava a rodovia Uberlândia-Baliza, proporcionando aos desbravadores das cidades garimpeiras maior desenvolvimento.

Os nossos valorosos caminhoneiros, que a história hoje não registra, trouxeram desenvolvimento e passaram a dele participar. Foram, sem dúvida, a mola propulsora do progresso que a região experimentou, cabendo registrar, num breve rememoro: Carlos Paim, um dos maiores empresários de frota de caminhão.

Trafegavam os caminhoneiros entre Uberlândia, Rio Verde, Rio Bonito, Bom Jardim, Baliza, Balizinha - Barra Goiana e conseqüentemente nossa velha Barra Cuiabana, conduzindo nossas mercadorias, que antes chegavam via fluvial ou em tropas de burros.

Citamos nominalmente os pioneiros: João Santana, Eutriopio Cruz, José Noventa, Wilson Martineli, Sebastião Vaz, Gibaldo, João Paulino, Simião Castilho, Dimas Nasser, Moacir Catalão, Antoniozinho, João Maneiro, Antônio Catalão, Benedito Martineli, Elvio de Paiva, Crisólogo Lima, Frites Reimer, Lourival Gonzaga, José Ribamar, José Moraes, Alberto de Deus Guerra, Miguel Miranda, Antônio Máximo (Tonicão), Antônio Cabeludo, Belfor, Tartaruga, José Torquato, Hermes de Paiva Mesquita, Cidó, Espírito Santo; e mais alguns outros que, no momento, a memória não recorda.

Esses desbravadores não tinham dia nem hora de chegada. Os empecilhos de centenas de atoleiros atrapalhavam as viagens em

períodos chuvosos, tirando a pontualidade. Eram a Serra da Divisão; Borá; Caixão; Peleja, Curral do João Carneiro, de Caiapônia a Baliza ou Barra; Monte; Serra Negra; Belo Cardoso; Campo Belo; Córrego da Farmácia (onde caiu um caminhão de remédios); Totonho Junqueira; Cabeceira do Livro; Macaco; Córrego do Bom Jardim; areões do Km 30; Córrego João Velho; César e mais outros que apareciam momentaneamente.

Daquele tempo, quero lembrar um fato digno de nota, quando eles disseram que um defunto falou.

A ocorrência:

Gibaldo viajava de Barra para Uberlândia. Em Monte Alegre encontrou um caroneiro que implorava, com sua urna funerária, a oportunidade de chegar à fazenda onde falecera seu velho pai.

Gibaldo disse:

– Suba aí na carroceria, que está descarregada; acomode-se como puder.

O caroneiro pôs o caixão em cima da carroceria, nela subindo. E como iniciava uma chuva intermitente, o caroneiro abriu a urna funerária e se acomodou para abrigar-se da chuva.

Mais adiante, na margem da estrada, três indivíduos pediram a Gibaldo que também lhes desse carona, no que ele concordou dizendo:

– Subam aí, que já levo um...

Os passageiros viram a urna funerária e julgaram que seria algum defunto que ele levaria para a próxima cidade.

Como não tinham melhores abrigos, resolveram sentar-se em cima da urna.

Depois de alguns quilômetros viajados, ouviram certas batidas dentro da urna. Resolveram abri-la para ver o que ocorria.

A surpresa foi grande: um sujeito levantou a cabeça e perguntou:

– A chuva já parou?!

Os caroneiros, julgando que o defunto houvesse ressuscitado, pularam da carroceria e dizem que até agora estão correndo com medo do defunto...

O fato ocorreu realmente. Os enfeites da estória correm por conta dos contadores.

Diz o refrão: “Quem conta um conto sempre aumenta um ponto”.

O PORTUGUÊS NU

(Com aquiescência do coronel)

No tempo da ditadura Vargas, os que mandavam nas cidades do interior eram chamados de "coronéis". Mandavam e desmandavam. Tudo dependia de sinal verde: até a justiça, prefeitos e delegados dependiam de sua orientação ou boa vontade; eram os mandões que diziam mandar até chover fora de época.

Araguaiana, Barra do Garças e Luciara não fugiam à regra, tinham os velhos coronéis.

Certa vez, chegou a Araguaiana, procedente do Nordeste, uma velha viúva e artesã, Dona Pirralha, que instalou, sob os auspícios do coronel, uma escola de artesanato de confecções de rendas e almofadas com bilros, muito em uso no Ceará.

Logo em seguida a febre de aprendizagem ultrapassou as expectativas, matriculando-se ali mais de 50 moças querendo aprender a arte artesanal.

Dona Pirralha foi até o coronel pedir permissão do funcionamento da escolinha de "mulheres rendeiras".

A juventude ali, principalmente mulheres, não encontrava emprego a não ser como domésticas, cozinheiras ou passadeiras de ferro de engomar.

Os pais permitiram que suas filhas aprendessem aquela habilidade que, além de uma pequena renda financeira, oferecia à moçada um lazer, um passatempo.

Na escola formou-se um ponto concorrido da moçada e seus namorados, uma espécie de Clube da Juventude.

Na frente da casa da professora Pirralha, morava um português que vivia sem ocupação. Muito gordo, sofria com o calor do Centro-Oeste.

Todos os dias, ao regressar da rua, fechava a porta, escancarava as janelas para correr vento e se despia, andando de um lado para outro, nu.

A velha Pirralha recorreu ao coronel para que este tomasse as providências, visto que na escolinha as moças já não queriam mais usar as almofadas de rendas e ficavam curiosas a ver o português nu andando em sua casa.

Quando o velho coronel tomou conhecimento da denúncia, disse: "Isso é um absurdo! Uma indignidade, uma contraversão aos bons costumes e à moral".

Perguntou:

– Na casa do português a porta fica aberta?

Respondeu a velha Pirralha:

– Não senhor! Ele toma o cuidado de fechar a porta da rua.

Perguntou mais:

– As janelas da casa dele não têm forma de impedir a visão de sua nudez?

– Coronel, até que têm – respondeu Dona Pirralha –, pois as empanadas das janelas não são tão baixas assim.

– Então como é que a senhora e suas moças conseguem ver a nudez do português se as janelas têm impedimentos com empanagem?

– Coronel, é coisa simples e fácil ver ele nu: basta a gente subir nos tamboretas que dá para ver aquela imoralidade!...

O coronel interrompeu:

– Dona Pirralha, não tenho condição de exigir deste senhor que não tire a roupa em sua casa, como também não posso evitar que suas moças, com a curiosidade feminina, deixem de bisbilhotar os aposentos alheios. A única solução que me oferece para resolver tal questão é mandar serrar as pernas de suas cadeiras ou de seus tamboretas para não ocorrer tal curiosidade.

Disse mais:

– Dessa forma, tudo seria resolvido: suas moças não verão o português nu e ele não se exhibirá para elas. Ninguém pode proibir que os proprietários fiquem em seus aposentos à vontade... A censura é só para exibição pública.

FLEURY BELÉM

Um pioneiro histórico

Em 1937 chegava a Baliza o meu saudoso compadre Fleury Belém. Vinha da cidade goiana de Pedro Afonso, antiga “Boa Vista do Padre João”; havia passado por Goiana, onde trabalhou de operário na implantação da cidade no seu início de construção dos prédios que se tornariam repartições públicas da nova capital.

Em Baliza, constituiu família e vivia de um bar-bilhar.

Era eu um garoto que se tornou músico da Filarmônica local. Naquela época, Baliza esperava a visita do governador Pedro Ludovico, quando era iniciado o projeto de emancipação do município. Fui recomendado pelo intendente local para fazer parte da Bandinha que naturalmente iria abrilhantar os festejos da visita.

Sem outros afazeres, fiquei um período jogando nas horas vagas no Bilhar de Fleury, onde acumulei um débito de tempo a pagar no valor de CR\$ 30,00, moeda antiga que hoje representaria o valor de 10 garrafas de cerveja.

Terminadas as festividades e sem mercado de trabalho, me dirigi ao intendente Alfredo Rocha para acertar o trabalho que prestei à Bandinha durante um mês.

Disse-me Alfredo Rocha que as festividades eram uma obrigação do povo balizense e que não haveria ressarcimento de paga. Fiquei chateado com a solução, pois havia sido recrutado de Caiapônia, onde trabalhava na Prefeitura local como gari, para ser músico da Bandinha do Prefeito Garibalde Teixeira.

Como eu tinha sido convidado por Zeca Costa para vir para Barra do Garças tomar conta de um bar-bilhar, resolvi trazer uma farda da Bandinha de Baliza em paga daquele tempo perdido ali.

E veja o que me aconteceu...

Já estava na margem do rio para pegar o Batelão do Faustino, única viatura que trafegava pelo rio entre Baliza e Barra Cuiabana, cuja passagem custava cinco mil-réis (CR\$ 5,00), valor pelo qual me propus a remar o Batelão e carregá-lo de mercadorias, para ganhar aquela passagem. Mas, já na hora do embarque, aparece no meio dos curiosos que iam ao porto ver aquelas partidas o nosso amigo Fleury Belém, credor do débito de tempo que devia.

Disse Fleury:

– Varjão, você parece que vai embora?...

– Sim, Fleury, aqui em Baliza não encontro trabalho; como prata da casa não tem valor, vou aventurar a vida em outras paragens.

– Tudo bem – disse ele –, mas você para sair daqui tem que me pagar o que deve.

Disse eu:

– Fleury, tenha paciência por mais alguns dias, que o primeiro dinheiro que eu ganhar lhe reembolsarei o débito.

Ele, na continuação do papo:

– Essa alegação sua é conversa fiada de bêbado delegado. Peça a seu patrão ali para me pagar, se não, você não viaja.

Informei-lhe que Faustino não era meu patrão e que eu estava prestando serviços de carregar o batelão e remar na viagem para ganhar a passagem.

– Então abra essa mala sua: vamos ver o que você tem de valor para me pagar.

Aí, não tive outro jeito: fui forçado a entregar a farda da Bandinha, da qual eu me havia apropriado e que era uma indumentária mais bonita que fardas de porteiros de hotel de cinco-estrelas. Pensava eu: nos bailes em que eu vestir essa farda, não me faltará namorada...

Com a perda, frustrado, eu viajei até Barra do Garças e assim fiquei por muito tempo.

No dia 16 de dezembro de 1942, Fleury também chegava a Barra do Garças para se constituir, como eu, em um dos fundadores. Trabalhava ele com um cineminha mudo que cobrava “1 mil-réis” para exibição de filmes de Charles Chaplin, de Carlitos, Tom-Mix, e os grandes artistas do cinema antigo.

O povo delirava com as exibições que eram musicadas pela sanfona de Fiuca, Cabritinho no violão ou Anísio do Vitória. O conjunto tocava valsas como “Saudade de Matão” nos filmes românticos, xotes e sambas nos filmes de banguê-banguê que previamente eram anunciados por Fleury no seu serviço de alto-falante. Como um locutor pitoresco, dizia no seu peculiar linguajar:

– Respeitável público, hoje no Cinema Carajá exibiremos um espetacular e formidável banguê-banguê, com o artista Gabiais-Gabiais briga demais, muita facada, muita cacetada, sensacional, os assistentes irão rir de cair a dentadura ou fazer xixi nas cuecas, porém entre mortos e feridos escapam todos!...

Antes do início dos filmes, fazia anúncios comerciais, de aniversários ou serviço de utilidades, no seu gozado estilo:

– Atenção Zé das Éguas, morador no Monção da Aroeira ou em lugar ignorado e não sabido: o Velho Cinza do Córrego Fundo, o Seu Perna

de Pau, apela para você vir saldar sua conta que está “cabeluda” e você se tornando um velhaco de chapa e cruz!...

– Alô, alô, seu Anastácio, venha pegar seus porcos que, soltos, estão perturbando a ordem pública e o sossego da humanidade.

Uma porca fugiu do cercado do Sr. Germano Bezerra, e ele pediu a Fleury para anunciar. Em sua locução, disse ele:

– Uma porca do Seu Germano fugiu passando pelo cercado do seu Basílio Dourado, do Velho Mariano Neri, Pasto do Vitório, e ganhou a capoeira, se escafedeu; o Constâncio, o Basílio e Antônio Dourado estão no piso dela, a porca do sexo feminino ruivo-avermelhada com as seguintes características, tem: duas carreiras de peitos, uma de um lado outra do outro; anda de cabeça baixa com vergonha de sua mãe ser outra porca. Quem trazer notícia levará uma gorja grossa.

Certa vez disse ele a sua filha Diacuí: “Vá me comprar um picolé”. Respondeu Diacuí: “Pai, só tem de murici”.

– Pode ser de jatobá; traz pra cá!

Diacuí namorava um rapaz inteligente e de boa aparência. Fleury, querendo testar seus conhecimentos, perguntou:

– Meu futuro genro, você que é um moço estudado, me responda: qual é o sangue do país?...

– Não sei, Seu Fleury!

O papo acabou em testes de conhecimentos.

– Nas escolas que você estudou não lhe ensinaram que o sangue do país é o petróleo; sem ele o país não tem vida? Certo ou errado?...

Fleury foi nomeado carcereiro da Cadeia Pública e, certa vez, um preso fugiu. Tratava-se de elemento perigoso o valentão. O delegado deu

um soldado a Fleury e mandou prender o fugitivo que se encontrava num boteco bebendo. Ao chegarem ao local, o soldado agarrou pelas costas o desordeiro e disse: “Dê voz de prisão, Seu Fleury!”.

Este, depois de ver o indivíduo imobilizado e desarmado, disse:

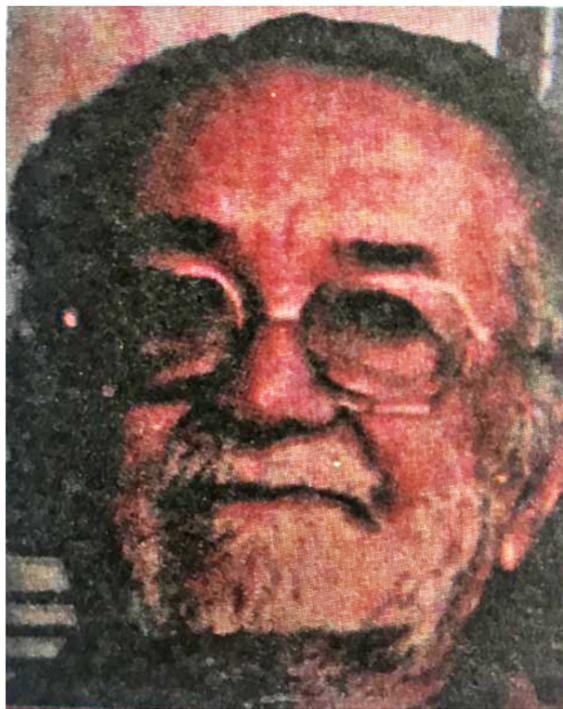
– Esteja preso, em nome da lei! Meu amigo, não tente reagir; sou um pai de família; preciso desse emprego para ganhar o pão.

Fleury foi eleito vereador na 1ª legislatura (1947-1951); é de sua autoria a lei que emancipou Barra do Garças. Foi um grande amigo dos humildes; sua prole, bem-quista, marcou com letras douradas sua vivência. Tive eu a felicidade de ser um dos seus destacados amigos, seu filho Waldemir Belém é meu afilhado. Descanse em paz, meu compadre Fleury, Barra do Garças perpetuará sua memória histórica.

PRIMEIRO CINEMA DE BARRA CUIABANA – FOLCLORE, CULTURA E HUMOR

- HISTÓRIA PITORESCA -

(Extraída do Caderno Histórico de Varjão)



Dentre os fatos pitorescos que vimos narrados na *Gazita* e que fazem parte de anotações do nosso caderno de histórias regionais sobre pioneiros habitantes barra-garcenses, focalizamos com o devido respeito e a merecida atenção a figura do meu querido compadre Fleury Belém. Figura boníssima, homem popular, simples, bem-quisto e camarada.

Foi vereador, dono do primeiro cinema e introdutor do primeiro serviço de alto-falante com amplificador, isto lá pelas décadas de 40 e 50, tendo aqui se localizado entre os fundadores da cidade com suas mesas de “snooker” e bilhares em um bar onde frequentava toda a comunidade, isto após haver tomado parte ativa na construção de Goiânia.

Fleury, que todos nós conhecemos, homem simples, de instrução mediana, usava uma linguagem e um palavreado invulgares como locutor que provocava risos e até chacotas aos habitantes frequentadores da casa de espetáculos.

Seu cinema era mudo, com um aparelho de projeção para filmes de 8 milímetros, filmes de Carlitos, "O Gordo e o Magro" e os insubstituíveis e incomparáveis caubóis americanos. Tudo ao som de uma radiola tocando valsas para filmes românticos, marchas para filmes de Carlitos ou sambas para os "banguê-banguês", quando se projetavam as cenas mudas, muitas vezes vaiadas pela assistência, com gozações regionais.

Antes do início da película na tela, Fleury fazia a propaganda ou promoção para a plateia, anunciando os aniversariantes do dia ou da semana, fatos dignos de destaque e propagandas comerciais. Para os filmes de "banguê-banguê", ele dizia mais ou menos assim:

– Respeitável público e distinta plateia, não deixem de assistir ao fabuloso filme de hoje, uma película emocional com muitas mortes, tiros e brigas de caubói, filme banguê-banguê... Não percam!

Certo dia falecera um pai de numerosa família da comunidade e foi solicitado o serviço de alto-falante do Fleury para convite ao enterro do féretro. Ele, usando seu linguajar simples, já decorado, disse:

– Meus senhores e povo em geral: convidamos a população para assistir um emocionante, extraordinário e formidável enterro do Senhor Fulano de Tal. Não percam e não deixem de assistir às 5 horas da tarde.

De outra feita, a Srt^a. Teresa Costa de Melo (Tetê), que era a diretora da Escola Municipal e que havia se formado recentemente em Uberlândia, estava implantando um sistema moderno de ensino e exigia a colaboração dos pais para acompanhar as tarefas de seus

filhos. Quis fazer uma reunião com os pais de alunos para dar-lhes orientação segura e falar dos métodos do ensino moderno e mandou que cada criança levasse a seu pai um convite para comparecer ao Salão Comunitário, no dia “x” e hora “y”. Entretanto, por motivos alheios à sua vontade, teve que adiar a reunião e pediu a Fleury que anunciasse no seu alto-falante o adiamento da tertúlia.

Fleury, não entendendo bem o que seria procedido com os pais de alunos, anunciou:

– Atenção povo de Barra do Garças: a Professora Dona Tetê avisa aos pais de alunos que o negócio dela que ia dar hoje aos pais de alunos só pode dar amanhã.

Era o único locutor da época, todo mundo entendia sua linguagem e a cidade até hoje sente saudades do “Cineminha do Fleury” e do seu gozadíssimo serviço de alto-falante.

O PRECATÃO

Vidas que se apagam



Todas as cidades têm tipos de rua conhecidos no dia a dia, fácil de serem identificados, pois se tornam populares por traços que os caracterizam.

Daí dizerem que a “cidade vive dos que nela convivem”.

Seu Manoel, sem outras adjetivações, foi um desses. Lembro-me nitidamente daquele anacoreta, ermitão solitário, que viveu o resto de seus dias na antiga Barra, que a meninada apelidou de Precatão.

Um velho ruivote, sarará e serelepe. Os olhos amarelados, “tal qual os das mutucas”, brilhosos “como azougue”; o nariz achatado “qual fundo de gamela”, os dentes falhos “como pousos de ciganos”, pretos e apodrecidos; sisudo “como lobo mau”; trazia estampada em si a marca do sofrimento; figura repugnante, com espessas sobrancelhas e crescidas barbas.

A gurizada provocava-o com refrões rimados, gritando bem de longe:

“Precatão, olho de cão,
Abre o olho, olho de boi
Senão o Duca te futuca,
Olho de mutuca”

Impressionava e amedrontava a qualquer vivente. Era verdadeiro fantasma vivo evocado como bicho-papão para a garotada desordeira, traquinas ou cheia de peraltices.

Ele apareceu como o vento. Não se sabe de onde veio, nem para onde queria ir, apenas chegou à região. Trazia aos pés as largas alparcatas de solado de pneu que lhe valeram a eterna alcunha de Precatão.

Para amedrontar, os adultos diziam às crianças:

– Ele colocará você naquele saco sujo e vai levar para a casa dele e nunca mais traz de volta.

Precatão, de quando em quando, aparecia nas ruas. Sua presença era marcada pela malta de cães que ele criava e dava a cada um o nome de algum político da cidade.

Naquelas periódicas andanças, ao ser avistado de longe ou pressentido pela presença dos cães, era um corre-corre da gurizada à procura de esconderijo junto aos pais, evitando serem vistos. Escondiam-se até debaixo das camas.

Seu Manoel, o Precatão, oferecia de porta em porta o conteúdo do saco seboso e asqueroso que carregava às costas. Eram frutos silvestres da época: pequi, mangaba, goiaba, araticum, mirindiba, marmelada, gabioba, macaúba, buritirana, jatobá, coco, pitomba, murici e muitos outros. Conduzia uma carroça manual abarrotada de paus pubos, das cercas velhas, procurando vender como lenha para fogão.

Veza por outra, arrastava pelo cabresto uma jumenta carregada de lenha.

Certa vez o animal, sobrecarregado e trôpego, caiu numa grotta e ele, piedosamente e com palavras amáveis, implorava:

– Levante-se, senhora... Seja complacente, não vê que hoje, alquebrado e sem forças, não tenho mais condições de lhe ajudar? Levante-se, minha amiga... Tenha piedade de mim, já que os transeuntes nunca tiveram.

Quando se dirigia a alguém para solicitar alguns trocados, nunca o fazia por esmola ou em forma de súplica; pedia sempre por empréstimo. Naquele instante se tornava arrogante, e quando lhe era negado azorragava com achincalhes dos mais atrevidos:

– Você dá ou empresta se quiser! Se não quer atender a um mísero que necessita, vá pro inferno, enfie sua presunção e seu dinheiro onde julgar conveniente. Também já fui novo... Já fui rico e fui bonito... Deixa estar, que pra chegar a onde cheguei, você também viverá... Não preciso de esmola de vagabundo da sua espécie. Se você não sabe o que é velhice pobre e desamparada, vai saber quando chegar lá.

Eram tantos e tão fortes os argumentos e descomposturas, que às vezes era atendido, não por piedade, mas para se ver livre dos impropérios.

Seus diálogos amáveis eram apenas com seus animais, especialmente com a malta de cães magros, esqueléticos e famintos.

Ao receber alguns trocados, dirigia-se ao açougue, onde adquiria restos ou ossadas com que se alimentava e, também, aos seus cães. Tinha para com eles afagos admiráveis. Quantas vezes vimos o Precatão a conversar com eles como se fossem pessoas. Quem não

o conhecia julgava estar conversando sozinho. De seu esconderijo, palhoça rústica, ouviam-se risos e gargalhadas como se estivessem em festas. Suas galinhas tinham os nomes das senhoras da sociedade, as madames da cidade.

Os cães eram seus confidentes, a sociedade hipócrita o repudiava, negando-lhe até a mão a um cumprimento, com escrúpulos de sua imundície.

Certo dia, estava eu na Prefeitura (era ainda alcaide), quando apareceu o nosso motorista Ubaldo solicitando permissão para usar sua arma de fogo e matar, na rua, um cachorro louco que corria até o mato e voltava aceleradamente, uivando e ganindo...

Informei-lhe do risco de ser molestado pela polícia a até processando se ocorressem tiros no centro da cidade. Ponderei que pegasse o cachorro para levar ao veterinário a fim de verificar se de fato estava louco e, então, sacrificá-lo antes que mordesse alguém. Prometi-lhe boa paga pela presa.

Numa desabalada carreira, sem sucesso, um magote de meninos procurou alcançar o animal que desabalou rumo ao esconderijo do Precatão.

Ali, o tresloucado cão parou diante de um quadro tétrico, piedoso e macabro. O velho jazia morto há vários dias, rodeado pela malta de cães que o velavam uivando numa orquestração horripilante. Como choro de familiares, os cães levavam a crer que suplicavam piedade e uma cova para o sepulcro daquele ente querido.

O corpo azulado, já em decomposição, fétido, rodeado de moscas e vermes, era abanado pelas caudas dos cães, que evitavam a chegada dos urubus, enquanto o cão mensageiro, desvairado, fazia a pantomima de carreirão e uivos da cidade até o local do sinistro. Era como pedir ao povo que fosse ver seu verdadeiro amigo falecido e,

por caridade, desse a ele mesmo que fosse uma cova rasa.

Diante do estado de putrefação bem adiantado, o corpo do Precatão não pôde ser conduzido ao cemitério local, tendo sido sepultado ali mesmo, próximo de sua choça.

O delegado de polícia, policiais, presos, alguns curiosos e a malta de cães foram testemunhas do enterro daquela figura humana repudiada, mas que teve na juventude (ao que consta) fortuna e instrução.

O mundo fez dele uma figura popular, e a garotada, um fantasma do medo.

PRIMEIRO ALFAIATE DE BARRA DO GARÇAS

Corria o ano de 1933. A afluência garimpeira se acentuava na região pelas descobertas de uma “mancha” na praia, onde todos julgavam haverem achado a garrafa milionária enterrada por Simião Arraya, da lenda. Entretanto a mina era mesmo de fazer os garimpeiros perderem a cabeça. Joaquim Mendes de Souza – Joaquim Guardiato – havia encontrado um diamante de 10 quilates e muitos outros haviam “bamburrado”.

O povoado garimpeiro de então tomou característica de vila; chegavam os primeiros comerciantes, mascates e outros exploradores populares. O Sr. Talismã ergueu a primeira capela destinada a Nossa Senhora das Graças e ao lado da mesma barraca destinou uma sala que serviria de “cabaré” denominada “K-TE – ESPERO”, no encontro das ruas José Valeriano Costa e Coronel Cristino Côrtes. Ali era o ponto de encontro de garimpeiros e das “mariposas” que afluíam para usar o dinheiro dos “bamburristas”.

Após as rezas noturnas, com leilões e outras explorações abusando o nome da santa, começava o “fecha-nunca” até altas horas da madrugada com tiros e outros incidentes. Eram respeitados os mais valentes que muitas vezes tomavam as dores dos mais covardes. As rodadas incluíam cerveja com guaraná: as bebidas mais preferidas, denominadas “rabo-de-galo”.

Numa dessas suas viagens a São Paulo, Astolfo Barbosa resolveu comprar grande estoque de linho HJ, albenes, coroa e tecidos de palha

de seda. Tratavam-se de tecidos de alta categoria e necessitava-se de alfaiate para as confecções.

Naturalmente, Astolfo esquecia-se de que na região garimpeira e, principalmente, em Barra do Garças (Barra Cuiabana), não havia ainda chegado nenhum profissional do ramo, e, se por acaso alguém entendia, não se dedicava, pois o garimpo era o melhor trabalho na esperança da riqueza da noite para o dia, embriagava qualquer vidente que se destocava para a zona.

Foi então que Astolfo viu a burrada que havia cometido ao querer implantar tecidos caros e da última moda nos garimpos, quando os bamburristas pouco ligavam para o luxo e suas roupas eram mais as de confecções denominadas “de carregação” (roupas feitas), talvez mesmo pela falta de profissionais da tesoura.

Havia um garimpeiro que pouco se adaptou às lides mineiras e pela sua cultura e inteligência não era dado a “pegar no pesado”. Havia se casado com uma moça prendada, filha de família tradicional lá do Nordeste e que seus pais, também embriagados pela propaganda garimpeira e pelas informações de riqueza fácil, venderam seus haveres e aportaram na região.

David Monteiro era seu nome. Achou que, com sua cultura, sobreviveria sem precisar ir à cata ou às “grupiaras”, mas enganou-se redondamente; e assim, depois do seu casamento com Dona Ezilda Maranhão Monteiro, começava a passar as maiores necessidades, até de crédito, pois nos garimpos pouco se vendia fiado em virtude de os garimpeiros serem nômades e, mesmo, seus patrimônios constituíam-se apenas de “bateia” da “traia” garimpagem. Dessa forma, David estava, como se diz na gíria, “correndo da sala pra cozinha”, sobrevivendo modestamente, sem “dar o braço a torcer” ou “pedir arrego” aos seus vizinhos.

Certo dia David combinou com sua esposa de que deviam enfrentar a realidade da vida, vez que de rica ela só tinha a fama e prendada educação, e assim se dispuseram a trabalhar. Ela entendia de costura, pois antigamente uma moça para se casar era obrigada a saber costurar, bordar, às vezes pintar e até cozinhar, para saber administrar seu lar, mesmo que tivesse vida regalada. Com as noções de costura que Dona Ezilda possuía, resolveram ir ao comerciante Astolfo Barbosa pedir alguns tecidos baratos para fazer algumas confecções tais como: camisas, cuecas e calças para serem vendidas como roupas “de carregaço”.

Astolfo entregou alguns cortes de brim em caráter experimental. David e sua esposa se entregaram às lides de costureiros. Não existiam máquinas de costura de pé, era apenas uma “Singer” manual e à luz de candeeiros ou lamparinas, até altas horas da noite. O casal se entretinha no trabalho que passou a ser o seu “ganha-pão”.

Depois de certo treino – pois, nas primeiras calças que fizeram, enfrentaram sérios problemas pela falta de experiência na arte –, David resolveu se intitular “alfaiate” e certo dia um garimpeiro dos mais exigentes trajas perguntou ao comerciante Astolfo Barbosa se havia na região alguém que tivesse condição de confeccionar um terno dos seus cortes de linho “HJ” ou Palmebiche.

Astolfo, querendo vender o tecido, pois os mesmos já estavam ficando “fusos” nas prateleiras, informou que David Monteiro era o melhor alfaiate do mundo, mostrou ao garimpeiro seus finos ternos feitos em São Paulo como se fossem feitos na região pelo alfaiate David e, de tanta promoção ao profissional, fez o garimpeiro cair na lábria e comprar um corte caríssimo. Com ele, foi até o alfaiate. David, para não desmerecer as informações, resolvera ficar com o pano, mesmo sabendo de sua ignorância acerca da empreitada. Para dar um toque de impressionar, pegou uma fita métrica e mediu o garimpeiro de cima

abaixo. Acredito até que o tamanho dos dedos foi medido e anotado. Mediu pescoço, tronco, barriga, pernas, braços, cabeça, nariz etc.

Marcou o dia em que o garimpeiro devia ir buscar o terno, cobrou-lhe uma alta quantia para ver se o cliente desistiria da confecção da roupa, mas a vontade de melhorar sua aparência fez com que o mesmo não regateasse. Tirou logo uma “pelega de quinhentos” e deu-a de adiantamento para a empreitada. David, que há muito não via uma nota de 50 mil-réis, ficou logo impressionado e mesmo ignorando a arte meteu a tesoura no pano. Pegou uma calça velha sua (uma vez que tinha a mesma estatura do garimpeiro) e desmanchou-a, para servir-lhe de molde; da mesma forma que fez com o paletó velho. Quanto à calça, ele já tinha noção como proceder, entretanto no paletó não foi capaz: de toda forma que agasalhava os pedaços do velho paletó em cima do resto do corte de linha, ele nada conseguia. Então resolveu “dar um golpe”. Chamou o garimpeiro e disse-lhe:

– O velho Astolfo deve ter-lhe “passado o pé” neste corte, pois não dá para fazer um terno. Se você quiser, posso lhe confeccionar duas calças do pano.

O garimpeiro, agastado, disse:

– Por isso é que esses comerciantes ficam ricos logo, roubando dos fregueses nos preços e nas metragens. Faça as duas calças que eu vou me haver com o velho Astolfo.

David ficou desesperado, pois podia, através da desavença dos dois contendores, ser ele o pivô... Mas, como precisava do dinheiro que já havia gasto, fez duas calças e nunca mais se meteu a alfaiate, temendo nova refrega.

E assim Barra do Garças conheceu o seu primeiro alfaiate na pessoa de David Monteiro.

(São fatos rotineiros na vida de qualquer cidade e que hoje fazem parte do folclore histórico da nossa querida Barra, que em pouco tempo se transformou numa metrópole invejável, tendo agora profissionais da tesoura que são verdadeiros artistas, passando daquela fase “do alfaiate de primeiro ano” como foi David e como canta Luiz Gonzaga em seu baião).

A vida continua e, com ela, a nossa história.

LUTA POR CORRESPONDÊNCIA

Dr. Tito x Joca

As histórias regionais sempre são contadas com o início: “era uma vez... etc.”, mas a que contaremos aqui não tem nada de “uma vez”, pois não se trata de histórias da carochinha, que no final tudo era reino encantado.

O fato ocorreu mesmo, os personagens ainda estão vivos e as testemunhas oculares podem ser consultadas. Trata-se da maior briga por correspondência havida em nossa cidade, da qual, entre mortos e feridos, escaparam todos. Aliás, é fato inédito, pois sabemos que há namoros por correspondência, noivados etc. e até casamentos por procuração, o que equivale a casarem-se por correspondência, mas briga por correspondência só mesmo a que narraremos, ocorrida no ano de 1947, entre o Dr. Tito Luís de Araújo e João Pereira da Silva, o “Joca do Vitória”, personagens protagonistas vivinhos da silva.

O Dr. Tito, um gaúcho valente que se dizia engenheiro, construtor da BR-158, vivia com um grande número de capatazes e asseclas à sua disposição. Tinha fama de valentão. Em muitas oportunidades, fazia acertos de contas com pontapés e socos, e como bom gaúcho não fugia à regra: tinha um papo de amedrontar qualquer fulano, como ocorreu num pagamento ao lavrador Torquato Pereira, baiano de Lavras dos Lençóis que havia vendido ao Dr. Tito vinte quartas de farinha, fiado, e que este ao receber a cobrança em local inconveniente deu, como pagamento, um tapa na cara do cobrador, o velho Torquato.

Joca do Vitória era um rapazola bem-quisto da sociedade por ser bom atleta futebolístico e iniciava sua vida num pequeno armazém localizado onde hoje é a Praça da Matriz esquina com a Rua 1º de

Maio, distante do centro comercial uns 3 km. Além do armazém, Joca explorava o primeiro “cabaré” regional que denominou “Rancho Alegre”.

Dr. Tito morava onde agora é a residência do Sr. Ornar Borges, perto do Corguinho e Voadeira. O lance ocorreu quando o Dr. Tito precisara comprar um maço de cigarros “Odalisca” e só se encontrava do mesmo no armazém do Joca, que se negou a entregar ao portador; com a promessa de que o Dr. Tito logo passaria ali para efetuar o pagamento.

Com a resposta negativa de vender fiado, o portador, que era uma espécie de ordenança do Dr. Tito, o Alcino Tropeiro, não deixou de enfeitar a resposta à sua maneira e que ferira profundamente os brios do então poderoso chefe das estradas da FBC. Este não regateou em escrever um bilhete malcriado para Joca dizendo de sua personalidade e da ofensa recebida, e que poderia o mesmo receber alguma represália de sua parte, pois tudo em Barra do Garças dependia da sua pessoa.

Não tardou que Joca pedisse ao portador que levasse a resposta, também de grosserias e impropérios; nesta, afirmava que não era só doutor que fumava Odalisca e, por isso, ele ficasse com sua prepotência que ele ficaria com a sua mercadoria. E disse mais: que não recebia um trucado sem responder com seis tentos ao trucador.

Dr. Tito, recebendo o bilhete atrevido e que nunca havia visto verdades escritas contra sua pessoa, se apressou em mandar outro bilhete-resposta e Alcino volta novamente no percurso de mais de 3 km, a pé, para levá-lo.

Joca não deixou por menos: novamente respondeu às ofensas dizendo ao doutor que vivera até aquele dia sem precisar de doutor algum e que sua mercadoria jamais seria vendida a velhaco de nascimento e

pagador de dívidas com brigas e ameaças.

Assim termina o primeiro dia de luta por correspondência.

Não se contentando, o Dr. Tito, logo ao amanhecer do dia seguinte, manda Alcino comprar 5 blocos e 500 envelopes, e continuou a contenda, escrevendo a Joca que se algum dia fosse passar nas estradas que ele estava construindo, seu veículo seria preso e ele, Joca, desmoralizado.

Joca respondeu: que ele engolisse suas estradas ou as enfiasse em algum lugar conveniente, pois ele tinha vindo da Bahia a pé e nunca havia precisado usar qualquer rodovia ou mesmo veículos a motor; e se ele (Dr. Tito) quisesse fumar Odalisca, que mandasse comprar em Uberlândia, pois de seu boteco nem a dinheiro lhe venderia mais.

Nesse vaivém de correspondência, bilhetes, cartas, grosserias atrevidas, impropérios e até deselegantes adjetivos, os dois contendores se desavieram por mais de meses consecutivos até o dia em que Alcino Tropeiro, não resistindo mais o vaivém, pediu as contas ao Dr. Tito.

Joca até hoje relembra o fato e tem medo de encontrar-se de vis a vis com o doutor valentão.

À época, foi a luta mais comentada da região; até cantadores de catiras inventaram recortados com a briga "Tito versus Joca".

Nem a Revolução Veloso, de Morbeck x Carvalhinho, foi tão badalada como a que descrevemos, pois a revolução, apesar de armas, aviões e bombas, só durou dois dias, a de Tito e Joca foi a 90 dias de correspondências atrevidas.

CAPITÃO VALÉRIO PORTO

Não desmerecendo a nossa geração, parece que os homens de destaque do século passado tinham mais fibra, mais caráter e não engoliam desaforos. Daí porque nossa afeição se destaca com mais respeito. Vimos, nesses 70 anos vividos nestas plagas, fatos que com saudade rememoramos seus personagens.

Só quem conhece pessoalmente o Capitão Valério Porto pode avaliar sua coragem, sua integridade moral e justeza de caráter. Um velhote de pouco mais de 1,55 m que não pesava 60 kg, enfeixava naquela franzina estrutura física a coragem e a altivez que poucos homens de hoje integram.

Fomos testemunhas, na convivência regional, de algumas bravatas e outras por ouvir dizer de muitos lances de seu heroísmo. Foi ele quem, à frente de pouco mais de uma dúzia de homens armados precariamente, enfrentou a Coluna Prestes, um contingente de 400 homens revoltosos e dezenas de oficiais de alta patente do nosso Exército que, em 1926, percorreu o Brasil de norte a sul e principalmente o desabitado Brasil Central e ainda não havia encontrado resistência nas cidades que pretendeu alcançar. Vieram a deixar baixas quando se defrontaram com o piquete de segurança comandado por Valério e uma plêiade de defensores da comunidade onde residiam suas famílias.

No embate travado a tiros de ambos os lados entre a tropa de Prestes, Siqueira Campos, João Alberto e outros revoltosos, foi esta obrigada a recuar da luta fratricida.

Valério Porto foi considerado um grande estrategista e o homem de mais coragem enfrentado pela Coluna Prestes em suas andanças.

Capitão Valério Porto, como era alcunhado, recebeu, não sabemos se por mérito ou bravatas (nos antigamente), uma patente de capitão da Guarda Nacional que honrava e às vezes exibia com certo orgulho. Guardava como relíquia uma antiga farda que recebeu junto à patente, um culote verde, um quepe, uma túnica com galões dourados e um par de polainas com esporinhas de prata e uma espada. Essa indumentária era usada pelo velho nas festividades ou cerimônias protocolares.

À época do regime ditatorial do presidente Vargas (1947-1955), quando o povo não tinha voz ativa e nem a quem apelar e os interventores estaduais eram uma espécie de “deuses”, seus prepostos intendentess municipais, com a cobertura de delegados, agiam de forma “sobrenatural”, apareceu pelas plagas garimpeiras o arbitrário, valente e desordeiro tenente Simeão Barreira – que, aliás, ainda é vivo para testemunhas; hoje, um major reformado, verdadeira fera sem dentes.

Barreira era uma espécie de semideus como delegado regional de Baliza, Bom Jardim, Deixado e Barra Goiana. Superintendia todos os garimpos e fiscalizava-os semanalmente, prendendo, batendo, castrando, cortando línguas e raspando cabeças de ladrões ou prostitutas em desavenças. Era um verdadeiro Lampião de nossa região.

Numa visita a Barra Goiana, encontrou um velho garimpeiro chamado Osneida, que portava um revólver em seu embornal. Os soldados, ao perceberem ou serem avisados sobre a arma, avançaram no velho dando-lhe inúmeros tapas e pontapés. Osneida, vendo-se desmoralizado e sem meios de reação, não mais quis fazer a barba e, injuriado, procurou vender seus poucos pertences, pois pretendia retornar à sua velha Bahia. Quando, se não quando, aparece novamente

Barreira e, não faltando os mexeriqueiros que lhe informaram que o velho só faria a barba após uma vingança, mandou novamente prendê-lo e, com a maior barbaridade, raspou a esbranquiçada barbicha do indefeso garimpeiro.

O fato foi ao conhecimento do Capitão Valério que, indignado, botou sob sua proteção o velho desfeitoado e bradava aos quatro ventos as injustiças e a prepotência do tal delegado. Dizia que Barreira não passava de um bandido, um patife, um arbitrário, um cangaceiro. Que autoridade faz justiça e não violência.

Não tardou para que fossem levadas ao oficial essas informações e este, voltando à área, mandou chamar o velho Valério Porto para os “provarás”. Às cercanias da delegacia acorreu toda a comunidade ociosa de curiosidade, pois Valério nunca havia recuado da “raia” e nunca engolira o que vomitava. Travou-se o diálogo entre o pequeno e atrevido velhote e o monstro desordeiro.

Barreira: Com quem tenho o prazer de falar? (ao ver aquele Pequeno Polegar exoticamente fardado à sua frente).

Valério: Capitão Valério Porto, para lhe servir...

Barreira: Ah! O senhor é que é o tal de Capitão Valério?

Valério: “O Tal” não senhor; sou o próprio.

Barreira: Eu dissera, seu pretenso capitão, que o senhor afirmasse em minha frente, o que anda falando de minha autoridade em minha ausência, de que sou um arbitrário, um bandoleiro, um jagunço fardado ou cangaceiro; eu lhe cortaria a língua e passaria pimenta para que nunca mais falasse. Em todo caso, eu duvido muito do que me contaram. Gostaria de saber a veracidade.

Valério: Falei mesmo, seu atrevido, seu arbitrário e seu indesejável. Falei que o senhor jamais procedeu como autoridade e que vive a

implantar terror nestas pacatas paragens. O que o senhor fez com o pobre garimpeiro e o que pretende fazer comigo não passa de atos de cangaceiro. E se cortar minha língua, cortará a língua de um homem que jamais engoliu o que disse e, se fosse dez anos atrás essa ofensa, teria vingança e o senhor não sairia daqui com saúde. Acontece que já me encontro alquebrado pelos anos e pela doença. Quer cortar? Que corte logo, seu vagabundo atrevido!... O senhor só é homem usando asseclas e a força!... (e continuou, com inúmeros impropérios impublicáveis).

Barreira: Capitão Valério, vejo na sua veneranda pessoa e na sua franqueza a figura do meu inesquecível pai. Passo a lhe respeitar porque o senhor merece. Eu estava brincando. Não leve a mal a minha atitude, quero ser seu amigo e desejo seu bem-estar. E esses curiosos que aí estão que se espelhem na sua coragem de um homem de valor. O senhor merece meu respeito, minha amizade e toda a consideração.

A turba, curiosa, vibrou após o diálogo e o velho trôpego retornou à sua vivência, mais uma vez aureolado, e até a morte viveu sem levar desfeitas para o lar. Foi na vida um monumento de coragem, honradez e atrevimento, uma figura que pela estatura não impressionava, mas eram demasiado grandes o seu valor e a sua integridade.

AS ORIGENS DO FUTEBOL EM BARRA DO GARÇAS

“FOLCLORE, CULTURA E HUMOR”

DO CADERNO HISTÓRICO DO VARJÃO

Em 1941, uma turma de rapazes liderados por Zeca Costa e acompanhados por Valdon Varjão, Ladislau Cristino, Altamiro Muniz, irmãos Joca e Lídio Pereira da Silva, Edmo Pereira, Manuel Santana (Manoel do Perna de Pau), José Costa Cardoso (José do Chato), Nilo Costa, Antônio Paiva, irmãos João, José e Chico Miranda, afeiçoados do esporte, resolveram fundar um clube de futebol e construir o primeiro campo, que foi localizado dentro do macambiral que orlava Barra do Garças. Ficava no local onde hoje se encontra construída a casa do Sr. Daniel Rodrigues, Rua Rafael Cardoso, próximo à Rodoviária. Naquela época, tudo ali era cerrado, a casa mais próxima era a do Aniceto.

Roçado o local e derrubado o mato pela equipe, em forma de mutirão, foi angariada entre os mais endinheirados uma importância que alcançou a soma de 400 mil-réis, sendo empreitado por Antônio (Patrás) o arremate da Praça de Esportes.

Na inauguração houve bailes “de cotação”, rifas e listas para alcançarem mais recursos com o fito de comprar camisas, calções e bolas. Chuteiras, só os mais vaidosos e de melhor situação financeira é que podiam comprar pessoalmente, sendo que as despesas maiores sempre recaíam em Zeca Costa ou Lalau, pois eram os mais ricos da turma e maiores rivais no esporte. Um liderava um time e o outro

apoiava outra equipe.

Nos jogos-treinos, Antônio Paiva sempre desafiava Lalau para apostas até de 200 mil-réis. Lalau nunca enjeitava as paradas. Logo faziam o “casamento” das apostas e pediam a um terceiro para segurá-las.

Zeca Costa vinha ao encontro e com o apito na boca (pois sempre era o juiz da partida, mesmo jogando como beque), gritava:

– Compadre Antônio Paiva, pega mais cinquenta para mim...

Lalau, para não ficar desafiado, apostava com todos que pretendiam assim o fazer, pois sua confiança no time de que participava não tinha limites, uma vez que nele estavam os melhores atletas: Lídio Pereira, Joca, Nilo Costa e outros. No desenrolar dos jogos, Lalau saía gritando pelas laterais:

– Vamos ver, compadre Lídio... entra no homem; Joca, vê se rende mais... E assim por diante.

Muitas vezes, os jogos acabavam antes do término regulamentar e as apostas eram desfeitas, pois o juiz, além de ser jogador e apostador, ao ver seu time ir “com a vaca pro brejo”, marcava infalivelmente um ou dois pênaltis, o que era recebido com protestos da plateia e do time adversário.

Essa rivalidade esportiva entre Zeca Costa e Lalau também passava para os jogos do Campeonato Carioca da época, assiduamente ouvidos pelo rádio. Zeca Costa era torcedor fanático do Vasco e Lalau, afeiçoado do Flamengo. Nunca deixaram de apostar no encontro dos dois quadros. Quando o Vasco perdia, Zeca cuspiam no rádio e lhe dava murros como se aquele veículo informativo fosse o culpado das derrotas; entretanto, se o Vasco vencia, ninguém aguentava as gozações.

A rivalidade esportiva entre os dois contendores-protagonistas

(embora fossem bons amigos) se estendeu à política. Em 1950, na formação dos partidos, Lalau ingressou na UDN, juntamente com Lídio e outros remanescentes de seu quadro de esportes e Zeca Costa fundou o PTB, juntamente com Nilo Costa, Antônio Paiva, Manoel Santana, eu (Valdon Varjão) e outros de sua turma.

Em 1970, quando foi construído o Estádio da Vila Santo Antônio, numa homenagem justa e merecida, Ladislau, então prefeito barragarcense, deu à Praça de Esportes o nome de Estádio José Valeriano da Costa, como um pleito de reconhecimento ao nome de um homem que lutou pela sobrevivência do esporte bretão em Barra do Garças e que em vida não media sacrifícios para participar como afeiçoado praticante ou torcedor de um esporte que foi seu hobby e lhe trazia as maiores alegrias.

NATAL

- *Um Tipo de Rua*

Tinha cor do azeviche, tipo popular bem-quisto e inofensivo; todos o chamavam de Natal. Vivia ao léu e vez por outra desaparecia da cidade por longa temporada.

Destacava-se pelo riso fácil e a brancura dos dentes. Vivia servindo a todas as residências com latas de água (na vila não havia ainda água encanada), das fontes de abastecimento que eram o Córrego Voadeira, os rios Araguaia e Garças ou o Rego do Monjolo.

Recebia alguns trocados que lhe serviam para adquirir guloseimas. Suas refeições eram propiciadas em qualquer residência. Costumeiramente levava recados e fazia mandados e vez por outra era solicitado para ir a Barra Goiana comprar carnes ou verduras. Levava bilhetes para ser atendido, já que sua memória não guardava os nomes dos artigos solicitados.

Baixo, gordo, diria melhor: grosso, de movimentos pachorrentos. Seu andar simulava o barco a vela em plena calma. A boca escura, cabelos encaracolados e com um sorriso horripilante, causando temor à criança, embora revelasse um tipo exótico. Era inofensivo, o que fazia dele uma figura conhecidíssima na vila e de certa forma querido.

Natalício de Jesus era seu nome de batismo, porém, vulgarmente conhecido como Natal.

Quando pedia uma dose de pinga e lhe era negada, se revelava nervoso e até perigoso.

No tempo das "queimadas", ao buscar a lenha carvoenta, a sua cor

preta mais acentuava sua figura, lembrando um tição. Era gozação da garotada que de longe o molestava com vários apelidos jocosos como "tifute", "negro d'água", "charuto de onça" e uma infinidade de alcunhas que o levavam ao desespero. Certa vez passava em frente à casa de um habitante rico que formou sua filha nas escolas de Uberlândia e para chacotear ela pôs nele um apelido desairoso.

Ele parou em frente à multidão e disse em voz alta: "Até tu, égua! Te meto o pé na pança que vê bosta voar".

A moça, envergonhada, se desmanchou em pranto inconsolável. O pai queria que o delegado levasse preso o pobre-diabo. A revolta foi geral. O público protestava afirmando que a ofensa teria partido inicialmente da moça e o mendigo apenas revidara.

Com sol ou chuva, lá ia ele de passos comedidos e pacientes, sempre pronto a cumprir algum mandado. Não tomava banho e nem trocava de roupa, mas mesmo assim tinha admiradores pela sua natural bondade.

Vivia sempre alegre a qualquer pretexto. Não aceitava provocações, mas da criançada se tornava, com o tempo, um bom amigo.

Alguns pais, para amedrontar os filhos, diziam que ele virava capelobo ou lobisomem, que podia pegá-los para levar até a serra. As crianças não lhe davam trégua apelidando-o com variadas pechas. A cachorrada latia ao vê-lo passar.

Assim viveu aquele tipo popular de nossa pequenina Barra Cuiabana, deixando em sua partida repentina uma indelével lembrança.

Não sei por onde anda ou se ainda vive, mas a sua vivência na velha e primitiva Barra Cuiabana, dos tempos de garimpo, será sempre lembrada pelos que conheceram aquele ente que trazia no nome a mais linda data da fraternidade: o Natal.

MELETA, O MILIONÁRIO DO SONHO

Anos de frustrações se acumulavam na vida do Meleta, aquele 'quizilado' garimpeiro cheio de 'urucubaca', supersticioso, personagem protótipo dos garimpos do Mato Grosso. Passava parte do tempo lendo livros que decifram sonhos, querendo encontrar a sorte almejada. Sua esperança contagiava qualquer circunstância.

Afirmava aos quatro ventos que se tornaria um bamburrista afamado. Andava por todas as corrutelas. Todos diziam: "Meleta é um jumento sem pai, vai para onde o vento toca, um descalqueado; além disso, é um blefado. Vive para cima e para baixo como uma égua sem destino, um cão sem dono". Quando algum conselheiro queria orientá-lo, respondia em versos de cordel:

*"A vida de garimpeiro
É vida vagabunda
Rio abaixo e rio acima
Com bateia na cacunda,
Garimpeiro é bicho doido
Só se veste de gongó.
Vive de garimpo a garimpo
À procura de um tobó.*

*Rapariga vai pro inferno
Capangueiro, pras profunda,
Garimpeiro procura o céu
Com bateia na cacunda."*

Perambulou por todos os garimpos afamados: Ponta da Serra, Água Bonita, Monchão dos Bois, Monchão do Rapa, Zé Teodoro, Praia Rica, Pulador, Pacu, Pedra de Baliza, Deixado, Monchão do Divino, Lama, Monchão da Aroeira, Praia do Cota, Pintassilgo, Grota, Lagoa, Rola e outros tantos.

De corrutela a corrutela seu nome era conhecido como níquel de tostão ou como rapadura. Não reclamava da sorte, pois sua esperança era ilimitada. Dizia:

– Só volto à minha terra natal com os bolsos cheios de dinheiro. Lá não deixei nada e nem parentes.

De bodegas a fechas-nunca, Meleta era procurado quando alguém queria decifrar sonhos. Certa vez, outro garimpeiro contando vantagens sobre garimpos convidou-o para ir ao garimpo tal dizendo:

– Lá dinheiro corre solto.

Meleta, com espirtuosidade, respondeu:

– Aqui, que dinheiro não corre, não consigo alcançar, imagina eu atrás do dinheiro onde ele está correndo. Não vou chegar nem perto. Estou cansado de não fazer nada, cansado sem trabalhar, cubu, urucubaca e quizila montaram em minhas costas. Mas não tem tempo ruim: um dia vou tirar o pé do lodo. Arranjar bufunfa até dizer chega. Vou encontrar uma mancha maior que a da Ponta da Serra, maior que a quantidade de diamantes que Simião Arraya enterrou naquela garrafa da Pedra do Porto de Barra Cuiabana, maior que a Mancha do Vergílio. Quando eu alcançar aquela montoeira de diamantes, não vai me faltar nada. Arranjarei uma sipuína ajeitada e bonita, um Schmidt tresoitão níquelado, uma guaiaca e cartucheira amarelecida de balas e cheia de “pelegas de quinhentos”; vou comprar a mula marchadeira Guaraína, do Zeca Costa; uma botina cara de vaca ringideira; um pince-nez rayban escuro e mostrar pra vocês a panca de um baiano

endinheirado, o bamburrista do Araguaia. As manchas do Vergílio, do Gustavinho e do Alcir Barreto não vão nem chegar perto da minha. Quero dançar no cabaré do Pedro Zoinho com todas as mulheres que “quebraram meu machado”, para ele deixar de me gozar quando eu entro lá blefando.

E ele continuava dizendo sem parar:

– Chega de vida de lamber embira, de viver na colher de pau, capando cachorro com casca de cana, chamando gato de tio. Vou inventar uma marcha pra garimpeirama cantar no carnaval, mais ou menos assim:

*“Quando o Tico
ficou rico
não falou
Mais com ninguém*

*Meleta foi artista
Se tornou um bamburrista
Vai fazer assim também.*

Era um visionário da esperança. Suas conversas só versavam em milhões. O blefe crescia de dia para dia. Já não arranjava mais patrão ou meia-praça. Vivia na xepa de filar boias de barracas ou barracões.

Certo dia, viajando entre Praia Rica e Luiz Lima, nas proximidades do Monchão do Cerrado, à margem da estrada viu pedrinhas que formigas tiravam de um formigueiro ao redor de uma grande pedra em que estava escrita uma propaganda do candidato Sinhozinho Cachimbada, quando disputava a Prefeitura de Baliza. Como vinha com a tralha garimpeira, ali mesmo arrancou cascalho e tirou uma faisqueira, onde pegou alguns xibius que, vendidos, lhe proporcionaram uns trocados com os quais fez o saco da semana e tomou um bom pileque.

Ressaqueado, ao acordar no outro dia, lembrou-se do sonho que tivera, onde uma moça loira de olhos azuis indicava que seu tesouro e fortuna estariam no roteiro da Bahia, na cidade de Patamuté, perto de Sergipe e Alagoas, no Recôncavo onde vivera Lampião e seus jagunços. Indicava que na Rua Joaquim Seabra, nº 99, iria encontrar sua fortuna, sua riqueza, sua independência.

Não vacilou: vendeu seus quase-nada e conseguiu uma passagem para a Bahia no Chevrolet do Pedro Martins, que seguia todo ano para os festejos de Bom Jesus da Lapa.

Quando disse o que ia fazer na Bahia, as gozações e as gargalhadas foram gerais, dos colegas de garimpo e de blefes. Um outro baiano, para aumentar a gozação, fez uma carta para Meleta levar à sua esposa. A carta do baiano assim dizia:

“Jeremoabo Baía Oxente!

Mariquinha Meu Bem adeus

Meus afetos por ti ção

Cuma sodade pai d’égua, escrevo pratu mi dizê cumatá puráí cumatá puráí. Ségui duas cartas, uma dentro da outra, pra modi se uma num chegá a outra chegá, vai a uns trens pra você aumentá seu negócio.

Mande mi dizê se o cavalo de meu pai está bom, se a égua de minha irmã pariu e se a besta de mãi deu cria. Se você tiver apertada se afrouxe cum meu padim. Te pergunto se na roça do Raimundo o jerimunheiro de cupim de trás deu. Se prestou, dê a frente pra ele, que atrás quando eu chegar aproveito. Mando dinheiro pavocê comprá dois vestidos. Um mêta em casa e outro na rua.

Vou parar porque estou avexado e com arretada sodade, oxente.

Do esposo, Serapião.

Meleta escafedeu-se dos garimpos rumo à Bahia. Uns diziam que ele voltara à Bahia, pois de lá viera semeira nem beira, e outros afirmavam: “Quem bebe água do Araguaia não se acostuma longe daqui”.

Depois de uma sofrida viagem, Meleta alcançou o ponto almejado: Patamuté. Sua ânsia era procurar a Rua Joaquim Seabra e a casa nº 99.

A cidadezinha do interior vivera as escaramuças dos cangaceiros de Lampião. Agora era de vida pacata e rotineira. Qualquer estranho ali era visado. Uma praça e duas ruas compunham o aglomerado. A principal, do comércio, era a almejada por Meleta. Sem tardança, procurou a casa nº 99, todo esperançoso.

Entrou e passou a fitar detalhe por detalhe. Era uma lojinha de sírio estabelecido com roupas e bijuterias.

Ao ver o freguês, o sírio delicadamente o interpela:

– Siñor brapura, alguma coisa? Tudo bunita, tudo barata.

Meleta, desconfiado se desculpou e saiu para voltar logo em seguida, depois de percorrer o quarteirão. Nova interlocução e oferecimento de mercadorias. Meleta novamente se desculpou e disse que estava pensando.

Jána quarta ou quinta vez que visitava a casa, o sírio, desconfiadamente, supondo tratar-se de um ladrão assaltante (pois o indivíduo era estranho na cidade), esbravejava enraivecido:

– Siñor bença eu besta?... Cai fora de meu casa!... Eu chamar bulícia prender você. Você cara de ladron... Eu pagar bulícia bater você. Toda hora você esbia meu casa, não querer comprá nada. Se voltar aqui, eu brevenido contra você.

Amedrontado, Meleta explicou a finalidade das visitas: disse ter

sonhado, onde residia num garimpo em Mato Grosso e que seu sonho dava aquele endereço como a chave de seu tesouro e que no sonho foi dado o nome da rua, cidade e número, coisa que para ele era uma fatalidade, pois não conhecia a cidade e as coincidências lhe davam grande esperança.

O sírio, encabulado com a descrição do sonho, disse:

– Sonho é grande besteira. Eu também sonhei com uma grande riqueza que havia nos garimpos. Estava enterrada debaixo de uma grande pedra com inscrição política.

Disse isso e abriu os braços para formalizar o tamanho da pedra e continuou na sua linguagem carregada:

– Nesse pedron, cheio de letreiro branco com nome de pulítico, dorme muita cabra e bode em cima. Em ela tem tesouro muito rico. Mas não sou vagabunda sair à procura de sonho.

Meleta lembrou-se da pedra onde garimpara momentaneamente e pegara um xibiu. Sabia que ali era frequente dormitório de cabras e bodes do fazendeiro Jerônimo Penca.

Voltou para o Mato Grosso todo esperançoso de que seu tesouro estava mesmo no garimpo e seguiu até o Monchão do Cerrado. Lá ele sabia da pedra escrita; ali assentou sua tenda de trabalho. A mancha realmente estava debaixo do cascalho da pedra. Iniciou a jornada pegando um diamante de 99 (noventa e nove) quilates, branco como a moça de seu sonho. Nessa mesma semana pegou outros tantos diamantes que o tornaram o bamburrista mais afamado da região. Encheu-se de dinheiro que não sabia como gastar.

Comprou a mula Guaraína do Zeca Costa, o melhor animal marchador da redondeza. Amasiou-se com Magali, rapariguinha charmosa, de 16 anos, linda como uma princesa. Comprou guaiaca e cartucheira

de balas, um revólver 38 niquelado que não lencava.

Foi à Bahia e comprou a casa do sírio com toda a sua mercadoria, que distribuiu para a pobreza dali.

O sonho de Meleta ficou afamado.

Os garimpeiros passaram a invejar sua sorte.

FUTEBOL

Luciara x São Félix

A rivalidade existente entre os povoados de Mato Verde (hoje Luciara) e São Félix, ambos pertencentes ao município de Barra do Garças àquela época primordial dos anos de suas fundações, foi motivada pela ojeriza do coronel de Mato Verde ter perdido parte de seu feudo com a retirada de alguns velhos pioneiros do povoamento daquela região de Mato Grosso, quando Severiano Neves, Bento da Luz, João Irineu e o Irineu genro de Severiano se deslocaram à procura da fundação de outro povoado que denominaram São Félix, numa homenagem ao santo protetor de ataques de silvícolas. São Félix foi instalado em frente ao Posto Indígena Santa Isabel, dos índios Carajás.

A rivalidade da juventude dos dois povoados persistia e odiavam-se a ponto de não fazerem parte mútua das festividades; não havia relacionamento afetivo, viviam em constantes contendas como os povos judeu e palestino.

Os tempos passavam e não se via um prenúncio de amizades. Eis que, por volta de 1960/70, os padres claretianos, liderados pelo bispo de São Félix, instalaram um ginásio que motivou a aproximação da juventude escolar, ávida de melhora da instrução. Com a perda da rivalidade, os dois chefões resolveram acabar os ódios, fumarem o cachimbo da paz.

Bandeira branca foi hasteada e para selarem o pacto de bons vizinhos houve um entendimento para aproximação através da visita dos desportistas em duas partidas futebolísticas. Uma em Mato Verde, patrocinadas as passagens e hospedagens pelo coronel e outra em

São Félix, retribuída por Severiano. Algumas lanchas, canoas, batelões e motores de popa fizeram o transporte de aproximadamente 500 pessoas. O coronel mandou improvisar as barracas para hospedagens; mandou carnear alguns novilhos para churrasco de alimentação dos visitantes.

Moças e rapazes se confraternizavam com namoros e danças alegres, até a hora da aguardada partida de futebol; os atletas, orientados para não acirrarem novas polêmicas.

Tudo corria em sã harmonia, às mil maravilhas; os dois coronéis fizeram o teste de escolha do campo e delegaram à professora Antônia Coelho de Matos, respeitada mestra de São Félix, a condição de árbitra da partida.

A disputa se desenvolveu perfeitamente até o 43º minuto do 2º tempo, com o placar inalterado, 0x0, que os torcedores denominavam placar "oxo", quando naquele fatal instante a juíza da partida marcou um pênalti contra Mato Verde, que agitou as torcidas às vias de fato: facas, revólveres e pauladas generalizaram-se nos arredores do estádio, o coronel anfitrião entrou em cena e pediu calma, que o entrevero seria por ele resolvido, e que a juíza não podia ficar desmoralizada na sua interpretação da marcação do pênalti.

Disse o coronel: "Para solução amigável, o pênalti será cobrado, não nesta trave do Mato Verde, mas sim naquela do gol de São Félix".

A palavra do coronel não podia ficar desmoralizada e a juíza teve que engolir a última decisão. Terminando a partida com o seguinte placar: Mato Verde 1x0 São Félix.

A segunda partida ainda está por ser realizada, haja vista o falecimento posterior dos dois mandões dos lugarejos que hoje são belas cidades do extremo norte de Mato Grosso.

Cego Marculino

(Conto regional)

Lá pelas bandas de Água Bonita, fazendeiro Ananias Junqueira possuía grandes propriedades, era fortuna de fazer inveja, muitas mil vacas, lavouras “à beça”, enfim, um patrimônio dos mais valiosos da época.

Gostava de fazer pagodes na fazenda, que eram tocados na sanfona “pé de bode”, pelo cego Marculino, músico cego de um olho, metido a bonito e até a conquistador, por ser o melhor sanfoneiro daquelas bandas.

Certa oportunidade morreu a esposa do velho Ananias Junqueira. O casal tinha três filhos (Justo, Anastácio e Aniceto) que tomavam conta das fazendas. Todos analfabetos como nasceram, o velho só se incomodava em aumentar o patrimônio e dizia que os filhos eram para trabalhar.

Alguns anos se passaram e o velho resolveu casar-se novamente. Chamou o cego Marculino e lhe disse: “Veja se você me arranja uma noiva; preciso casar, já que não aguento mais esta vida de viúvo e de viver só”.

O cego que era muito conhecido na área de Diamantino, Quebradente, São José e Boca Pra Riba, começou a cortejar todas as moças casadeiras que via: “Você não deseja casar-se com o seu Ananias Junqueira? Aquele velho fazendeiro rico, lá de Água Bonita?”.

De pergunta em pergunta, aqui, ali e acolá, encontrou a professorinha Judite, moça prendada, inteligente e bonita, porém já meio coroa, que era professora lá do Quebradente. Disse ela: “Se o velho quiser casar comigo, eu aceito, mas tenho medo que ele não aceite, porque um

de seus filhos já quis casar comigo e eu não aceitei naquele tempo, quando ainda era mocinha, muito jovem”.

O cego Marculino retrucou: “Não perca esta oportunidade, menina; você precisa pensar no futuro seu e de seus familiares; é um bom partido. Amanhã mesmo vou à fazenda dele falar da sua pessoa, entretanto, se você tiver alguma coisa a pedir, faça antes do casamento”.

Judite pensou e disse: “A única coisa que temia seria ser obrigada a viver na fazenda; se ele quiser casar comigo, vai ter que passar a morar em Balizinha. Para a fazenda eu não vou, tenho medo de não combinar com os filhos dele, principalmente o Justo, que é muito ignorante e valente”.

Justo, como era conhecido Justiniano, filho mais velho de Ananias, era quem comandava os negócios das fazendas e em quem o velho mais tinha confiança.

Apalavrado, o velho Ananias aceitou e achou extraordinária a noiva, ficando já loucamente apaixonado, procurando catequizar e conquistar a nova pretendente. Comprou logo uma mansão em Balizinha e encheu a moça de presentes caros, que adquiriu nas lojas do sírio Félix Bitar ou João Borges de Castro.

Aceitou sem restrições todas as exigências da moça, mas demorou a falar com os filhos, que quando ficaram cientes se aborreceram com a paixão do velho e mandaram avisar à moça que ela largasse o pai, já que era muito falada e sem-vergonha. Muitos falavam dela com o cego Marculino, mas era por intermédio daquele que o velho Ananias se correspondia com a Judite.

Justo então manda dizer ao cego que ele parasse de alcovitar rapariga para seu pai, se não, ele iria se dar muito mal.

O velho Ananias não se incomodou com as ameaças dos filhos e

procedeu-se o casamento.

Passara-se a lua de mel do velho em verdadeiro paraíso, a moça era prendada, elegante e soube bem cativar com carinhos e apreços o marido fazendeiro que passou a ter vida bem melhor, casa condigna e bem apresentável, com os recursos de que era possuidor.

Veio a gravidez da jovem esposa, completamente ignorada pelos filhos nas fazendas, até que certo dia do mês de dezembro nasce o rebento, um bonito garotão, muito parecido com o velho, que apesar de idoso era de bonita figura torena, olhos azuis e pele bem clara.

O velho pensando que, talvez, com o nascimento do novo filho, os outros aceitassem, sem restrições, o seu casamento, fez uma carta e mandou a Justo na fazenda, por um portador que designou, decretadamente, levar a nova e alvissareira notícia.

Justo recebeu a carta do velho no lusco-fusco do dia; acendeu uma lamparina que bruxuleava à luz e tentou soletrar alguns nomes. Mas, não sabendo ler direito a correspondência, bruscamente pede ao vaqueiro Canuto que leia a carta de seu pai.

O vaqueiro, também semianalfabeto, procura soletrar as letras e vai gaguejadamente lendo. Em certo trecho disse: “Meu filho Justo, quero lhe avisar que Judite deu à luz um filho do cego Marculino”.

Justo, acrescentando ao seu inconformismo a revolta, bradou: “Viu! A desgraça está feita, meu pai foi casar com aquela rapariga e agora além de lhe pôr chifre, ainda vai parir um filho do cego Marculino”.

– Vai, Canuto, na fazenda de Anastácio e do Aniceto e diga a eles que preciso de um capanga para, hoje à noite, irmos a Balizinha matar aquele cego miserável.

A chuva caía com muita intensidade, pois era mês de inverno. O vaqueiro vai à outra fazenda, que ficava a umas duas léguas, e leva

a nova em que o Justo pede o capanga para matar o cego Marculino.

Ainda naquela noite, Justo, Anastácio, Aniceto e o capanga se dirigiram para Balizinha, que ficava a 6 léguas distante da fazenda. Confabulavam pela estrada: “Vamos matar o cego e dar uma pisa naquela rapariga, sem que nosso pai venha a saber”.

Ao amanhecer, chegaram na periferia urbana de Balizinha e entraram no primeiro boteco que encontraram aberto, para tomar uma pinga e abrandar o frio daquela noite que passaram viajando a cavalo, debaixo das capas Ideal e com as carabinas a tiracolo.

O botequeiro era muito amigo do velho e dos filhos, e sua mulher tinha sido colega de Judite, a nova esposa de Ananias, e chamando a mulher disse: “Rosa, acorda e vem passar um café para Justo, Anastácio e Aniceto, que amanheceram viajando nesta chuva danada, estão com muito frio e um café bem quente lhes faria bem”.

Virou-se para o Justo e perguntou:

– Que novidade, você tão cedo por aqui?

Justo arranca do embornal a carta do velho e diz: “Leia isto, veja como a desgraça entra na vida da gente sem a gente procurar por ela. Eu falei mil vezes para meu pai não casar com aquela rapariga; o velho desobedeceu e agora ele está sendo corneado. Ainda por cima de tudo, ela teve um filho do cego Marculino”.

– Mas... Aliás, ontem estive com seu pai que está muito contente com o nascimento do novo rebento, um bonito garotão, forte e robusto!...

O botequeiro leu e releu a carta e disse: “Não vejo nada disso aqui”.

Aqui na carta ele lhe informa que Judite deu à luz um filho do sexo masculino.

Justo pergunta: que diabo é sexo masculino?

O botequeiro respondeu: "Sexo masculino é ter um filho homem; se fosse mulher, era do sexo feminino".

– Eu entendi que ele dizia que era do cego Marculino, um alcoviteiro muito do sem-vergonha!...

O botequeiro então esclarece:

– Você leu errado: é sexo e não cego, como você entendeu.

Justo vira-se para Aniceto e diz:

– Tá vendo, meus irmãos, que vergonha nós passamos! Eu já estava com tanta raiva daquele cego que até ia lambe a faca quando sangrasse aquele infeliz.

Do mesmo boteco voltam os irmãos analfabetos para as fazendas e aos poucos se acalmam. Hoje são, até, mais admiradores de Judite e do irmão do que o próprio velho.

Aliás, sobre o analfabetismo de Anastácio, conta-se um fato engraçado. Sendo ele testemunha de um casamento importante, a tabeliã o chamou para deixar sua assinatura no Livro Próprio do Cartório para comprovar a sua presença no ato, com todas as demais testemunhas e convidados. Anastácio, usando uns óculos Ray-Ban maiores que sua cara, pega a caneta, rodopia na margem da linha do livro, e sem encostar no papel soletrou:

– "a-ene-a, a-ene, a-ene-a-na".

E para por alguns instantes, olhando de soslaio para os presentes. Volta a soletrar:

– "a-ene-a, a-ene-a-na".

Foi quando um gaiato, de fora, completou:

– "a.ene.al.na.efe.a.fa.be.é.bé.te.oto– analfabeto".

Ele cinicamente confirmou: "Isto mesmo, obrigado".

São histórias que o cotidiano nos conta.

FESTA DO DIVINO NO ANGICO

Já se vão alguns ontens quando aconteceu o fato que, se não me trai a memória, foi na década de 1940.

O Angico era um reduto promissor. Região que abastecia a garimpeirama de Barra Cuiabana com farinha de mandioca, rapadura, cereais, hortaliças, caças silvestres, galinhas, ovos, queijos, requeijões e tudo mais que se tornava alimentação.

O povoado era um aglomerado de 100 casas esparsas, onde era festejado o santo padroeiro Divino Padre Eterno. No período festivo havia muita alegria, as casas eram enfeitadas com bandeirolas e os caminhos da redondeza também. Havia barquinhas, carrosséis, noitadas de leilões após as rezas e forrós com danças.

Dizia Sr. Torquatão que tudo era proporcionado para cumprir promessa de seus antepassados. Mas durante os festejos havia arrelias e bafafás, sempre com pancadarias e mortes. O delegado, Sargento Potacinha, que sabia daquela baixaria, fez uma portaria proibitiva dos festejos, que afirmava só ser permitido o Alvará de Licença se os festeiros se responsabilizassem pelas desavenças, mortes ou crimes.

Torquatão, não conformado com a interrupção dos festejos, foi ao delegado e se propôs ser responsável, dizendo:

– Sargento, este ano o primeiro desordeiro que iniciar parte de briga em nossa festa eu meterei a peixeira nele para todos terem notícias e não irem atrapalhar nossas festividades.

Veja o resultado...

Durante a tal festa ocorreram três mortes e oito esfaqueamentos. A bagunça não teve quem pudesse descrever. Mas tentaremos narrar o interrogatório do Sr. Torquatão perante o delegado sargento.

Disse ele:

– No meu bolicho, seu delegado (foi interrompido)... quem sou eu pra ter armazém?!

– Não se desvie do assunto: quero saber como e por que começou essa carnificina horrorosa... – advertiu o sargento Potacinha.

– A pois, historiaremos tim-tim por tim-tim: o pinguço Domingos, useiro e vezeiro de briga (como o senhor bem sabe, que meu bolichote fica cheio de biriteiros parecendo urubu em carniça de vaca atolada), foi o responsável por tudo. O doutor entende: a peonada levara bonecas empetecadas de enfeites e perfumadas de Royal Briá, ali ficaram piscando para eles como vaga-lume em noite de escuridão. Todos ficaram arretados, e dali surgiram os motivos do malfazejo de nossa festa: elas tomaram tragos de Cortezano, quinado ou rabo-de-galo, com a minha pinga que é mais pura do que água de biqueira; ficaram todas de cara cheia, todos, por sinal, mais bêbados do que peru em véspera de Natal.

– Continue, continue, deixe os entretantos para depois e vamos aos finalmentes.

– Pois então, então vamos reto que nem estirão do Araguaia, como ia dizendo: estavam ali mais de vinte biriteiros tomando umas e outras, mascando salame para enganar o bucho, contando piadas daquelas de égua quebrar o cabresto; a turma de pipiras sirigaitas ria com as bocas desdentadas e falhas como pouso de cigano e mais largas que porta de garagem... Foi daí que apareceu o Vital, que todos tratavam por apelido de Boca de Sulapa.

– O senhor sabe? O intrujão sempre é mais metido do que dedo

em nariz encatarrado... Um dos boas-vidas, para se exhibir, deu uma pranchada no balcão e perguntou se havia homem naquele bolicho. Todo mundo coçou a bola. Homem tem bola, o senhor sabe. Pois bem, o Vanico, que não é flor de cheirar com pouca venta, disse:

– É comigo mesmo. Não dou parada por empate: se alguém me retrucar, dou “seis”, mas não fico por baixo!

Agarrou uma tranca que estava atrás da portinhola do boteco e tascou na cabeça do Boca de Sulapa. Um contraparente do Boca de Sulapa não gostou da brincadeira e sentou a argola do seu rabo de tatu no cachaço dos brigões... Aí eu nem lhe digo: todo mundo deu na parte de valentia e a bagunça generalizou-se. A argola do contraparente do Boca pegou da fucinhagem do Pereirinha que arrancou uma peixeira e enfiou um palmo e meio no sôvaco do contraparente do Boca. Do outro lado, um condoído, chateado com o que viu, pegou um peso de 5 quilos da balança e achatou na cabeça de outro curioso que estava de butuca assistindo aquele espetáculo dantesco. Os olhos saltaram, seu doutor: eu daqui, dali, tentava colocar água benta naquele tendepá de arruaceiros; outro afeiçoado do Boca de Sulapa achou um machado debaixo do balcão e golpeou o primeiro que se aproximou: errou a cabeça e só conseguiu torar um braço do resto do corpo.

Foi aí que comecei a ficar nervoso, puxei meu berro, enfiado na cartucheira, que sempre trago cheio até a tampa de amarelinhas explosivas, pronto a qualquer hora para “um quero” e fui dizendo: “O meu bolicho é casa de respeito!...”.

Seu delegado, antes que a brincadeira ficasse mais anuviada... (parou para cuspir).

Interrompeu o delegado:

–Faça o seu depoimento mais resumido e deixe de lodaças, protocolos e lero-leros; fale direito, se não, eu é que vou lhe dar ensinamento!

– Bem, seu delega, vamos resumir e entrar nos finalmentes: entences, o Miguelão, que estava atrás do banco, palmeou uma carneadora de churrasco e chegou por trás do homem do machado, pé ante pé, grudou o toutiço e degolou com talho que foi uma lindeza: o sangue jorrou como mijada de mulher preña. Aí eu e mais outros amigos (todos, homens de respeito) nos arrevoltemos com aquilo que parecia com uma brincadeira de mau gosto. E o senhor sabe, seu delega, que brincadeira tem hora. Estamos aqui para relatar o fato que só terminou quando todos sacaram os “garfos de brigas”, pondo o fim à cachorreira dos brigões. Mas lhe asseguro, por todos os santos do céu e do meu Divino Padre Eterno, que no ano que vem vou comprar uma cartucheira calibre 12, mandar serrar o cano, encher de chumbo grosso e botar para ferver nas festas daquelas bandas do Angico.

EM FESTA DE JACU, NHAMBU NÃO PIA

Entre Lagoa e Pacu, foi descoberta uma grande mancha de diamantes às margens do Araguaia, com o achado de um bamburro de 71 quilates, pelo baiano José Antônio de Souza.

O diamante era raríssimo, de cor azulada, e bem peonado, tendo recebido o apelido de “Princesa do Araguaia”. Como a descoberta foi em cascalho revolvido, deram ao novo garimpo o nome de Jacuba.

No emaranhado de barracas, as primeiras casas de negócio surgiram com o aparecer da corrutela, que se tornou uma das maiores dos garimpos. Os bolichos (vendas) se instalavam como brotam cogumelos, convergindo gente de todos os lados e de todas as espécies. Raparigas, jogadores, mascates, ciganos, circos e uma infinidade de parasitários dos bamburristas.

O aglomerado se tornou renomado. Os fecha-nunca (cabarés toscos) disputavam entre si o privilégio de maior atração para serem mais concorridos.

Talismã, garimpeiro e comerciante, proprietário do primeiro fecha-nunca da nova corrutela, conseguiu uma seleção de zambaneiras de fazer inveja, escolhidas a dedo, mulheres de cabeceira, com a finalidade de atrair a garimpeirama para seu chamarisco.

João Papoco associou-se a Cabritinho e construíram um barracão, instalando bilhares, jogo do bicho e uma cafua de jogatina, com carteados de pôquer, camplê, pife-pafe e roletas.

Ao lado fizeram um empalizado para danças, onde o fumo volteava os

ares da tolda, na fumaça dos cigarros ou de Petromax que iluminava o ambiente. O cheiro, ardido, da fumaça, misturada com o fétido suor da garimpeirama e o exalar dos perfumes das doidivanas, empapadas de brilhantinas ou banhadas do Royal Briar e Madeiras do Oriente, davam ao ambiente um ar inebriante.

As noites movimentadas por ambos os sexos formavam um verdadeiro burburinho nas ruas escuras do aglomerado. Vez por outra, uma luz de Aladim, da réstia dos barracos, clareava os trieiros mais pisados no fluxo e refluxo das motivações algazarrentas dos catadores de diamantes.

Fechas-nunca eram os chamariscos mais procurados, onde se acotovelavam todas as noites os contumazes caçadores de diamantes que, nas mesas ou camarotes, por vezes, se embebedavam com cerveja, quinado, pinga, cinzano ou moscatel, para afogarem suas mágoas, ou para se atreverem às conquistas amorosas.

João Papoco denominou seu cata-notas de Recanto dos Jacus, numa alusão aos garimpeiros de Jacuba. Buscara em Rio Verde de Goiás o afamado sanfoneiro Lolita, com uma charanga composta de pé de bode, reco-reco, pandeiro, violão e zabumba, até hoje lembrado no conjunto de Luiz Gonzaga, "o Rei do Baião". Todas as noites soava a charamela com polcas paraguaias, rasqueados cuiabanos, xotes e baião.

A competição das casas de noitada acentuava-se, cada qual procurando mostrar-se mais bem aparelhada. Os poeirentos salões de chão batido, vez por outra, eram surpreendidos por saraivadas de pimenta-malagueta, único fator que acalmava a movimentação, para ser aguada com cerveja, guaraná ou pinga, numa demonstração de orgia. A poeira de pimenta na sala tornava-se um ambiente intolerável, comparado ao pó de mico nos olhos ou nariz, provocador de coceiras e espirros.

A frequência era acentuada de mulatas e morenas, cada uma querendo, nos requebrados, exibir maior beleza, ou nas pinturas extravagantes de rugas, batons e carmins usados nas toilettes.

Eis que surge, como fada encantada, uma loira tipo gaúcha, coisa raríssima nos garimpos, portanto, uma elegância ímpar, com um penteado invejável, de cachos e tranças nas madeixas dos loiros cabelos. Sua presença deslumbrou a jacuzada (como eram tratados os frequentadores daquele bar) e alvoroçou o ambiente.

Era serelepe, faceira, insinuantemente provocante, com charme, e usava um vestido de cambraia de seda com um decote acentuado que exibia os mamilos e o perfil estonteante, tornando-a a dama da noite, desmerecendo as demais costumeiras com aquela sua extraordinária beleza. Bamboleava os quadris e exibia o charminho, num traquejo de mulher da cidade.

Graciosa, meiga e gentil, evitava ser abordada pelos dançarinos para não “quebrar machado” dos insistentes achacadores. Guardava ainda na viva memória a recomendação de que “taba” traria inevitável dissabor, cheirava a defunto fresco ou provocava tiroteios.

Ao chegar aos garimpos, teria protagonizado, como pivô, um drama do qual resultaram mortes, quando se recusou a dançar com Cariri, um garimpeiro desaforado que, descarregando seu 38, com voz estridente, embravecido, a descompôs dizendo:

– Esta égua quebrou o cabresto e me deu um coice!...

Esse fato lhe marcou muito e, exemplada, não pretendia repetir o entrevero.

Aos que a cortejavam, simplesmente desculpava-se:

– Qual o quê, seu moço; fico envaidecida com sua distinção, mas deixo comprometido para uma próxima contradança; ainda estou

guardando ausência do meu namorado que espero chegar em breve. Este baile não vai acabar sem que nós não volteie a qualquer hora um desses rasqueados.

Com essas desculpas, ia se livrando de um e de outro cortejador.

Pedro Aroeira, garimpeiro valente e afamado, temido e desordeiro, teria sido um dos primeiros a abordá-la e de soslaio fiscalizava passo a passo seus gestos de deusa. Talvez querendo ser o primeiro na desforra se ela trastejasse em enjeitá-lo.

– É, boneca, estou te manjando; se pensa que vai me tapear, naquela enjeitação de dançar comigo, pode ir desde logo contando nos dedos a quantidade de furos, pois vou te deixar mais rendada que papelão de almofada de rendeira; pra isto, eu uso esta mira especial...

Purinha (seu nome de guerra) se desculpava com mil gracejos e afagos para desanuviar os enraivados garimpeiros.

Surge, então, no salão, neste ínterim, o esperado namorado, de quem ela falava e ninguém acreditava.

Não outro, senão o motorista do barco do Zé Damasceno, aquele que na época trafegava no Araguaia. Era um rufião metido a conquistador barato, gabola, tagarela, galanteador e mentiroso.

Talvez o rapaz não soubesse que, ali, naquela noite, seria quebrado seu encanto de figura manjada. A garimpeirama o odiava e procurava uma oportunidade de desforra, já que era um conquistador até de mulheres casadas, que quando embarcavam em seu veículo recebiam gracejos. Ele fazia o transporte fluvial entre Baliza e Barra do Garças passando pelos garimpos e corrutelas da margem do rio, uma espécie de coletivo ou jardineira aquática.

Diziam que mulher nenhuma havia se defendido das lábias do galanteador.

Metido a bonitão, teria vivido em Uberlândia, de onde trouxera lindos ternos de linho e albene, camisas de seda e de jérsei, confecção de costureiros afamados, sapatos de verniz, vivendo elegantemente trajado. Outros diziam ser ele um ladrão de hotel nas cidades grandes, daqueles que hóspedes habituais se familiarizaram com as chaves dos apartamentos terem sido copiadas, esperando a vez dos ingênuos ricos se hospedarem naqueles aposentos, em cujas ausências larapiava, surripiando suas malas e haveres. Quem o conhecera, insistentemente, falava. O fato é que se vestia como um grã-fino, e na moda.

Aquele motorista frequentava todos os fechas-nunca da região, num apetite de “gigolar” as mundanas bonitas, para sua seleção de conquistas. Portava-se como verdadeiro milionário bamburrista. Entretanto, não possuía “da louça, um caco”.

Pirralha, cafetina do fecha-nunca de Papoco, velha alcoviteira, se achega de Purinha (Itapura, seu verdadeiro nome), e, ao ouvido, num cochilo segregador, pergunta:

– Menina, você conhece este pilantra? Se não conhece, vou informar: é o maior explorador de mulheres, gigolô contumaz, vive a passar “mão de vaca”; não possui um couro para morrer em cima; essas roupas que ela usa são roubadas. Seu apelido é Nhambu, de tão sagaz que se apresenta. Quando usa qualquer mulher, vai se pabular de como procedeu. Dizem que tem deixado muitas sem dinheiro que ganharam durante a noite, pois sua especialidade é ser rato de hotel. Mulher que se meter com ele fica marcada pela garimpeirama, como uma tatuagem que estigmatiza por muito tempo. Homem nenhum quer mais saber dela.

– Não caia nesta – continua a velha alcoviteira –, você é novata por aqui e eu quero ser sua protetora. Deixe por minha conta que irei te apresentar aos homens que são bons para mulheres, ou os

bamburristas que dão futuro à gente. Este vagabundo é useiro e vezeiro em deflorar menor de idade e levar para o cabaré de Maria Fininha. Conheço mais de meia dúzia que se queixava dele. Evite até olhar para ele, se quer ser feliz...

Purinha escutava, entre surpresa e assustada, a conversa da velha, sem saber o que pensar nem dizer. E ela continuava falando:

– Vou te apresentar ao Lourival do Major Catarino ou ao Antônio da Luzia. São dois bamburristas afamados, verdadeiros “coronéis” para as mulheres. Esses são homens de fato. Um dia desses um deles presenteou a Rosa Campelo com uma furreca Chimbica, até já está sendo cortejada para casamento... Ela é a dona da pensão da corrutela. Vá por mim que você não se arrependerá. Irei apalavrar um deles para você. Tenho certeza de que não aguentarão três flechadas de teus olhos azuis. Mulher de teu tipo, aqui, é raridade. Ganha o que quer, não seja boba! Não vá perder a sua mocidade, o tempo e a saúde com pilantras.

Dito e feito! A velha Pirralha foi ao salão de jogos ao lado e tirou da banca de bacará o bamburrista Antônio da Luzia, pedindo para vir atender um chamado da boneca mais bonita do salão. O bamburrista, que já havia passado a butuca numa miradela despretensiosa no perfil de Purinha, nos seus olhos azuis e nas suas tranças balançantes de madeixas invejáveis, estava ansioso por uma oportunidade; e ela surgiu...

A moça, com pudor e sestrosa, evitava sagazmente se entregar na primeira cantada agressiva e maliciosa do bamburrista.

Após a apresentação, ele segurou carinhosamente a sua mão e afetivamente elogiava e galanteava a presa. Reclama ele, em tom piedoso:

– Está com medo de mim?...

Antes que a moça respondesse, a velha se apressa a alcovitar:

– Não, meu filho, ela me pediu para ir te chamar dizendo que o único homem de quem ela se engraçava aqui era você.

Enquanto se entreolhavam amistosamente, surge abruptamente o despeitado Nhambu, que sem perda de tempo agarrou Purinha pela cintura e saiu dançando, sem que ela retribuísse os passos, constrangida, sem ritmo, arrastada. E sem decidir-se, vai tropeçando nos bailados do atrevido.

Pairava dúvida, sem saber se decidir qual dos dois escolheria para a noitada.

Nhambu, todo galante, fitou-lhe num olhar agressivo e balbuciou:

– Como estou feliz em dançar com você! Como estou feliz em tê-la nos braços!... Você é uma boneca charmosa. Eu sabia que este garimpo era um paraíso, um pedacinho do céu; porém jamais esperava encontrar um anjo como você, na medida que pedi a Deus, solto neste ambiente de amor.

– Não fale assim, moço; todo mundo está nos manjando. O outro homem está enraivecido, andando de um lado para outro, como uma fera. Tenha paciência...

– Qual o quê! O que me importa é você. Estou lisonjeando sua formosura e beleza, o resto vá pro inferno... Me apaixonei loucamente e enfrento qualquer parada hoje – replicou Nhambu.

Antônio de Luzia, que não compreendera aquele lance brutal, na arrebatção da presa, sem perder tempo, avança no casal e arranca Purinha dos braços de Nhambu, amarfanhando com murros e bofetões o vagabundo que dançava despreocupadamente.

Esbraveja, iradíssimo:

– Respeita homem, seu vagabundo, abiúdo, intrujão, indesejável!...

E aos berros vocifera:

– Não sei onde estou que não lhe crivo de punhal e lhe encho a cara de bala, seu filho de uma égua! Vou mostrar como cabra-macho faz com cabra safado...

E, tresloucado, arrancou o 38, disparando três tiros: um no Petromax que iluminava o salão e dois nos pés do galanteador.

Continua ele:

– Nunca carreguei desfeita para casa; não será hoje que vou comer manhecido. Se não me respeita como homem, vais respeitar meu Schmidt – gritou, irado, Antônio da Luzia.

Atroou no salão uma algazarra inconfundível; parecia o estouro de uma boiada.

Purinha se agarrou aos braços do valente bamburrista e Nhambu desapareceu em desabalada carreira, no meio da escuridão.

A velha Pirralha, sabiamente, gritava jocosamente:

“Em festa de jacu, nhambu não pia...”.

REVOLUÇÃO DE ARAGARÇAS



Aragarças, cidadezinha pacata, incrustada nas barrancas do Araguaia vis a vis com a coirmã Barra do Garças, situadas na confluência dos rios Garças e Araguaia, foi palco da renomada revolução “Revolta Veloso”.

Antes, viviam da exploração garimpeira como muitas cidades que surgiram no Centro-Oeste, foram beneficiadas em sua expansão e fixação como núcleo populacional com a ação do movimento do governo Vargas no chamado programa Marcha para o Oeste.

A Expedição Roncador-Xingu está ligada à Fundação Brasil Central, que em Aragarças fixou sua base, chefiada pelo coronel Flaviano de Matos Vanique sob a orientação e coordenação do ministro João

Alberto de Lins e Barros, coordenador da Mobilização Econômica. O órgão foi criado para racionalização da oferta de gêneros de primeira necessidade durante a Grande Guerra Mundial, e ficou subordinado à Marcha para o Oeste.



Aragarças, desde sua fundação em 1933 pela leva garimpeira e a chegada da Expedição Roncador-Xingu em 6 de agosto de 1943, vivia sem maiores comentários de renome nacional. Servia de base à Fundação Brasil Central, um bom campo de pouso de aeronaves e um destacamento da FAB dava apoio aos voos do Correio Aéreo Nacional (CAN), que fazia a integração do país através da rota Rio-Manaus, com escalas semanais no Rio de Janeiro, São Paulo, Pirassununga, Uberlândia, Ipameri, Goiânia, Aragarças, Xavantina, Garapu, Cachimbo, Jacareacanga, Santarém e Manaus.

Foi o movimento Revolta de Aragarças que tornou a cidadezinha famosa nacionalmente, pela expressão que poderia alcançar a rebeldia de alguns oficiais sob o comando do tenente-coronel aviador João Paulo Moreira Burnier, auxiliado e orientado pelo major aviador Haroldo Veloso, com a colaboração dos seus colegas de farda: coronel do Exército Luís Mendes da Silva, ex-interventor

do Estado do Maranhão, tenente-coronel aviador Geraldo Lobarthe Lebre, tenente-aviador Leusinger, major aviador Eber Teixeira Pinto, piloto civil Charles Herber.



Major Veloso, militar habilitado, bondoso e idealista, conhecedor profundo do "hinterland" brasileiro, acabou conquistando grandes amizades na região por ter sido um dos melhores diretores da rota Rio-Manaus. Prestava relevantes favores aos humildes, como passagens aéreas, principalmente em se tratando de doenças; inúmeros foram os enfermos conduzidos por suas ordens para hospitais, com internamentos e tratamentos gratuitos em Goiânia, São Paulo ou Rio de Janeiro. Seu espírito caritativo, despido de orgulho ou vaidade, fez em toda a rota conquistas de simpatias e amizades.



Havia na oficialidade da FAB uma tendência rebelde a aceitar o governo do presidente Juscelino Kubitscheck como vinha se procedendo. Perduravam na Aeronáutica os resquícios de ódios pelo "Atentado da Rua Toneleiros", quando fora vítima o major Florentino Vaz, cujo inquérito feito pela chamada "República do Galeão" levou o presidente Vargas ao suicídio em 24 de agosto de 1954.

Na FAB a maioria de oficiais era simpática à União Democrática Nacional (UDN), partido opositor ao governo e pelo qual o brigadeiro Eduardo Gomes havia concorrido à Presidência da República nos pleitos de 1945 e 1950, sem êxito.

AS CAUSAS DA REVOLTA

Duas foram as causas da rebelião de Aragarças: a renúncia de Jânio Quadros à sua candidatura à Presidência, em quem se depositava tantas esperanças de regeneração de costumes e normalização da inflação galopante em que se encontrava o país. A outra, o plano do então governador do Rio Grande do Sul, engenheiro Leonel de Moura Brizola, em chefiar um movimento comunista que presumivelmente se iniciaria a 15 de dezembro daquele ano de 1959.

Queriam os conspiradores da FAB que seu levante provocasse a decretação do Estado de Sítio no país, dando possibilidades às Forças Armadas de debelar o movimento esquerdista projetado pelo chefe do Executivo rio-grandense.

A rebelião estava marcada para 10 de dezembro de 1959, iniciando se com a prisão do presidente Juscelino Kubitscheck que naquela data deveria inaugurar em Belo Horizonte algumas obras de seu governo.

Lacerda, estando em Cabo Frio, fora informado por oficiais da FAB do que se tramava, se fez transportar imediatamente para o Rio,

naturalmente para avaliar as possibilidades de êxito ou fracasso do golpe, concluindo pela última hipótese. Daí, a razão do abreviamento precipitado da rebelião com a negativa da participação de Lacerda, que ainda tomou a posição de denunciar a conspiração através de um telefonema ao deputado Bento Gonçalves, presidente da Frente Parlamentar Nacionalista, pedindo que levasse ao conhecimento do governo.

Bento Gonçalves, acordado no meio da noite pelo telefonema de seu tradicional adversário político, sentiu-se perplexo diante da notícia e procurou entrar em contato com o ministro da Guerra, marechal Henrique Teixeira Lott, para dar ciência do que estava se desenrolando no seio da FAB.

Às 5 horas da manhã, o ministro levantou-se para fazer suas habituais ginásticas suecas, quando foi avisado por Bento Gonçalves das ocorrências da noite, colhidas por intermédio de Lacerda, o que não deixava pairar nenhuma dúvida.

O ministro mobiliza imediatamente os órgãos de segurança: feita a apuração dos fatos, chegaram à conclusão de que três aviões do CAN, 2 Douglas C-47 e 1 Beechcraft haviam deixado a Base do Galeão sem autorização dos setores responsáveis, e, presumivelmente haviam seguido para Aragarças, depois de curta aterrissagem em Goiânia. Era exatamente 2 de dezembro de 1959.

Outro avião da Panair do Brasil, o Lockheed Constellation, com oito tripulantes e 38 passageiros, quando efetuava linha comercial da rota Rio-Belém, nas proximidades da cidade de Imperatriz, no Estado do Maranhão, foi obrigado a mudar de rumo, sequestrado por um oficial, major da FAB, que como rebelde estava a serviço do movimento para conseguir sequestrar a aeronave. No avião viajavam seis jornalistas do Rio de Janeiro que iam efetuar em Belém a cobertura jornalística de uma reunião da Superintendência do Plano de Valorização Econômica

da Amazônia (SPEVEA); todos passando a prisioneiros da rebelião, além de dois engenheiros da Petrobras e do suplente de senador Dr. Remy Archer, presidente do Banco da Amazônia, que foram os mais visados para dar repercussão nacional ao sequestro da aeronave.

CHEGADA A ARAGARÇAS

Eram 7 horas da manhã, quando Aragarças e Barra do Garças foram acordadas pelos roncões dos quatro motores do avião Constellation, tipo ainda não visto pela região, o que causou curiosidade das duas povoações que se aglomeraram nas proximidades do aeroporto para verem de perto as evoluções e aterrissagem.

A leva curiosa foi barrada ao alcançar as dependências do aeródromo por pessoas civis e militares do destacamento local, armadas de metralhadoras que informavam tratar-se de uma revolução; que o avião visado estava carregado de material bélico e soldados. Foi o que mais ainda aguçou a curiosidade popular, visto que, até aquela hora, as duas localidades desconheciam qualquer notícia a respeito.

DESCIDA DO CONSTELLATION E CARGA MISTERIOSA

O impedimento de acesso ao aeroporto não tirou a visão da aterrissagem do avião e isso fez com que a leva de curiosos permanecesse à cata de outros informes do movimento. Logo após a descida do Constellation foi providenciado um caminhão da FAB com uma escada de madeira para que os passageiros pudessem alcançar o solo.

LANCES DRAMÁTICOS E CURIOSOS

Sob a curiosidade e estupefação dos presentes, desceram da aeronave

jornalistas e passageiros e uma urna funerária.

Os jornalistas, ao tomarem ciência do sequestro com o desvio da rota, passaram a fotografar o local, a aeronave, os oficiais, a urna, enfim, todos os movimentos do momento. Ficaram inteirados de que o caixão fúnebre estava com o cadáver da Sra. Regina Coeli Farry, falecida no Hospital dos Servidores do Estado do Rio e que por autorização do esposo iria ser sepultada em Belém do Pará na presença dos seus familiares.



O coronel Burnier, vendo a ação dos repórteres em documentarem fotograficamente os lances do movimento sedicioso, pegou os jornalistas e tomou-lhes as Rolley-Flex e seus caderninhos de anotações sob o protesto dos demais colegas.

As máquinas foram devolvidas, porém os filmes batidos foram retirados à luz solar para serem revelados.

Um revolucionário perguntou aos demais da região pelas autoridades locais, ao que foi informado da nossa presença e assim tivemos acesso ao aeroporto como prefeito de Barra do Garças, acompanhado do Deoclides Lopes dos Santos, prefeito de Aragarças, do Sr. Francisco

Guanabara, chefe da Base da FBC de Aragarças, e de outras autoridades locais.

Ao sermos apresentados ao coronel Burnier, este logo entregou-nos um manifesto escrito à máquina que continha umas 20 laudas. Fomos solicitados, como prefeitos, a providenciar a reprodução de 100 cópias do documento através de fotocópias ou mimeografado, o que informamos ser impossível naquela época pela falta de máquinas apropriadas.

Para divulgação imediata, o coronel Burnier entregou o manifesto ao repórter Hilário, da revista *Noite Ilustrada*, a quem pediu que procedesse à leitura para que todos os presentes tomassem conhecimento das causas e finalidades que levaram os oficiais a se rebelarem contra o governo.

Nesse ínterim, travou-se um áspero diálogo entre o coronel Burnier e o repórter agastado por haver perdido seu material fotográfico, cujo diálogo teve o seguinte teor:

– Coronel, esse manifesto foi o senhor que fez?

– Não...

– O senhor está de acordo com as expressões do mesmo?

– Sim... Por que não?

– O senhor sabe ler?

– Aonde você quer chegar?

– Então o senhor leia, porque nós não temos essa obrigação!...

O coronel deu um passo atrás, sacou de um parabellum, segurou o repórter pelo colarinho e disse:

– Antes, fiz um pedido; agora é ordem, seu canalha...

Ficamos estupefatos diante da cena e permanecemos imóveis como estátuas a temermos agressões.

Volta outro oficial e solicita 30 kg de gelo para serem colocados no caixão da defunta, pois ao ser retirado do avião estava prostrado no solo. O esposo da extinta fazia lamentações dolorosas sobre a falta de respeito à memória dos mortos.

Com a informação da falta de gelo na comunidade, que na época só dispunha de geladeiras a querosene, o major Veloso destacou um avião Beechcraft que ali estava preso e que procedia de Campo Grande, MT, com o Correio Aéreo, para que o oficial levasse a carga fúnebre até Santarém; dali, o viúvo tomaria outras providências, para o que foi designado o funcionário da FBC Sr. Ricardo Schelle a acompanhar o voo.

A EXPECTATIVA DOS REVOLUCIONÁRIOS

Com o desenrolar do dia, a curiosidade dos revoltosos era enorme, à cata de notícias. Não haviam conduzido nenhum telegrafista, somente as rádios Nacional, Mayrink Veiga, Globo ou Record eram que noticiavam algo. Ora era o “Repórter Esso” que, em edição extraordinária, informava que todas as cidades do Centro-Oeste brasileiro estavam sob o domínio do governo. Uma sequência de boatos contraditórios, que mais tarde compreendemos, teriam sido necessários, pois desorientariam os revoltosos.

A ânsia pela chegada de 50 aeronaves que se integrariam ao movimento e de 324 pessoas influentes do alto escalão que estavam comprometidas a sublevarem-se trazia apreensão e certa desilusão de êxito para a revolta.

Chegava a hora do almoço; foram obrigados a providenciarem hospedagem para os passageiros do Constellation. O chefe da Base de Aragarças, Francisco Guanabara, se incumbiu dessa responsabilidade autorizando o Grande Hotel da FBC às providências. Na levada da bagagem dos passageiros para o hotel, juntamente com as outras autoridades que ali estavam, aproveitamos para nossa retirada. Tomei a bagagem do senador Remy Archer para ajudá-lo a conduzi-la, e pela estrada fomos fazendo conhecimento; disse-lhe ser o prefeito da cidade vizinha e pus ao seu alcance os préstimos. Ele pediu-me que enviasse um telegrama à sua esposa, deu-me o endereço e disse que lhe informasse da condição de refém; imediatamente me dirigi à Estação Telegráfica de Barra do Garças, que já havia sido danificada pelos revolucionários, conduzindo o aparelho de telegrafia Morse e cristais de rádio. Falando com o telegrafista Manoel Rosa, este se prontificou a atender qualquer notícia se nós lhe emprestássemos o telefone à pilha da usina hidrelétrica da Prefeitura. Providenciado, o aparelho foi instalado nas proximidades da cidade (a uns 2 km), onde a linha passava e ali do mato, às escondidas, ele fez a chamada com a Estação Voadeira e esta interligou a Cuiabá e por essa forma foi restabelecida a comunicação e demos notícias aos familiares do senador Remy Archer, ao senador Filinto Muller e ao governador João Ponce de Arruda, tendo o então diretor dos Correios e Telégrafos, Sr. Juvenílio de Freitas, autorizado a vigília permanente com nossos telefonemas.

Foi feita ligação direta com marechal Teixeira Lott, conforme fac-símile dos telegramas da época, pelos quais ele tomou as providências da ocupação, sem prejuízos de aeronaves e pessoas.

(A bem da verdade, registramos que as duas populações foram mais bem tratadas pelos revolucionários que pelas forças do governo na “Operação Retomada”).

RETIRADA DE ARAGARÇAS

Às 3 horas do dia 3 de dezembro, os revolucionários, chegando à conclusão do fracasso do golpe, e que poderiam ser alcançados numa operação de retomada pela Infantaria do Exército, a conselho do coronel Luís Mendes, resolveram liberar o Constellation e seus prisioneiros, o senador Remy Archer, os dois engenheiros da Petrobras e demais passageiros, sendo levados para Buenos Aires por um oficial da FAB, enquanto os outros aviões decolaram para Xavantina, onde já estava a Base sob o controle do tenente-coronel aviador Geraldo Lobarthe Lebre. Em Xavantina se localizaram apenas os oficiais dispostos a sustentarem o golpe a qualquer preço, até conhecer suas consequências.

Na manhã seguinte, 4 de dezembro, tomaram conhecimento, pelas rádios, de que tinham chegado a Aragarças três aviões com forças revolucionárias; e, sabendo que Xavantina não dispunha de víveres para subsistência de muitos dias, resolveram deslocar os dois aviões Douglas (um com elementos que serviram para fazer o transporte e outro para fazer cobertura armada) trazendo bombas, armas e também se inteirarem da veracidade das notícias. Ao sobrevoarem o aeroporto, percebendo os aviões, tiveram dúvida se eram elementos revoltosos ou forças do governo. Esperaram a senha combinada, o que demorou. Jogaram uma bomba, que não detonou (não sabe-se por ignorância de quem a usou ou para intimidação).

O sargento que tomava conta do aeroporto avisou ao major Castelo Branco, comandante da "Operação Retomada" que comandava os paraquedistas da fórmula da senha que consistia em correr em sentido "V" duas pessoas fazendo o sinal "OK". Os paraquedistas estavam camuflados atrás dos tambores vazios que serviram para interdição da pista, usados pelos mesmos revolucionários.

Com o sinal, o avião C-47 de nº 2060 efetuou a descida, mas, ao virar

a pista, na altura da intercessão, perceberam que haviam caído numa cilada e arremeteu para decolagem. Aos gritos de “fogo” pelo major Castelo Branco, os paraquedistas bombardearam com suas “bazucas” o aparelho que se incendiou imediatamente ainda correndo no solo.

Os tripulantes tiveram que abandoná-lo sob as chamas e as balas dos atiradores. Alguns foram imediatamente presos: o tenente Leusinger, comandante, o subcomandante Francisco Milhomem (Chico Doido) e Cid Lana Batista (piloto da FBC), Edmundo Wanderley e Enzo Pizano. Os demais componentes: Renato Porto, Domingos Cachoeira, Preto Itaituba, Paraná, Fernando Wanderley e Nonato Milhomem escaparam pelo mato que margeava a pista. Cachoeira e Itaituba fugiram para Xavantina, e Renato, dizem que, em trajes femininos com um saco de abóboras na cabeça, se despistou passando através das pontes do Araguaia e Garças para o Estado de Mato Grosso.

O avião 2060 durou mais de duas horas em chamas na pista, o que impossibilitou a saída dos demais aviões no encalço dos revolucionários, possibilitando-lhes a retirada com o outro Douglas e um Beechcraft para Assunção, no Paraguai e, Roboré, na Bolívia, onde homiziaram-se após a refrega os oficiais.

Major Aviador Eber Teixeira Pinto, piloto civil Charles Herber, major aviador Haroldo Veloso, tenente-coronel aviador João Paulo Burnier e coronel do Exército Luís Mendes da Silva, em voo perigoso, tiveram que efetuar aterrisagem numa fazenda do Pantanal Mato-grossense para abastecimento com gasolina que levavam a bordo.

Toda a revolução não durou mais que 72 horas.



OPERAÇÃO RESGATE E INQUÉRITO

Com a fuga dos revolucionários, acabou-se o movimento, entretanto, permaneceram em Aragarças e Xavantina os 80 soldados paraquedistas em pé de guerra com manobras militares que intimidavam a pacata população, tendo muitas famílias se embrenhado nas matas com temor de refregas. Nas pontes do Araguaia e Garças, os transeuntes eram revistados dos pés à cabeça com certas buscas deprimentes e ameaçadoras.

Compravam no comércio e autorizavam a cobrança posteriormente. Dos credores, apenas o Sr. Alfredo Rocha, arrendatário do hotel, foi que recebeu; aliás, dizem que a soma recebida foi fabulosa pela hospedagem feita.

Após uns 15 dias, chega a Aragarças o general Eugênio Taurino de Rezende acompanhado por um tenente e um sargento para efetuar o inquérito e ouvir as testemunhas.

Em razão de sermos portador da cápsula da bomba jogada que um garoto me deu como "souvenir" da revolução e de ser o prefeito de Barra do Garças, fui uma das testemunhas visadas.

Ao atender, percebi que tudo iria ficar sem maiores punições, isso porque já conhecia o que ocorrera com um dos mesmos revoltosos, major Veloso, quando se rebelara em fevereiro de 1956, na Revolta de Jacareacanga, e do espírito bondoso e perdoador do presidente Juscelino.

Assim, procurei me reservar nas respostas, mesmo porque desconhecia muitas coisas das perguntas feitas. Numa delas, o oficial insistiu que eu lhe informasse se sabia de telegramas que foram trocados entre Enzo Pizano, Edmundo Wanderley e Major Veloso, dos quais dizia ele ter o seguinte teor: "Seguem medicamentos"; e dizia serem armadas.

Com as negativas de conhecimento, ele quis insinuar que toda a comunidade tinha conhecimento e que só eu negava. Falei que realmente desconhecia, mas se conhecesse, não informaria, pois os inquéritos iam e as punições não vinham, e assim eu é que teria que me haver com os denunciados se fosse o caso de conhecê-los. Isso me custou ameaça de prisão. Quando o general perguntou-me o que eu desejava insinuar, foi aí que lhe disse que o presidente Kubitschek não era homem de vinditas e que todo militar, mesmo quando em revolta, está a serviço da pátria, era um desabafo ou denúncia. Aliás, no desempenho de sua função, nosso chefe, senador Filinto Muller, também havia sido revoltoso em 1924 e hoje era um dos líderes nacionais. E, assim, tive a compreensão do meu gesto.

São esses os lances vividos na chamada "Revolução de Aragarças", que na época grande divulgação deu à região, por ter servido de palco de sua operação.

O MASSACRE DE TESOURO

As manchas diamantíferas que surgiam nas margens do Rio Garças atraíam garimpeiros oriundos de todos os quadrantes do país, como um verdadeiro Eldorado, ou autêntica “Serra Pelada” dos dias atuais.

Era um verdadeiro corre-corre de aventureiros que em poucos dias as corrutelas se inchavam de barracas, formando aglomerados habitacionais, os quais muitas vezes se tornavam células pioneiras de muitas cidades.

Tesouro foi um desses fluxos, que teve uma população de grande porte, quando começou ali a garimpagem das mais ricas minas diamantíferas de que se tem notícia nas primeiras décadas deste século.

Quando os aglomerados humanos se tornavam vultosos, as primeiras explorações populares que se formavam eram os “fechas-nunca”, espécies de boates ou lupanares, onde se agregavam as centenas de ‘mariposas’, prostitutas vulgares que vendiam a carne aos garimpeiros e divertiam-se com bebedeiras e outros vícios.

Em Tesouro se formou um vilarejo com grande quantidade de exploradores e quase meia centena de cabarés para as diversões da garimpeirada desordeira, formada por homicidas, marginais, gente oriunda de outras refregas.

Os afamados brigões da extinta revolução Morbeck-Carvalhinho, ou ainda os sobreviventes, desordeiros corridos da justiça, jagunços de outros tempos, ali dominavam o ambiente propício aos seus instintos. Predominava nos garimpos o adágio popular que “justiça de Mato

Grosso era o 44" (calibre das carabinas).

Muitas dessas alusões eram, aliás, versejadas:

*"Mato Grosso não tinha justiça,
Nem Goiás e nem Minas,
A justiça em garimpos
É faca, bala ou carabina...
O delegado mesmo fala:
A justiça de garimpo
É trinta e oito, faca e bala".*

Esses ditos populares incentivavam as desordens.

Não havia cadeias ou outra forma de prisão. Quando ocorria um crime ou contravenção, as punições eram revidadas com outros crimes ou abuso da força.

O destacamento policial ali existente, comandado pelo sargento Leonel, era de apenas dois soldados. O tiroteio corria solto, as provocações e desordens se processavam a toda sorte. Quando alguém caía na mão dos soldados, era logo amarrado de pés e mãos, como porco, em troncos de árvores, exposto à visão da comunidade.

Por isso mesmo nutria-se pelos militares uma forte antipatia, do que os desordeiros se aproveitavam para provocar mais desordens.

Certa noite, depois de uma farra seguida de serenata e com inúmeros tiros, os garimpeiros Abrão, Felipe, Antônio da Luzia e Lourival do Major Catarino desafiaram com tiroteio e palavrões nas ruas a pacata vila e ao serem abordados pelo sargento Leonel, comandante do pequeno destacamento, deram-lhe alguns sopapos e fizeram-no beber obrigado. Ordenaram sua retirada para o quartel ou voltar para o comando em Guiratinga (antigo Lajeado). Tudo que fizeram diziam ser prova de que ali e na região havia cabra-macho.

O sargento foi até Lajeado, sede do município a que estava subordinada a vila Tesouro, fez com tinta negra um relato do que havia se passado, dizendo ao tenente José Silvério Magalhães (hoje coronel reformado) que só voltaria a Tesouro se lhe fosse dado um contingente de soldados para reprimir os desordeiros.

Dissera o sargento Leonel ser uma questão de honra voltar ali para uma repressão e não ficar desmoralizada sua autoridade.

Atendido no seu apelo, chegou a Tesouro o sargento com um número bem grande de policiais, armas e munições, dizendo que iria apaziguar os garimpeiros.

Em determinado fim de semana, uma discussão entre um garimpeiro não identificado e o sargento-delegado (dizem que coisa sem importância) serviu de pretexto para que o destacamento procurasse desagravar o seu comandante, já que há muito era esperada uma oportunidade.

Em um sábado à noite, grande número de garimpeiros e mundanas se divertia nos dois cabarés do lugarejo, também chamados fechasnunca, dia ansiosamente aguardado pelo destacamento, pois nos fins de semana a garimpeirama se concentrava nas festas ali realizadas.

Era a data fatídica de 7 de agosto de 1937, quando no cabaré teve início o baile, com os pares animadamente dançando e bebendo. As portas de acesso e saída foram tomadas por policiais e detonados nos frequentadores seus fuzis, com um tiroteio de balas mortíferas. O pânico foi geral. Sem saída para correr, tiveram que enfrentar a fúria das balas assassinas das descargas dos soldados, em verdadeira revanche.

Alguns, que por milagre não foram baleados, eram sangrados com punhais e baionetas; o pandemônio foi horripilante, a soldadesca a descarregar revólveres nas vítimas que agonizavam.

Na mesma noite os policiais invadiam barracões de garimpeiros, prendendo-os para fazê-los abrir valas em forma de covas, onde depositavam dezenas de cadáveres; muitos moribundos foram enterrados ainda com vida, juntamente aos mortos, evitando assim uma avaliação exata do número de chacinados.

Os que participaram da tarefa de abrir os sepulcros ficaram apavorados com aquela calamidade, com aquele morticínio brutal e massacrante. Inúmeros moribundos, como o garimpeiro Prudêncio, baleado, implorava para não ser sepultado vivo, recebendo de outro garimpeiro a piedade de excluí-lo do meio dos cadáveres, que ainda viveu muitos anos pela região, tornando-se testemunha viva daquele fato brutal.

Outros que também foram poupados: Teodomiro e Guilherme Grunwel (o Judeu), alvejado quando corria, sendo alcançado por um balaço no pé; ficaram como testemunhas e vítimas transmitindo detalhes daquele massacre. Bem como ficou a mundana Carmélia, aparentada de Fleury Belém, que ao separar-se em Baliza de seu marido, um cambista de jogo do bicho, foi parar na "zona" em Tesouro, onde recebeu um balaço de fuzil no braço e quase foi enterrada viva naquele bárbaro massacre feito pelo destacamento local, no qual foram vitimadas muitas criaturas inocentes.

A tradição oral conservou para a posteridade a notícia desses fatos através de descendentes e vítimas da história que enlutou os garimpos por muito tempo.

O massacre hediondo de Tesouro.

MÁRTIRES DOS XAVANTES

Mortes dos padres João Fucks e Pedro Sacilotti

(Ano de 1934 - Rio das Mortes)

Barra do Garças tem sido palco de fatos dignos de nota e do conhecimento público; uns, pitorescos, outros, jocosos e, muitos deles, dramáticos. Vimos narrando-os ora em livros, ora em revistas, jornais ou panfletos. Diz um adágio popular: “Quem escreve pereniza”.

É com essa intenção que me tornei historiador. Às vezes, até repetitivo, narro fatos que constituem nossa história, para que os pósteros, ou outros historiadores, encontrem raízes que não desejam que a poeira do tempo conduza-os ao esquecimento. Principalmente o que iremos narrar, quando, em novembro de 1943, dois idealistas sacerdotes (os padres Pedro Sacilotti e João Fucks), na tentativa da catequese de uma tribo bravia, foram trucidados.

MISSÃO EVANGELIZADORA SALESIANA

Todas as tentativas de pacificação da tribo Xavante, habitantes da região do Rio das Mortes, vinham fracassando às suas margens e próximo à Serra do Roncador, cujas regiões eram o domínio da tribo que se elevava a mais de 8 mil integrantes. A área ocupada entendia-se das margens do Rio Tapirapé até as cabeceiras do Sangradouro, calculada em mais de 800 mil km². Os salesianos lutavam contra a obstinação dos Gês, rebeldes a qualquer aproximação.

Tentar ir ao encontro deles na faixa de seu domínio era tarefa das mais

arriscadas e perigosas da época. Foram inúmeras as tentativas sem êxito pelos missionários padres salesianos, desde Antônio Cobalchini, Padre Chevelon, até os mártires João Fucks e Pedro Sacilotti.

O malogro de algumas dessas tentativas não pôs fim ao capítulo da cristianização; ficou como um traço de união vincado com o sangue de dois padres.

O martirologio é o maior incentivo às missões evangelizadoras que procuram apaziguar a rudeza nativa dos silvícolas renitentes.

Os presentes (colares, medalhas, ferramentas ou utensílios deixados pelos religiosos nos lugares em que costumavam passar os índios bravios), muitas vezes eram respondidos com flechas cruzadas: ao mesmo tempo em que vedavam as passagens com galhos entrelaçados, tudo significava luta aberta patenteando ânimo hostil.

Nunca se devia insistir quando isso sucedia, porque eles não se deixavam divisar e não perdiam o mínimo movimento de quem os procurava.

Desde 1932 que os abnegados sacerdotes João Fucks, suíço, e Pedro Sacilotti, brasileiro (paulista), vinham se dedicando ao primeiro encontro com os bravios xavantes.

O desânimo não é do feitio de quem se dedica à catequese.

Algum dia o esforço medraria no terreno sáfaro dos filhos da selva.

Imagina-se quantos sofrimentos físicos ou quantas vicissitudes sofreram na luta contra o meio e as intempéries daqueles distantes anos.

As dificuldades eram estímulos.

E assim viveram dois anos infrutíferos na catequese. Em fins de outubro do ano de 1934, cortava as águas do Rio das Mortes a

manchinha salesiana denominada “Maria Auxiliadora” que levara os padres João Fucks e Sacilotti, o motorista bororo Luiz Kepuceva, Militão Soares, Nestor Coelho e o garimpeiro holandês John Seidker.

Era 1º de novembro, Dia de Todos os Santos; o barulho de um motor misturava-se aos ruídos daqueles ermos, afugentando as feras espantadas e fazendo levantar voo as aves ribeiras.

De repente, numa curva, nas proximidades de uma cachoeira, dois xavantes deixaram-se avistar em cima do barranco quase a pique da margem direita, mas logo desapareceram.

Chegava o momento. O leme voltou-se em direção da beira. Os dois padres desembarcaram no ponto visado e, sem hesitação, agarrando-se às raízes do paredão, puderam atingir o alto.

Ofegantes pelo esforço da subida, olharam em torno sem verem viva alma. Secundando-os, o restante da tribulação também subiu o barranco, tendo o holandês John Seidker levado sua carabina Winchester, temendo qualquer ataque.

Os padres exigiam que ele não fizesse uso da arma, se não, a missão resultaria improdutiva e a violência, mesmo em represália, seria o reinício das hospitalidades, frustrando todos os planos de catequese que pretendiam em nome de Jesus Cristo.

Sabiam de sobra que os xavantes seguiriam de perto os seus movimentos, e os padres não queriam ser confundidos com assaltantes. Outras eram as intenções com que os procuravam para uma aproximação.

O garimpeiro Seidker não teve outro remédio senão obedecer e voltar ao barco com a sua carabina.

Nesse intervalo, para melhor procurar os índios, o padre Pedro Sacilotti subiu numa árvore do cerrado ralo e avistou, a uns 100 metros

de distância, num claro, cerca de 50 selvagens, inclusive mulheres e crianças.

Desceu da árvore, informou ao padre Fucks da aproximação e pediu aos outros componentes que aguardassem ou que lhes trouxessem do barco os presentes e bugigangas para presenteá-los, o que representaria sinal de amizade pacífica.

Com as mãos apegadas aos crucifixos, empreenderam, sem destemor, a sinistra empreitada.

Chegando perto do grupo, o padre Pedro Sacilotti fala-lhes em língua Carajá. Em resposta, obtiveram gestos ameaçadores, assinalados com mímicas, no sentido de que deviam retroceder sem perda de tempo.

A paz não fora aceita e as palavras de bem e de amigos foram rechaçadas com desafios e agressões. Insistiram os padres numa final tentativa de conciliação, chegando ao centro do grupo indígena.

Subitamente os companheiros que, a certa distância aguardavam com os presentes, ouviram gritos aflitos e piedosos e perceberam o padre Sacilotti chamá-los dizendo angustiado: "O ataque dos xavantes!".

Compreenderam a extensão da tragédia que se desenrolava pouco além e, covardemente, evitaram participar.

MÁRTIRES DOS XAVANTES

O holandês Seidker, que se encontrava no barco, por precaução, ainda armado, corre em socorro dos trucidados padres, agora acompanhado pelos companheiros. Nada de índios. Recuam prudentemente para o barco, onde passam a noite, ancorados no meio do rio, pois a escuridão era tremenda e os agouros amedrontavam qualquer vivente.

No despertar da manhã seguinte, 2 de novembro, voltam à terra firme,

dispostos a recolher os corpos dos padres massacrados.

Encontraram despídos os dois cadáveres, crânios esmigalhados, braços partidos pela brutalidade da agressão.

Piedosamente, transportaram os despojos, dando-lhes duas sepulturas provisórias no barranco. Uma ergueu-se abrindo os braços acolhedores sobre os montões de terra.

Rezaram algumas preces, entre lágrimas e clamores, elevando a glória dos missionários.

Retornaram da missão fracassada trazendo a trágica notícia que abalou sensivelmente a alma cristã do país, mercê do noticiário telegráfico e da imprensa. O morticínio, entretanto, serviu de estímulo aos religiosos missionários que não interromperam a doutrina pacífica de Jesus Cristo e continuaram o trabalho de catequese da tribo, até então indomesticada, que só veio a alcançar efeitos de aproximação no ano de 1945.

Posteriormente, a Missão Salesiana mandou recolher os cadáveres para um túmulo erigido na catacumba dos salesianos no cemitério de Araguaiana, onde residem na paz de Deus os dois mártires da catequese xavante.

Depois de domesticada a tribo, foi construída pela Missão Salesiana uma Colônia de Catequese nas margens do Rio das Mortes, no local denominado "Santa Terezinha", onde havia igreja, colégios para educação da juventude da tribo e orientação da doutrina de Cristo.

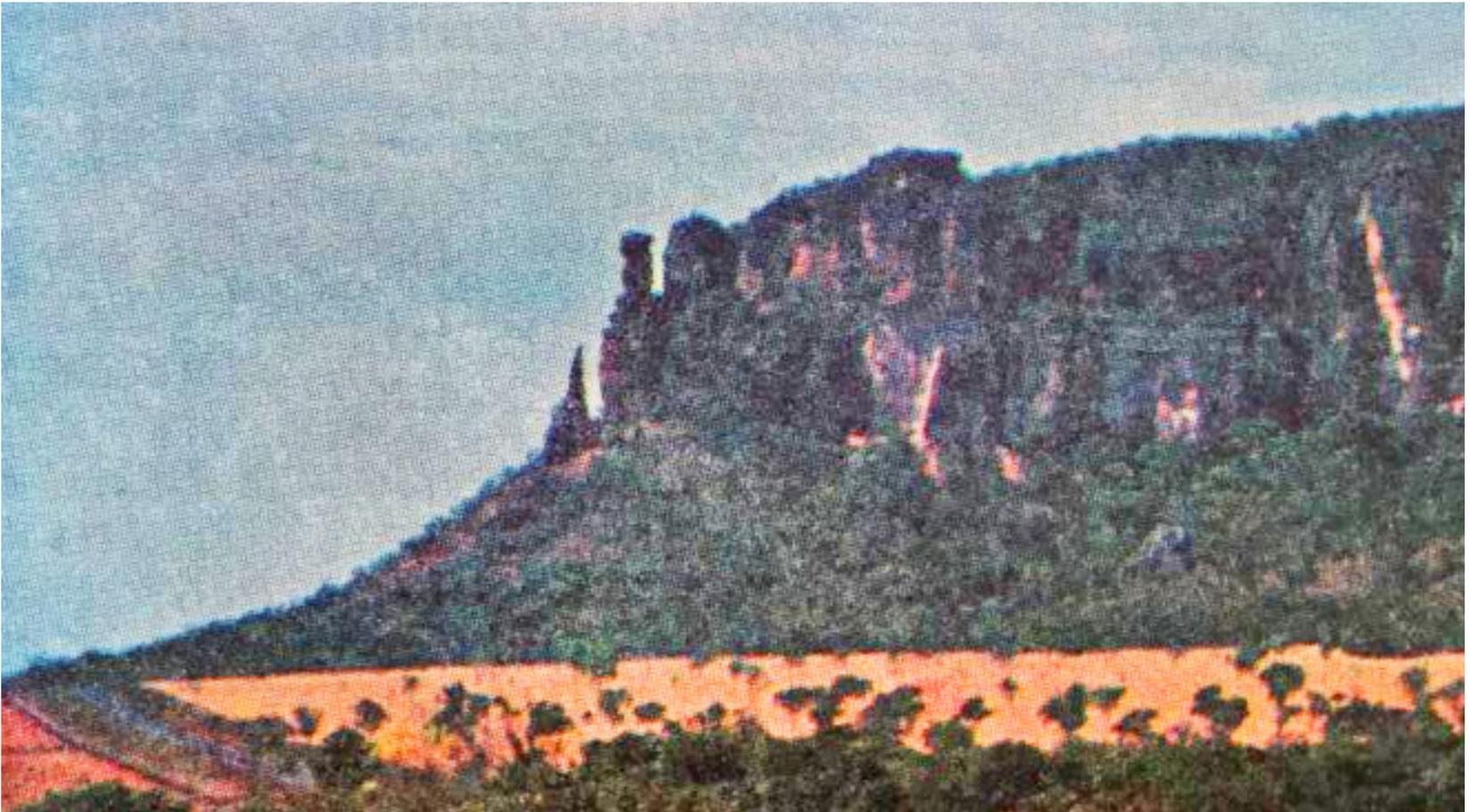
Entretanto, a Missão Salesiana não deixou de dar assistência à tribo: o padre Pedro Sbardelotto fixou-se em Xavantina com a Aldeia dos Areões. Já no ano de 1967, a fazenda Suiá-Missu, querendo tirar de sua área os xavantes, procurou a Funai e os padres da Colônia de São Marcos; de comum acordo entre estes e a Força Aérea Brasileira (FAB),

conduziu em seus aviões da fazenda Suiá-Missu e Serra do Roncador mais de 1 mil índios xavantes que foram transferidos para a Colônia de São Marcos, sob a orientação salesiana, onde, domesticados, hoje representam o maior núcleo indígena da tribo, ainda sobrevivente, constituindo uma comunidade digna de elogios, vivendo do seu trabalho em lavouras de mandioca, cana-de-açúcar, milho e arroz, grande indústria de artesanato ameríndio, tendo alguns integrantes completado cursos especializados. Aliás, também têm uma banda de música e praticam futebol que já se exibiu em grandes cidades brasileiras.

Como singela homenagem aos dois mártires sacerdotes, o narrador, quando exerceu o mandato de prefeito da cidade de Barra do Garças, em 1959, querendo deixar vivos os nomes deles, deu-os a duas vias públicas: respectivamente, Rua Padre Pedro Sacilotti e Rua Padre João Fucks.

Com esse gesto, quis que na memória barra-garcense figurassem dois grandes benfeitores que, por um ideal sublime, sacrificaram suas vidas trabalhando em favor da terra que habitamos.

MISTÉRIOS DO RONCADOR



A Serra do Roncador sempre foi um mistério a desvendar. Bandeiras, desde o século XVIII, como a de Pires de Campos, do Anhanguera e outros, empreenderam tentativas à procura da tão decantada "Mina dos Martírios".

A região da Serra do Roncador é até hoje a mais conhecida da selva sul-americana. É uma imensa cordilheira da Era Plutônica, que se ergue como divisor das águas do Araguaia e do Xingu. Estende-se no Centro-Oeste, após a travessia do Rio das Mortes, e vai de Mato Grosso adentro até alcançar o Estado do Pará, onde recebe a denominação de Serra Tamanacu ou Serra Pelada.

Tem histórias majestosas, estudadas por hierofantes ou aventureiros bandeirantes, desde as mais remotas e priscas eras.

Segundo mitos e lendas, entre fraguados e grutas de maravilhosa

beleza, gargantas e vales, abismos e sendas sinuosas, escondem-se os vestígios da Metrópole dos Homens Atlantes, guardando no seio insondável os restos de uma civilização pré-histórica, há milênios desaparecida, sepultada eternamente ao longo de imensas paredes daquela cordilheira.

A famosa Atlântida, a cidade ciclópica, construída por raça titânica, dizem dormir escondida, soterrada pelas montanhas que formam o Roncador, razão por que ainda não foram vistas as ruínas de seus magníficos templos.

Todos esses mitos ou reminiscências de remotíssima civilização do Roncador constituem cabedal histórico-imaginário milenar, irredutivelmente negado por muitos civilizados e alimentado por outros. No entanto, dogmas sustentados pela Sociedade Teosófica Brasileira e sua tributária Sociedade Eubiose, possuidora de alguns templos no Brasil, inclusive em Nova Xavantina, afirmam as versões citadas. Todos esses insondáveis mistérios de revelações sensacionais, aceitos por uns e negados por outros, induziram muitos bandeirantes deste século, e até estrangeiros, como o coronel Fawcett, a tentar desvendá-los.

Até hoje, todas as investidas à senda do desconhecido têm sido infrutíferas, e as expedições que têm tentado alcançar os mistérios da cordilheira, para desvendar o estranho enigma, têm fracassado. Jamais conseguiram esclarecer os augustos segredos, ainda inviolados, daquelas bravíssimas paragens, onde imperam milhares de feras selvagens guardando aquele rincão sagrado, até aqui a maior reserva ecológica da América do Sul. Dizem que ali é o lugar sagrado JINA, onde se ocultam os tesouros dos povos que fulguraram nas mais esplêndidas épocas da humanidade, "Centro Mágico" que remonta à desaparecida "Terra de Mu" (Atlântida), onde se encontram as preciosas florestas virgens, e, nos bárbaros profundos e inacessíveis,

os mistérios do Roncador, que só podem ser alcançados por espíritos superiores e privilegiados.

A Expedição Roncador-Xingu passou pela Serra do Roncador, com sua equipe de vanguarda, em meados do ano de 1945, e até cortada em parte por uma estrada que vai rumo ao Pará. Mas, até agora, os enigmas continuam envolvidos nessa cortina de mistérios, de barreiras inacessíveis.

Porém, tudo isso é considerado fantasia imaginária, mistério estupendo que os homens criaram em torno da Serra do Roncador, em parte contestada pelos expedicionários que palmilharam suas frondosas fraldas em diversos sentidos, procurando as fantásticas pontas da meada da história lendária, ou os sacrossantos lugares encontrados por onde tivessem vivido esses mitos.

A serra possui, é certo, cordilheiras altíssimas, com cumes que tocam as nuvens, ou fendas sinuosas, com báratros tão profundos que a vista não alcança seu fim.

Será que é ali que se encontra soterrada a famosa Atlântida ou seu portal de entrada? Será ali o eldorado fabuloso de mistérios? Será que é ali que estão guardados os tesouros de riquezas incalculáveis? Será que é ali que, segundo afirmam os exploradores, existem, em pleno coração das selvas brasileiras, tantas riquezas? O que podemos afirmar, como habitante da região central do Brasil, com mais de 60 anos de vida, é que no Roncador não há nada de sobrenatural. Existem, de fato, horizontes, visões fabulosas que levam os viajores a sonhar com mundos encantados, pois são magníficos os panoramas que os olhos descortinam.

A natureza selvática apresenta-se portentosa tanto no reino vegetal quanto no animal e, provavelmente, mineral. A flora se apresenta com grandeza na imponência dos frondosos jatobás, ipês, cedros,

jequitibás, gameleiros, paus-brasil, sucupiras, landis, jacarandás, angicos, copaíbas, tamburis e imensas palmeiras de babaçu, buriti, buritirana, guariroba, piaçava, açaí, tucum e tantos outros sem denominação específica que por ali são encontrados. Tudo isso é o que constitui o Roncador propriamente dito. É, de modo geral, o divisor das águas xinguanas dos rios das Mortes e Araguaia, cujo planalto tem uma altitude de aproximadamente 500 metros do nível do mar, constituindo um formidável reservatório de nascentes que correm para o Araguaia e o Xingu, vertentes quase ligadas, correndo opostamente, umas à direita, outras à esquerda, formando a espinha dorsal de águas daqueles cursos naturais.

Roncador é até hoje o coração do Brasil desconhecido, com uma imensa e vasta selva. Nenhum sertanejo, por mais ousado que seja, conseguiu erguer morada ali, pela aspereza que o separaria da civilização, pela tebaida varrida pelas chuvas torrenciais e queimadas, pelo sol ardente dos trópicos.

Tudo isso é o Roncador selvagem, o Roncador mito, o Roncador misterioso.

O DESAPARECIMENTO DE FAWCETT PODE DESVENDAR OS MISTÉRIOS DO RONCADOR



Desde 1925 tem-se conhecimento do trágico desaparecimento do coronel Percy H. Fawcett nos bravios sertões mato-grossenses. Inúmeros exploradores foram à procura do desaparecido, entretanto, até hoje, ninguém conseguiu descobrir o seu paradeiro, ou pelo menos saber o destino que foi reservado a esse acontecimento misterioso.

Sabe-se que o ilustre oficial do Exército inglês, em 1925, veio ao Brasil em companhia de seu filho Jacks Fawcett e do Sr. Ralieg Rimeell.

O coronel e seus companheiros vieram aqui para, supõe-se, pesquisar sobre uma civilização pré-histórica, da qual tinham conhecimento e supunham ficar situada no âmago das florestas do Roncador. Fawcett

presumia ser essa civilização a da tão sonhada Atlântida, continente desaparecido há 12 mil anos, onde, por certo, encontraria tesouros incalculáveis. Vinha imbuído da esperança de que nas florestas mato-grossenses encontraria o “berço da civilização encantada” ou vestígios de sua existência. Tinha como meta sonhos visionários.

Era considerado o maior geógrafo e explorador britânico. Partiu para Cuiabá, capital do Estado de Mato Grosso, onde organizou uma expedição para a ousada penetração na mesopotâmia do Rio Xingu e cordilheiras do Roncador, regiões até então inacessíveis, palmilhadas e habitadas por tribos indígenas ainda arredias à civilização, as quais se dizia ser antropófagas. Com os seus expedicionários, rumou para o nordeste do Estado, entranhando-se pelo sertão imenso e desconhecido. Auxiliado pelos índios bakairis, num aldeado do município de Diamantino, chegou às margens do Rio Curisevo. Ali, Fawcett dispensou o auxílio dos índios e dos expedicionários que o acompanhavam e partiu somente em companhia de seu filho Jacks e do companheiro Rimeell. Em canoas precárias, desceram o Curisevo até a sua confluência com o Rio Kuluene, cabeceiras formadoras do Xingu.

Foi esse o último local de que se lhe teve notícia, segundo crônicas e versões. Então, desapareceu misteriosamente para sempre, com seus dois companheiros, sem deixar vestígio algum.



O mundo inteiro, ao tomar conhecimento do acontecido, procurou interessar-se por notícias dos malogrados exploradores. Algumas expedições foram patrocinadas como objetivo de resgatar à civilização o desditoso explorador e seus companheiros. Nos primeiros anos do desaparecimento de Fawcett, havia ainda esperanças de que ele voltaria à civilização. Mas foi tudo em vão; nunca mais regressou e, até hoje, ninguém sabe o paradeiro ou seu esconderijo fatal.

Expedições e muitas jornadas de salvamento seguiram as pegadas do roteiro por ele iniciado, mas algumas voltaram exaustas e fracassadas; já outras, dizem que nunca mais retornaram. Todas as pesquisas de exploradores acerca do desvendamento dos mistérios de seu desaparecimento foram baldadas.

Em resumo, é o que se escreveu o que se sabe até o momento sobre o desaparecimento do coronel Fawcett. No entanto, opiniões contraditórias têm surgido em variadas versões para explicar o fato. O que teria acontecido a Fawcett? Será que Fawcett ainda vive?

Alguns afirmam que ele vive na cidade que procurou descobrir, nos báratros da Serra do Roncador. Outros afirmam que foi massacrado por tribos habitantes da margem do Xingu. Há versões de que Fawcett encontrou na margem do Curisevo canoas dos índios Anahuquás, tendo se apossado delas para suas investidas exploradoras, sem dar satisfação aos silvícolas, que, em represália, em grupos às pressas, desceram à procura dos exploradores. Julga-se que houvessem matado Fawcett e seus companheiros pelo modo incorreto de procederem como audaciosos aventureiros. Se verdadeira essa afirmação, presume-se que o inglês tenha perdido a vida pelo ato imponderado de apossar-se das embarcações dos índios.

Outros afirmam que grupos de salvamento tiveram notícias de que Fawcett e seus companheiros permaneceram por certo tempo na aldeia dos índios Kuikuros, à margem do Kuluene, e que ali nascera

uma criança branca, de olhos azuis e filho de índia, criada na aldeia. Mais tarde, dizem que viveu em Cuiabá sob a guarda do Serviço de Proteção ao Índio; afirmavam ser filho ou neto de Fawcett. O indiozinho loiro de olhos azuis chama-se Dulipê, reconhecido como descendente de Fawcett com índia da tribo Kuikuro. Entretanto, seus familiares, na Inglaterra, negam essa versão, depois de feitas análises de sangue para confirmação da paternidade.

Ora, assim sendo, o que é muito provável, pode-se afirmar que, por certo, os ingleses não foram massacrados pelos índios, em virtude de um dos expedicionários haver mantido relacionamento sexual com as índias, a ponto de deixar descendentes. Por outro lado, existe a afirmativa da Sociedade Teosófica Brasileira (hoje Sociedade Eubiose) de que Fawcett ainda vive e é avô de uma linda criança loira que vive nas selvas de Mato Grosso.

O certo é que nenhum explorador ou sociedade tem conhecimento de onde se encontra Fawcett, se vivo ou morto. Tudo é mistério, tudo vive em torno de lenda. Ninguém conseguiu desvendar seu paradeiro. Só Deus sabe.

Fawcett deixou um grande enigma a ser estudado nas serras do Roncador.

REVOLUÇÃO GARIMPEIRA POVOOU O LESTE DE MATO GROSSO

“MORCEGOS versus CAI N’ÁGUA”

UM DOS MAIS SANGRENTOS CONFLITOS SOCIAIS ARMADOS EM MATO GROSSO

Para se entender o episódio “Revolução Morbeck versus Carvalhinho”, na região Leste do Estado de Mato Grosso, necessário se faz retomar parte da história do processo migratório ocorrido na região.

A migração para Mato Grosso começou pela busca das seringueiras, inicialmente encontradas na região Amazônica. Fugindo da seca, o grupo nortista e nordestino era composto não só por pessoas entendidas e até com relativa experiência no setor minerador; as populações pobres de Minas Gerais se dedicaram, como os nordestinos e nortistas, à faina seringalista.

Uma vez escassa a borracha, muitos migrantes não regressavam à região de origem, preferindo dedicar-se à pecuária e à agricultura de subsistência em Mato Grosso. Foi o caso de João José de Moraes, apelidado “Cajango”, oriundo de Minas Gerais e trabalhador da fazenda Boa Vista, de propriedade de seu sogro. Cajango percebeu a similaridade existente entre os cascalhos da região mineralógica de sua terra natal (MG) e os de Mato Grosso, e logo pensou em tentar encontrar diamantes na região mato-grossense.

Francisca de Jesus, esposa de Sezilo, trabalhador de Cajango, lavando

pratos no Rio Cassununga, sente que um cascalho diferente dos outros feria o prato; era uma estrela diamantífera. Esta pequena mostra foi levada até a fazenda Boa Vista, Cajango se incumbiu de mandar analisá-la, e constatou-se tratar, realmente, de diamante.

O grupo de Sezilo se debruçou, arduamente, sobre a garimpagem. A maior parte da produção não ficava com o grupo, como poderia se supor, pois era trocada com Cajango por alimentos, visto não poder o grupo se dedicar a outra atividade senão ao garimpo.

Cajango, por outro lado, após ter adquirido o fruto de um ano do trabalho do grupo de Sezilo, vai a Cuiabá com cinco onças e meia (5½) de diamantes, que vendeu por 1 conto e 300 mil-réis.

Os diamantes não ficavam em Cuiabá, eram vendidos a um famoso joalheiro do Rio de Janeiro, Luís de Resende, que percebeu serem os diamantes de Mato Grosso bem diferentes daqueles vindos de Minas Gerais ou de outras regiões do país, valendo, portanto, mais. Dessa maneira, pensou logo Resende em colocar um agente seu junto às zonas diamantíferas de Mato Grosso, o qual deveria, "in loco", garantir a aquisição das tão preciosas pedras. Esse agente chamava-se Daniel de Lima, que chegou ao Rio das Garças acompanhado de um grupo experiente de mineiros, munidos de atualizados instrumentos de trabalho. Daniel de Lima passou dessa forma a superintender o grupo de Sezilo.

Em 1919, foram remetidos para o Rio de Janeiro 11 quilos e 250 gramas de diamantes, o equivalente a 55 mil quilates. O domínio de Daniel de Lima durou pouco, pois em 1922 chegou à região diamantífera do Garças Cândido Soares Filho, baiano, representante de J. Polak, agente aliado a forte grupo econômico fixado no estrangeiro.

A chegada de Cândido e seu confronto comercial com Daniel fizeram com que subissem os preços dos diamantes. Não satisfeito com a

produção adquirida na região, Cândido foi à Bahia, de onde trouxe grande número de pessoas, que foi trabalhar para ele na mineração. Nesse período, década de 40 do nosso século, o número total de garimpeiros no Estado de Mato Grosso era de mais ou menos 45 mil, sendo que 35 mil estavam fixados no Leste (Araguaia, Garças, Poxoréu).

Como pudemos observar, as zonas de garimpo eram regidas, política e economicamente, pelos potentados locais, ou seja, por indivíduos que, pela aceitação ou temor, exerciam liderança e que, sem dúvida alguma, detinham significativo poder econômico.

Durante muitos anos, os governadores do Estado de Mato Grosso não se imiscuíram na vida dos garimpos, porém, tiveram a seu lado o apoio do chefe local, que contribuía, assim como seu bando, na hora das eleições. Essa política de favores (votos de um lado, não interferência do outro) fez com que as zonas de garimpo fossem locais caracterizados como “terras sem lei”, onde imperavam a violência e o temor.

O PAIOL DE PÓLVORA

A chama da discórdia estava instaurada e o fogo logo se alastraria.

Em 1925, Morbeck e Carvalhinho vão ao Rio de Janeiro em busca de apoio político. Viajam juntos e instalam-se no mesmo hotel. Carvalhinho se encontra com Pedro Celestino e este o nomeia delegado de polícia da região do Araguaia/Garças.

Morbeck percebendo a traição, pois tudo fora realizado às escondidas, muda-se de hotel, numa franca demonstração de que o rompimento se efetivara.

Carvalhinho, agora mais à vontade, concede várias entrevistas a

jornais, propalando seu poder junto à zona diamantífera de Mato Grosso.

Morbeck retornou ao Araguaia/Garças com a finalidade de arregimentar pessoal visando ao embate final. A tática escolhida por ele seria atacar antes de ser atacado.

PASSOS FINAIS DA LUTA

Morbeck e seu bando vão para Santa Rita do Araguaia, quando, de madrugada, cercam e atacam a residência de Carvalhinho. Este resiste com apenas 18 homens, contra 300 de Morbeck.

Carvalhinho e alguns poucos homens conseguem fugir, atirando-se nas águas do Rio Araguaia.

Morbeck e seus homens incendiam a casa comercial de Carvalhinho. Este episódio ficou conhecido como o "dos morcegos e dos cai n'água", isso porque o bando de Morbeck atacara durante a madrugada e Carvalhinho se atirara na água.

Carvalhinho foge para Mineiros (GO), onde planeja, minuciosamente, o revide. De início, foi para os sertões da Bahia (Rio São Francisco) arregimentar pessoal; de lá vai até Salvador, de onde solicita proteção de Pedro Celestino para sua volta. Celestino o garante.

O trajeto de volta percorrido por Carvalhinho e seu bando seguiu o seguinte roteiro: Buenos Aires - Prata - Cuiabá, de onde recebeu reforço de 300 homens, a mando de Pedro Celestino. Não satisfeito com o percentual numérico de seu bando, Carvalhinho envia pessoa de confiança a São Pedro, com a finalidade de arregimentar mais homens.

Morbeck, nessa época (1925), encontrava-se no Rio de Janeiro, porém

seu bando estava sob o comando de Candinho.

Carvalhinho toma a dianteira no combate a Candinho. O ataque se processou na Serra de Arnica, conhecida então como o Fortim de Cassununga. De vitória em vitória, Carvalhinho foi dominando Lajeado, Cassununga, conseguindo chegar até Santa Rita do Araguaia.

Morbeck retornou do Rio de Janeiro com farto reforço de armas e munições, as quais foram a ele doadas por políticos sob o pretexto de que as mesmas deveriam ser usadas na repressão à Coluna Prestes que, nesse momento (1925), passava por Mato Grosso.

Os combates se sucederam numa alternância de vitórias de lado a lado, porém um fato político interrompeu o fogo armado, colocando o ponto final nesse episódio: ocorreu mudança no governo estadual, ocasião em que Mário Corrêa da Costa sucede Pedro Celestino.

O novo governante objetivava acabar com as lutas armadas no Leste mato-grossense, fazendo valer e ser reconhecido, definitivamente na região, o poder estadual. Para tanto, Mário Corrêa da Costa nomeou como chefe de polícia do Araguaia/Garças Valdemiro Corrêa, que instalou, mesmo sob o peso das armas, o poder estadual.

Os bandos de Morbeck e Carvalhinho, nesse momento, já esgotados, fizeram um armistício. Morbeck permaneceu em Santa Rita do Araguaia, porém sem gozar do prestígio anterior; Carvalhinho e seu bando se retiraram para Poxoréu, nessa ocasião corrutela recém-fundada, onde fixam residência.

Temeroso de novos incidentes, Mário Corrêa envia para Poxoréu o tenente Telésforo Nóbrega, acompanhado de um destacamento bem preparado e orientado. Vários atos de violência são cometidos, de lado a lado, porém Telésforo fez vingar as forças governamentais.

Carvalhinho, sentindo ver desfeito seu sonho de retomada da

liderança política, solicitou do governo estadual indenização sobre os prejuízos sofridos. O chefe do Executivo estadual retardou a resposta aos clamores. Carvalhinho, com seu bando, atacou o quartel, ocasião em que se assistiu a muitas mortes, dentre as quais a de Telésforo.

Carvalhinho e sua gente fogem para Goiás, temerosos de um provável revide governamental. Como já previsto, Mário Corrêa da Costa persegue e prende Carvalhinho e seu bando que, depois de presos, em Jataí (GO), são transportados para Três Lagoas e daí para Poxoréu. Ali, o bando e seu chefe são obrigados a desfilar pelas ruas, para que aquilo servisse de exemplo aos demais, em franca demonstração da real existência de um poder estadual forte.

De Poxoréu são conduzidos até Cuiabá, onde, novamente, saem em passeata. Carvalhinho e seu bando permanecem em Cuiabá até 1930, quando, com a "Revolução Getulista", são postos em liberdade.

Este episódio, Morbeck x Carvalhinho, representou um dentre os muitos conflitos ocorridos na região Leste Mato-grossense. Os grupos se desfizeram, porém os resquícios de vingança e revide persistiram por muitos anos.

O CASO MORBECK x CARVALHINHO

UM CASO DENTRE MUITOS

Como o próprio título elucida, o episódio diz respeito às lutas travadas entre dois chefes locais das zonas de garimpo situadas no Leste mato-grossense.

José Morbeck migrou para a zona diamantífera, situada a Leste de Mato Grosso, dez anos antes que Carvalhinho. Durante esse período, Morbeck se estabeleceu em Santa Rita do Araguaia, onde se fez cercar de grande número de trabalhadores do garimpo, os quais

depositavam nele toda a confiança. Da mesma forma, Morbeck recebia apoio do então governador do Estado, Pedro Celestino. Durante o ano de 1916, Morbeck pôde demonstrar seu incontestado apoio ao governador, ocasião em que, com seu bando (300 homens), lutou contra os adversários de Pedro Celestino, arrasando e destruindo usinas de açúcar e fazendas pertencentes a seus adversários. Nessa ocasião, Morbeck e seu bando eram temidos e respeitados por grande parte da população do então Norte e Leste de Mato Grosso. Com a proliferação de grande número de corrutelas, Morbeck fez questão de, também ali, manter seu prestígio e fazer-se respeitar na região. Para tanto, considerando-se intendente (chefe de polícia local) Araguaia/Garças, enviou, para os novos garimpos, pessoas de sua absoluta confiança:

Manuel Balbino de Carvalho (Carvalhinho)..... Bandeira
Cândido Soares Filho..... Lajeado
Quincas Lobão..... Cassununga
Reginaldo de Melo..... Pombas e São Pedro

Como se pode observar, Morbeck tinha em Carvalhinho pessoa de confiança e lealdade. Nessa ocasião eram até compadres e não reinava entre eles qualquer discórdia, até eram sócios em estabelecimento comercial, instalado no garimpo de Urtiga, às margens do Rio Bandeira.

Com o passar do tempo, seria natural que Pedro Celestino se descontentasse com esse abusivo poder de Morbeck e desejasse estender o seu também à região Leste de Mato Grosso. A tática utilizada por Celestino foi a mudança de apoio de Morbeck para Carvalhinho.

O BAILE DO FECHA-NUNCA:

INÍCIO DAS DIVERGÊNCIAS ENTRE MORBECK E CARVALHINHO

Em 1925, em um dos bailes ocorridos no garimpo de São Pedro, baianos e nortistas discutiram e, após esse aparente incidente, os grupos se dividiram fortemente armados. De um lado, o bando de Chiquinho, que entra no acampamento de Alcantilado, distante 3 km de São Pedro, matando 18 maranhenses em plena atividade de garimpagem. Após esse feito, o mesmo bando penetra na cidade de São Pedro, ocasião em que a população, apavorada, foge. Antes, havia solicitado a Reginaldo de Melo (enviado de Morbeck ao local), que o mesmo interviesse junto a Morbeck. Reginaldo apenas se mostrou indiferente ao ocorrido, tendo mencionado, em resposta, esta frase: “O que está feito não está por fazer”. Frente a essa resposta, a população de São Pedro vai até a Cassununga, onde relata o ocorrido diretamente a Morbeck e Carvalhinho.

Morbeck demonstrou desejo de dar caça a Reginaldo e seu bando, porém Carvalhinho não o desejava: “Prendam-se os demais, porém não se persiga Reginaldo, que está inocente e é amigo dedicado nas ocasiões precisas”.

Morbeck, porém, não acatou a vontade de seu compadre, vindo a prender Reginaldo, que foi enviado preso para Cuiabá. Anteriormente havia mandado matar Chiquinho e seu bando (através da força pública estadual, Morbeck conduziu a Cuiabá os indiciados). Logo ao chegar a Cuiabá, Reginaldo foi liberado, porém foi vítima de emboscada, tendo, nesse episódio, sido assassinado quando passeava pelos arredores do Coxipó da Ponte.

Esse incidente deixa evidente e reforça, de forma clara, a intenção do então governador do Estado, Pedro Celestino, em retirar seu apoio

a Morbeck e transferi-lo para Carvalhinho: Reginaldo foi solto, logo após sua chegada a Cuiabá – desejo de Carvalhinho. Por outro lado, as forças morbeckianas registram seu repúdio assassinando Reginaldo.

MARCHA PARA O OESTE

Em 1943 a grande ideia se transformou em realidade

A Marcha para o Oeste, idealizada com tanta visão do desenvolvimento do território nacional, com a ocupação do Centro-Oeste e penetração terrestre da Amazônia ocorrida na década de 1940, é, sem dúvida, um feito destacado do grande estadista presidente Vargas. Para falar sobre a epopeia, seria necessário dispor de mais conhecimentos culturais e, também, que houvésemos participado, com melhores contatos, àquela época, dos empreendimentos, das ações, das extintas Expedição Roncador-Xingu e Fundação Brasil Central. Deveríamos ter tido acesso ao acervo histórico da sucessora da Fundação, a Sudeco, cujo primeiro presidente, Dr. Sebastião Dante Camargo Júnior, autorizou a destruição de grande parte do mesmo, quando da transferência de toda operação da extinta FBC de Aragarças para Brasília; na época, muitos livros, fotos, filmes e outros objetos julgados imprestáveis foram abandonados ou jogados fora.

Apartir dessa época, começamos a colecionar tudo que se relacionasse com a Fundação, catalogando aqui, ali e acolá, junto aos remanescentes saudosistas. E, na qualidade de pequeno historiador provinciano, passamos a divulgar migalhas daquela jornada histórica, já que havíamos participado, também, daquela empreitada, conhecendo, por conseguinte, pessoalmente, os figurantes que haviam dado grande parcela de cooperação ao inusitado feito. Por essas razões, nos tornamos um colecionador de peças, hoje históricas, adquirindo um manancial de fotos, livros, recortes de jornais e folhas soltas, que se

dispersavam nas mãos destes ou daqueles idealistas expedicionários, uma vez que o novo presidente da Sudeco julgava tudo imprestável. Velhos pioneiros servidores foram impelidos a se aposentarem como ociosos, tendo em vista que não puderam se transferir para outros órgãos do governo. Por isso tudo a transformação da Fundação Brasil Central em Sudeco se perpetrou como uma operação em que, para dar vida a uma filha, os seus parturientes optaram pela morte da mãe, a nossa saudosa FBC.

Portanto, sem sombra de dúvida, a célula mater da Fundação Brasil Central foi a Expedição Roncador-Xingu, organizada pelo ministro João Alberto de Lins e Barros, no governo do presidente Getúlio Vargas.

MARCHA PARA O OESTE

- Expedição Roncador-Xingu

A ideia de rasgar as vastas regiões do Brasil Central, de desvendar os mistérios da selva jamais palmilhada pelo homem civilizado, de conquistar efetivamente para a Nação aquele mundo abandonado, ganhou corpo e amadureceu sob o impacto da Segunda Grande Guerra Mundial.

A Marcha para o Oeste, preconizada com tanto ardor e sabedoria por Getúlio Vargas, deixou, então, de ser apenas uma diretriz grandiosa para converter-se num imperativo imediato da segurança e da soberania nacional.

As incalculáveis riquezas do solo americano, particularmente do Brasil, espicaçavam a cobiça de poderosos grupos mundiais de conquistadores, armados para o assalto.

RAZÃO HISTÓRICA

Surgiu então, como um dos objetivos principais da Coordenação, em pleno esforço de guerra, despertar a consciência nacional para a inadiável necessidade de salvaguardar a soberania nacional, inclusive sobre mais de dois terços ainda desertos do território brasileiro.

Essa razão histórica da Expedição Roncador-Xingu, planejada sob a orientação direta de João Alberto, foi também animada desse espírito de 40 homens que, sob o comando do coronel Flaviano de Mattos Vanique, se lançaram à memorável empresa.

Tão positivos e promissores foram os primeiros resultados da Expedição que, em seguida, o presidente Vargas decidiu confiar ao ministro João Alberto a incumbência de formular um vasto programa de desbravamento e colonização do nosso "hinterland", a começar pela região já penetrada. Para a execução desse programa organizou-se, em 1943, em cumprimento a decreto-lei, uma entidade dinâmica e criadora, a Fundação Brasil Central, sendo a ela incorporada a Expedição Roncador-Xingu.

Continuando a arrancada da Expedição Roncador-Xingu, já então sob o comando operativo dos irmãos Villas-Bôas (o coronel Vanique se afastara por motivos de família), a Fundação realizou a penetração até o Tapajós, perfazendo-se ao todo, até ali, cerca de 2 mil km de picada.

DESBRAVAMENTO

Pacificando nações indígenas arredias e até ferozes, sem jamais com elas entrarem em choque, tendo sempre em mira as diretrizes de Rondon; atacados pelas moléstias tropicais e as feras; sofrendo, muitas vezes, fome e sede; rompendo o emaranhado das florestas;

cruzando rios caudalosos, montanhas, campos e cerrados, os pioneiros da Fundação penetraram território adentro. Em cada nova etapa vencida, ao longo da picada, instalaram postos de contato e abastecimento, cultivaram roças, construíram campos de pouso e fizeram levantamentos topográficos, estabelecendo a locação de futuras rodovias.

Nessa heroica arrancada, em pontos praticamente inacessíveis, foi decisiva a colaboração da Força Aérea Brasileira conduzindo víveres, agasalhos, ferramentas e medicamentos, muitas vezes lançados de paraquedas sobre a selva.

COLONIZAÇÃO

No roteiro das picadas abertas pela Fundação, não tardaram a surgir pequenos grupamentos humanos. A presença da Fundação estimulou numerosos colonos a se lançarem à conquista das selvas; cultivando e harmonizando a terra, dando-lhe sentido econômico e social, esses colonos foram plantando a semente de novas cidades. Onde o caboclo não tinha condições mínimas de sobrevivência, minado em suas energias pela pobreza e as moléstias tropicais, surgiram os postos de saúde e os serviços médicos aéreos da Fundação. Depois, hospitais modernos.

DESBRAVAMENTO E A INTEGRAÇÃO DA REGIÃO CENTRO-OESTE NA ECONOMIA DO PAÍS

Para ocupar e integrar o sertão remoto, incorporado, sem mais tardança, à economia nacional, as imensas áreas virgens do Brasil Central e da Amazônia ("esse vácuo que se formou entre a costa povoada e

as linhas demarcadas de outras soberanias”), o presidente Getúlio Vargas lançou a Marcha para o Oeste. Seu foco: atrair o interesse dos brasileiros do litoral para o desbravamento e povoamento do interior do país.

As incalculáveis riquezas do solo americano, principalmente do Brasil, espicaçavam a cobiça de poderosos grupos mundiais.

Em 1937, em Genebra, o representante japonês junto à Sociedade das Nações, Barão Shudo, apresentou em nome do seu governo a ideia de que as nações que dispusessem de áreas inexploradas e não se utilizassem das matérias-primas nelas deveriam ser compelidas a permitir seu racional uso por nações capazes de explorá-las para o bem comum dos povos do mundo. Sob os auspícios do nazi-fascismo triunfante então na Alemanha e na Itália, tal ideia ganhava corpo e se constituía no principal fundamento e pretexto ideológico da maior e mais sangrenta guerra da História, a doutrina da necessidade do “espaço vital”, o tão celebrado Lebensraum da delirante propaganda nazista que, no fundo, era o mesmo ponto de vista proclamado mais claramente pelo diplomata nipônico.

Ora, o perigo para o Brasil de uma doutrina dessa natureza era imenso: 93,4% da nossa população se achavam distribuídos por 35,7% do nosso território, segundo estatística da época; 2/3 da área do Brasil, compreendendo todo o Norte e o Centro-Oeste, tinham uma densidade oscilante de 3/4 a menos de 1/2 habitantes por km².

Não é necessário tecer longos comentários sobre o assunto. A posição de fraqueza geopolítica do Brasil era, e ainda é, tremenda sob este ponto de vista. E a área contínua de 8,5 milhões de km², que é nossa força e cuja conquista nos foi reconhecida no século XVII pela aplicação do princípio do uti possidetis pelos tratados de Madri e Santo Ildefonso que nos tornaram o único país sul-americano em condições de ser uma grande potência no mundo moderno só

poderá ser mantida íntegra e brasileira se efetivamente ocupada, isto é, povoada e explorada. Enquanto não o for, estaremos sempre à mercê de vicissitudes históricas e da aplicação daquela perigosa doutrina.

Deflagrada a Segunda Guerra Mundial, mobilizaram-se as democracias para combater e rechaçar as potências do Eixo que desfraldando a bandeira do expansionismo ameaçavam subjugar a humanidade.

A neutralidade a princípio firmada pelo Brasil não foi respeitada pelas potências do Eixo, notadamente a Alemanha, que, repetidamente enviava submarinos à costa brasileira.

O interesse de Hitler em nosso país ficara claro a partir dos mapas geopolíticos alemães, nos quais o Estado de Santa Catarina figurava como destaque e de onde, segundo alguns historiadores, deveria começar a germanização do Brasil, tendo como ponto de partida a grande emigração germânica que então, se dirigia para aquela região.

Logo após o afundamento de vários navios mercantes nacionais por submarinos alemães, o Brasil, a 22 de agosto de 1942, declarava guerra aos governos nazi-fascistas. Estavam em jogo as mais altas conquistas da civilização: a liberdade e a cultura, os Direitos do Homem e a independência dos povos.

Nos campos da Itália os gloriosos pracinhas da FEB e da FAB, integrando as forças aliadas, davam rude combate ao inimigo e nossa brava Marinha de Guerra cumpria a dura tarefa de patrulhar o Atlântico e zelar pela integridade do litoral; atuava na frente interna do país a Coordenação da Mobilização Econômica, sob a direção do ministro Alberto Lins de Barros, para reforçar a retaguarda das forças em luta.

Por motivos de segurança e vendo que o problema requeria solução imediata, como bem preconizou o presidente Vargas, “eliminar os espaços potencialmente ricos e desocupados que despertam apetites

perigosos num mundo de crescentes pressões demográficas”, obteve o ministro João Alberto autorização dele para dar início à laboriosa tarefa de desbravamento do Brasil Ocidental.

As dificuldades que se apresentavam para levar avante a honrosa missão eram, sem dúvida, incalculáveis. Tudo haveria de começar do nada. Desde os preparativos iniciais necessários à exploração até o aproveitamento racional e eficiente das grandes regiões desocupadas do cobiçado Centro-Oeste.

Foi então pela Portaria nº 77, de 3 de junho de 1943 do coordenador da Mobilização Econômica, organizada a Expedição Roncador-Xingu, a qual, cerca de três meses depois, foi considerada de interesse militar pelo decreto-lei nº 5.801, de 8 de setembro de 1943.

Sem abandonar a possibilidade das duas primeiras linhas, a rota em direção a Manaus se apresentava como a mais interessante. Com efeito, não somente corta o maciço central do Brasil em sua maior extensão, atravessando o grande planalto na época completamente desconhecido, como também representa o traçado geral mais curto da linha de comunicações aéreas e terrestres entre o Rio de Janeiro ou São Paulo e os Estados Unidos da América do Norte. O valor dessas linhas de comunicação aérea para o desenvolvimento posterior do país nunca será bastante enaltecido.

Como ponto de partida da Expedição desbravadora, criada para materializar a Marcha para o Oeste, foi tomada a confluência dos rios Araguaia e Garças.

Esse ponto, a bem da verdade, não foi escolhido a esmo; originou-se de cuidadosa pesquisa ao longo do primeiro desses rios.

Assim estava se iniciando o desbravamento, deixando-se para uma segunda fase a consolidação das linhas de comunicação, de povoamento e de colonização das áreas atravessadas.

Tão positivos e promissores foram os primeiros resultados da Expedição que, em seguida, decidia o presidente Vargas confiar ao ministro João Alberto a incumbência de formular o programa de colonizar as áreas desbravadas.

Obinômio desbravamento-colonização traduzia, dentro das condições concretas do Brasil Central, numerosas e delicadas questões de Estado: desde as de caráter humano e social até as de natureza política e estratégica, nas quais se incluíam as de comunicações, transportes (terrestres, aéreos e fluviais), as médico-sanitárias, as de produção vegetal, animal e mineral, as de comércio e distribuição, as de estudo e resguardo de nossas riquezas minerais, florestais e faunísticas.

Sem dúvida que a iniciativa particular jamais se sentiria despertada para esse tipo de empreendimento, que era obra de abnegação e pioneirismo.

Atribuir a missão aos estados beneficiados com o desbravamento difícil também seria, não só pela falta de recursos materiais e financeiros, mas também pela rigidez de suas normas burocráticas.

Desse modo, somente uma entidade que não fosse repartição pública ou autarquia teria condições de cumprir a missão, sob o risco de não só ferir a autonomia estadual onde fosse operar, pela própria natureza de suas atribuições, como também ficar sujeita, na esfera administrativa, à observância de normas e obrigações burocráticas que poderiam parar sua ação pioneira.

Diante de tais circunstâncias, o governo federal, pelo decreto-lei nº 5.878 de 4 de outubro de 1943, autorizou a instituição da Fundação Brasil Central, órgão diretamente subordinado à Presidência da República com a atribuição de desbravar as zonas compreendidas nos altos rios Araguaia e Xingu, e no Brasil Central e Ocidental, sendo a ela incorporado o acervo da Expedição Roncador-Xingu.

O ponto politicamente mais delicado que se apresentou à Fundação foi o da sua relação com as autoridades estaduais e municipais, constituídas nas zonas onde operou.

Os estados do Norte e Centro-Oeste, sendo pobres e não podendo investir os recursos necessários ao desenvolvimento adequado das suas áreas desertas e inproveitadas, eram, talvez por essa razão, extremamente ciosos de suas prerrogativas, quer na órbita estadual, quer na municipal. Conseqüentemente, fazia-se indispensável que a Fundação realizasse sua obra de forma tal que jamais gerasse atritos com as autoridades locais.

Duas causas fundamentais contribuíram para o êxito da tarefa. A primeira, o fato de a Fundação ser uma organização de autoridade política. A outra, por ter desenvolvido suas atividades em terras devolutas que lhe foram cedidas pelos estados.

COLONIZAÇÃO

Nas picadas abertas não tardaram a surgir pequenos grupamentos humanos. Numerosos colonos foram estimulados pela Fundação a se lançarem à conquista da selva, cultivando e humanizando a terra, dando-lhe sentido econômico e social, os colonos foram plantando as primeiras sementes de futuras cidades.

Pequenas vilas, muitas delas, hoje municípios, nasceram e se desenvolveram sob a influência criadora da Fundação. No sudoeste de Goiás, cabe citar, entre outros, os de Santa Helena, Piranhas, Bom Jardim de Goiás e Aragarças, cidade esta onde a Fundação teve o primeiro posto avançado e manteve, posteriormente, um centro de atividades. Outros municípios da mesma região receberam o influxo progressista da Fundação, sobressaindo os de Rio Verde, Jataí, Caiapônia e Baliza.

No Estado de Mato Grosso foram grandemente beneficiados pelas atividades da Fundação o município de Barra do Garças e seus distritos: São Félix, Mato Verde e Cocalinho. A Fundação criou, ainda no município de Barra do Garças, os Centros de Atividades de Vale dos Sonhos, Xavantina e Garapu, que estão em fase de desenvolvimento que claramente se converterão em sedes municipais.

Onde só se podia viajar em lombo de burro e canoa, foram construídos estradas, pontes, balsas, estaleiros e campos de pousos, originando-se daí, embora modestamente, transportes rodoviários, fluviais e aéreos.

Onde produzir além das necessidades de consumo era antieconômico, a Fundação procurou proteger os interesses dos lavradores, ainda que lutando com falta de recursos.

Se as atividades agropecuárias eram primitivas, incipientes, a Fundação, na medida de suas forças, procurou prestar assistência técnica.

Entrepostos comerciais, usinas de açúcar, cooperativas, empresas de transporte chegaram a ser criadas, visando garantir o abastecimento das populações pioneiras.

Algumas pesquisas científicas realizadas pela Fundação permitiriam vislumbrar muitas das fabulosas riquezas do centro do país: jazidas de ferro, carvão, pedras e metais preciosos, madeiras de lei, plantas medicinais e oleaginosas. Trabalhos de taxidermia efetuados pela Fundação mostraram a exuberância e a enorme variedade da fauna terrestre e aquática do coração do país.

Muitos dos empreendimentos não lograram chegar a bom termo. Outros, depois de auspicioso êxito, caíram em declínio e acabaram por ser liquidados. Muitos dos que vingaram e de início tiveram verdadeiro auge declinaram depois e ainda padecem de uma

existência cheia de sacrifícios.

Tais fenômenos produziram reflexos negativos para os planos de trabalho da Fundação e resultaram em sério golpe contra o desenvolvimento da iniciativa privada nas regiões desbravadas.

Duas causas fundamentais, de ordem administrativa, estão na raiz desses fenômenos: de um lado, a política financeira adotada, nos anos de 1947 a 1949 e nos anos da década de 50, para o centro do país, expressa pelos recursos atribuídos à Fundação; de outro, a falta de iniciativa, de parte a parte, objetivando uma colaboração efetiva e duradoura entre a Fundação Brasil Central e os órgãos das administrações federal e estadual, nos diferentes campos de ação pública.

Então, as finalidades precípuas da Fundação se resumiram ao binômio desbravamento-colonização. Efetuadas as penetrações, abertas estradas pioneiras e construídos campos de pouso, o órgão se empenhou em obras destinadas a propiciar a fixação e sobrevivência dos colonos: postos de saúde, assistência médica e hospitalar, escolar, social etc.

Ora, por sua própria índole, a Fundação, necessariamente, prosseguiu nessas atividades ao longo de suas rotas.

Isso subentenderia um progressivo reforço de sua verba. Mas o que ocorreu foi diverso. A subvenção que lhe era atribuída anualmente sofria oscilações para mais e para menos, como ficou anteriormente demonstrado.

Além disso, a inflação tendeu a lhe diminuir o valor real. A manutenção passou a onerar progressivamente seus cofres, sem que lhe viessem em socorro, na medida necessária, os órgãos da administração pública.

Foi sendo, por isso, forçada a encampar obrigações que normalmente

caberiam a ministérios e governos estaduais, em detrimento de seus objetivos específicos: novos empreendimentos de desbravamento e colonização.

Não obstante, a Fundação foi a ponta de lança de uma bandeira civilizadora e representou uma usina-piloto, onde se forjou o início da industrialização técnico-científica e educacional que se irradiaria pelo sertão brasileiro.

Ao concluirmos o relato das atividades da Fundação, patenteia-se que realizou obra de grande brasilidade: foi brasileira na concepção, nos métodos, nos fins e só desejou servir ao Brasil.

Além da instituição da Fundação Brasil Central, o governo federal criou, na mesma época (década de 40), vários organismos regionais com o fito de apressar a ocupação e o povoamento de outras áreas do Brasil Central e da extensa linha de fronteira.

RELATÓRIO DO TRIBUNAL DE CONTAS

*- Pelo conselheiro Raul Soares de Silveira
Exercício de 1978*

EXPEDIÇÃO RONCADOR-XINGU

A Marcha para o Oeste, iniciada pelos bandeirantes e sertanistas do século XVII, que fizeram o Brasil crescer, ultrapassando as linhas limites do Tratado de Tordesilhas, fazendo crescer o nosso país, todo o Mato Grosso, parte do Norte e Nordeste, inspirou também o presidente Getúlio Vargas a iniciar outro movimento denominado: "Marcha para o Oeste", com a iniciativa de projetar atenções da Nação inteira sobre o desconhecido torrão pátrio Brasil Central, acentuando o vigor inadiável de garantir a nossa soberania, principalmente sobre a Amazônia ameaçada durante a Segunda Grande Guerra Mundial.

Convocou o ministro João Alberto de Lins e Barros, da Coordenação de Mobilização Econômica, para dar ênfase ao sonho e organizar uma bandeira de penetração na região aludida. Aproveitava o presidente os conhecimentos gerais que possuía João Alberto quando palmilhou parte do Centro-Oeste integrando-o à Coluna Prestes.

Organizada a bandeira, denominou-a "Expedição Roncador-Xingu" oficializada pela Portaria Ministerial nº 77 de 3 de junho de 1943, publicada no Diário Oficial da União em 4 de junho do mesmo ano.

A Expedição tinha como finalidade precípua alcançar Santarém,

no Estado do Pará, pelo Brasil Central e Amazônia, desbravando e colonizando regiões ainda desconhecidas, passando por áreas jamais alcançadas pela civilização face à hostilidade dos gentios, habitantes natos.

MARCHA PARA O OESTE

Animados do espírito de desbravar o território brasileiro, foi organizada a bandeira de 40 homens sob a chefia de comando do coronel Flaviano de Matos Vanique. Lançaram-se em memorável empresa, que teve como ato inaugural uma missa celebrada no Mosteiro de São Bento; essa missa foi programada pelas senhoras de São Paulo que ofertaram aos expedicionários uma bandeira nacional, bordada em filigranas de ouro.

Em São Paulo, explorando o espírito bandeirantista da raça, foi feita uma extraordinária campanha pelas rádios e os jornais sobre a finalidade da Expedição e o objetivo foi alcançado, a campanha foi alvo de grande aceitação pelas famílias, comércio, indústrias e entidades, sendo angariado elevado número de doações de víveres, roupas, armas, munições, bijuterias, rádios de comunicação, alimentos enlatados, conservas etc.

Para a locomoção da bandeira expedicionária foi adquirida em Goiás, na região de Catingueiro Grande, grande quantidade de animais (burros, mulas, cavalos etc.) que serviriam como meio de transporte e abastecimento da Expedição.

No dia 2 de agosto de 1943 chegam a Uberlândia duas composições mistas da Companhia Mogiana conduzindo a primeira leva da bandeira que ali não se deteve nem 24 horas, deslocando-se em caminhões e jardineiras rumo a Barra Goiana, acatando a orientação do comerciante Pedro Martins de Moradores que fez o coronel Vanique mudar de

itinerário, pois aquele pretendia alcançar Mato Grosso atravessando o Araguaia em Leopoldina, roteiro da Bandeira Anhanguera em 1936, de Hermano Ribeiro da Silva.

O desvio da bandeira contou com a orientação feita pelo major Basílio que, sobrevoando a região, concluiu pela impossibilidade de penetrar as selvas mato-grossenses por aquela área pantanosa e tipo graficamente de difícil acesso. O objetivo inicial seria alcançar a Serra do Roncador lendária e procurada desde o século XVIII pelas bandeiras de Bartolomeu Bueno da Silva e Pires de Campos que pretendiam encontrar a tão falada “Mina dos Martírios”.

A Expedição Roncador-Xingu chegou a Barra Goiana no dia 6 de agosto de 1943, percorrendo 800 km em rodovias precárias, passando por Toribaté, Itumbiara, Rio Verde, Rio Bonito e Bom Jardim.

Barra Goiana naquela época era uma vila com um amontoado de casas modestas, ruas desalinhadas e casebres de garimpeiros. Sua população era composta de nordestinos e baianos, atraídos pelas propagandas garimpeiras que viviam da esperança de alcançarem a riqueza por eles perseguida numa vida heroica de luta e sacrifício.

A chegada da Expedição Roncador-Xingu, sob a chefia do coronel Vanique, foi auspiciosa para a região. Fundaram a primeira Base nas imediações da barra do Córrego Rola, a mais ou menos 3 km do velho povoado, local onde hoje ainda existem as ruínas da velha olaria e da oficina.

RUMO AO RIO DAS MORTES

Rompendo o emaranhado das florestas, cruzando rios caudalosos, montanhas, matas e cerrados, sofrendo às vezes fome e sede, a Expedição penetrou o território mato-grossense adentro para

alcançar a região de Araés, nas margens do Rio das Mortes. A primeira etapa seguiu entusiasmada, pois a finalidade de alcançar o Rio das Mortes seria uma vitória face à hostilidade do meio e da região. O grupo de vanguarda da Expedição Roncador-Xingu, tendo sempre à frente o coronel Vanique, ia deixando uma picada que servia de roteiro e passagem da retaguarda de expedicionários. Etapas que iam sendo vencidas em lombo de burro; outras, palmilhadas. Passavam muitas noites mal dormidas nas jornadas, deixando pequenos postos de abastecimento, o primeiro deles, denominado Vale dos Sonhos; outro, às margens do Rio Pindaíba, onde se detiveram por alguns dias, tendo de fabricar canoas a fogo para atravessar o rio que naquela época, devido às enchentes que se alastravam por quilômetros dentro da mata, sobressaindo da sua caixa natural de curso. Entretanto, qualquer dificuldade ou intempérie era mais um estímulo para os componentes da expedição que alcançavam áreas ainda não pisadas por civilizados.

CHEGADA AO RIO DAS MORTES

Depois de meses de caminhada e abertura de picadas, a expedição começou a sair das matas do Pindaíba e alcançar cerrados altos e rasteiros. Quando a região começou a apresentar nova característica (de matas), o coronel determinou que um dos componentes subisse numa árvore, conhecida como pau d'óleo, para pesquisar as redondezas e se conseguia ver o Rio das Mortes, o que, de fato, foi visto com uma distância de 500 metros. O coronel Vanique se deslocou com um grupo de comandados. Era precisamente 25 de fevereiro de 1944. Mandou fazer um marco de madeira de lei e o fincou num local como um sinal da presença de civilizados, cujo ponto e dimensões geográficas estão a 14 graus e 42 minutos de Barra do Garças. Local

em que mais tarde foi lançada a Pedra Fundamental de Xavantina, cujo feito teve como componentes de participação grande número de expedicionários, humildes e categorizados, dos quais destacamos os nomes de: Virgílio Nascimento, João Firmino, Santana Tropeiro, que já não vivem mais; e João Moreira da Silva (João Preto), José da Silva Ramos (José Tropeiro), João da Silva, Adriano Tropeiro, Dr. Manoel Rôxo da Mota, Antônio Ayres da Silva e Orlando Villas-Bôas.

Foi feita pelo coronel Vanique uma preleção aos comandados orientando-os e advertindo sobre a luta que seria enfrentada e, ao mesmo tempo, em comemoração, mandou servir um churrasco e bebidas no local da instalação do marco. Denominou o local de Xavantina, homenageando a tribo que dominava a região do Rio das Mortes. Logo a seguir mandou levantar casas para alojamento da expedição e dos expedicionários, barracões de refeitório e armazéns e cantinas, e autorizou a construção de um campo de pouso para apoio da bandeira, que teve como administrador Orlando Villas-Bôas. A primeira casa construída de alvenaria serviu de casa da chefia e residência do coronel Vanique localizada às margens do Rio das Mortes, em um barranco de visão espetacular, onde faleceu a sua esposa, Dona Alba Vanique, o que tirou dele o grande estímulo pelo desbravamento do Brasil Central. Na oportunidade, o coronel retirou-se da chefia, regressando ao Rio de Janeiro e posteriormente ao Rio Grande do Sul, ficando respondendo pela chefia da área o Sr. Orlando Villas-Bôas e aquele, como lembrança, enviara uma imagem de gesso com a inscrição "Sta. Alba" para homenagear a memória da esposa falecida, que ainda se encontra na capela Xavantina.

FUNDAÇÃO BRASIL CENTRAL

Pelo decreto nº 5.801 de 8 de setembro de 1943, publicado no Diário Oficial da União de 10 de setembro do mesmo ano, a Expedição

Roncador-Xingu é considerada de interesse militar. No mês seguinte, com o decreto 5.878, de 4 de outubro de 1943, publicado no Diário Oficial de 6 de outubro do mesmo ano, o presidente Vargas, atendendo orientação do ministro João Alberto, cria a Fundação Brasil Central. A ela incorpora todo o patrimônio da Expedição Roncador-Xingu, dando-lhe recursos próprios para a sobrevivência e os de "royalties" proporcionados por empresas estrangeiras pertencentes ao Eixo Alemanha-Itália-Japão, outros advindos da racionalização de racionamento dos gêneros de primeira necessidade durante a guerra: sal, querosene, gasolina, gás, óleo e combustíveis. Criou o quadro e estabeleceu programas de ação e atividades, que só teve maior atuação a partir de 24 de abril de 1944 com a nomeação do seu primeiro presidente, o ministro João Alberto de Lins e Barros, secretariado pelo Dr. Arthur Hehel Neiva.

RUMO À SERRA DO RONCADOR E RIO XINGU

Depois de uma parada em Xavantina, agora, já sob a bandeira da Fundação Brasil Central, a Marcha para o Oeste continua e os vanguardeiros alcançam as margens do Rio Xingu em 12 de julho de 1945. Paratanto, palmilham através de trechos palmilhados, travessias da Serra do Roncador descobertas de rios que denominaram 7 de Setembro, onde foram feitas embarcações para alcançarem sua foz no Xingu, sempre construindo bases de abastecimento nos locais de paradas que denominaram Garapu e Kuluene e, ainda, Jacaré. Nas bases provisórias eram construídos campos de pouso de aeronaves e estações de rádio, apoiando a Marcha em plena selva mato-grossense, dentro do território do antigo município de Araguaiana (hoje Barra do Garças), que naquela época era o maior município do Brasil em extensão territorial com seus 212 mil km².

A Fundação Brasil Central tinha grande cobertura da Imprensa

Nacional; foi visitada por Heron Domingues, de "O Repórter Esso" da Rádio Nacional, e por David Nasser e Jean Manzon, da revista *O Cruzeiro*.

PRIMEIRO ENCONTRO COM OS ÍNDIOS XAVANTES

Desde fins de 1950 que o pessoal que trabalhava no pomar da Fundação Brasil Central, no lado oposto de Xavantina, vinha percebendo vestígios de índios xavantes e ouvindo pelas madrugadas os toques dos seus instrumentos musicais. Mas somente no dia 10 de janeiro de 1951 é que apareceram levas de índios no barranco do rio no local onde hoje é localizado o povoado de Nova Brasília. Vinte e cinco índios guerreiros, tendo como cacique o índio Urubuanã, fazem mímica e sinais de aproximação com gestos cordiais e pacíficos. Para esse primeiro contato, atravessaram em canoas Orlando Villas-Bôas, Dr. Manoel Rôxo da Mota, padre Antônio Colbachini; do pessoal que estava trabalhando no pomar seguiam a pé: Militão Ibiapino e Pedro Pinto. O encontro foi indescritível e inenarrável, marcado por risos e mímica de civilizados e selvagens, gestos e abraços. O índio mais velho, talvez o pajé da tribo, com um objeto furado (instrumento parecido com uma flauta) pulverizava todos os civilizados com um pó de cor branca e tirava certas cordinhas de embira, amarrando-as nos pulsos e no pescoço dos presentes, num sinal de paz e cordialidade.

Como ninguém entendia o que eles falavam, sorrindo, os civilizados retribuíam os seus gestos e agrados e distribuíam-lhes alguns objetos como presentes, tais como: camisas, óculos e cinturões, pentes e espelhos de que eram portadores. A seguir o sertanista Orlando Villas-Bôas levou-os até o pomar e os alojou em duas barracas, mandando trazer-lhe novos presentes, alimentos como: farinha, rapadura e mandioca.

VISITA DO PRESIDENTE GETÚLIO VARGAS

Durante a atividade do ministro João Alberto como presidente da Fundação Brasil Central, Aragarças recebeu a visita importante, em julho de 1945, do presidente Getúlio Vargas e do seu ministro da Guerra, marechal Eurico Gaspar Dutra. Três dias de grandes atividades, foi a primeira vez que se viram na região projetores de som (alto-falantes). O ministro João Alberto contratou o renomado conjunto de Benedito Lacerda e Russo do Pandeiro, o cantor Moreira da Silva etc., para shows populares durante a ilustre visita.

QUEDA DE VARGAS

Com o golpe de 29 de outubro de 1945, que derrubou o sistema ditatorial do presidente Vargas, foi para a Presidência da República o ministro Dr. José Linhares, que fez a FBC passar para uma fase de retração de verbas e, conseqüentemente, paralisação de atividades e programas.

O ministro João Alberto é afastado da presidência da entidade, sendo substituído pelo general Borges Fortes, homem honesto mas de visão bitolada.

Com o novo presidente a FBC entra em ritmo de compasso de espera, mantendo apenas as bases criadas, seus funcionários, que muitas vezes receberam vencimentos através de vales de comerciantes com abastecimento de mercadorias a preços exorbitantes, oportunidade em que houve atraso de pagamento de salários e vencimentos de mais de oito meses.

A Marcha para o Oeste era um sonho e uma visão do presidente Vargas, por isso fora paralisada naquele governo. Tudo passou a recordações ou esperanças de dias melhores.

FUNDAÇÃO BRASIL CENTRAL

NOVO PERÍODO DE VARGAS

Com as eleições de 3 de outubro de 1950 volta ao poder o Dr. Getúlio Vargas, agora em sistema democrático, período de janeiro de 1951 a 24 de agosto de 1954.

A Fundação Brasil Central volta também aos seus dias de glórias memoráveis tendo à frente como presidente o jornalista Archimedes Pereira Lima, em cuja administração foi iniciada a construção das pontes dos rios Araguaia e Garças; de conjuntos de casas para operários e chefias; de hospitais em Aragarças e Xavantina; de casas para escritório de planejamento e administração, de serrarias, olarias, de caixa d'água para abastecimento; da Igreja São Judas Tadeu; do Aeroporto Salgado Filho; de reflorestamento com plantio de eucalipto, construção da estrada Piranhas-Aragarças e Barra do Garças-Xavantina; bases em Garapu, Jacaré e Xingu para apoio de penetração aérea feita através de Douglas DC-3, do Correio Aéreo Nacional da FAB (CAN) – rota Rio-Manaus.

SUICÍDIO DO PRESIDENTE VARGAS

Corria o ano de 1954, o país estava no período pré-eleitoral; agitações, ataques, difamações ao presidente, campanha vil e toda sorte de achincalhes, levaram o presidente Vargas ao suicídio no fatídico 24 de agosto de 1954. Trocados todos os comandos da Nação, assumiu a Presidência o Dr. Café Filho, que substituiu a presidência da FBC,

cortou-lhe todas as verbas destinadas para programas elaborados na penetração do Brasil Central. Com a falta de recursos, volta novamente a entidade a compasso de espera. Passaram pela Presidência de 1954 e 1967 inúmeros presidentes, dentre eles muitos bem-intencionados. Mas os recursos eram restritos, não lhes permitiram dinamizar a entidade para atender à finalidade para que foi constituída.

SUDECO

Em 1º de dezembro de 1967, por força da Lei nº 5.365, publicada no D.O. de 4/12/1967, o presidente da República, marechal Costa e Silva, cria a Superintendência do Desenvolvimento da Região Centro-Oeste (Sudeco) – entidade que acampou todo o patrimônio, programa e funcionários da extinta FBC.

O primeiro superintendente do novo órgão, Dr. Sebastião Dante de Camargo Júnior, grande tribuno, entretanto não tinha o dinamismo e a visão de um ministro João Alberto, deixou que o novo órgão ficasse sem dotações específicas para atendimento do programa de desbravamento e colonização do Brasil Central.

FUNDAÇÃO BRASIL CENTRAL

Antiga e novas caixas de água da vila Presidente Vargas

O programa da FBC fugiu às finalidades da Sudeco, que passou a ser um órgão de planejamento. A região foi sensivelmente prejudicada pela falta de recursos obrigando os remanescentes e funcionários da FBC a se lotarem em outros órgãos do governo ou aposentaram-se como ociosos, pois as suas funções passaram a ser desnecessárias.

Para agasalhar determinados funcionários e manutenção das

propriedades e do patrimônio da extinta Fundação, foi criado um Consórcio Intermunicipal entre as prefeituras de Barra do Garças, Aragarças e Torixoréu, que assumiria a administração dos recursos destinados ao pagamento de pessoal dos hospitais de Aragarças e Xavantina e dos da conservação dos próprios que restaram à Sudeco em face de muitos deles terem sido vendidos ou doados.

A VERDADE

(Versão da História: Expedição Roncador-Xingu)

Contada por Acary Passos Oliveira em reportagem no jornal O Popular de Goiânia, e a resposta do sertanista Orlando Villas-Bôas em carta ao historiador Valdon Varjão, também publicada em O Popular.

Lisa França

Para contar suas experiências extraordinárias de pioneiro e desbravador e conquistar o lugar na história a que faz jus, o sertanista Acary Passos de Oliveira publicou pela Editora Cultura Goiana, há 13 anos, os diários e anotações oficiais da Expedição Roncador-Xingu que chefiou juntamente com o coronel Flaviano de Matos Vanique, do Exército. Mas ali estão apenas documentos frios e de expedição porque Acary Passos, tenente reformado do Exército, temia na época ofender e prejudicar pessoas e governos.

Hoje, com 83 anos, e quase cego – fruto das mais de 20 malárias que pegou, ele acha que esses cuidados não têm mais importância, e fala com prazer dos segredos do governo Getúlio Vargas, e de como desobedeceu a ordens superiores para dar uma oportunidade de aventura a dois inexperientes jovens paulistas: Cláudio e Leonardo Villas-Bôas.

Acary Passos foi convidado em 1942 para organizar a Expedição

Roncador-Xingu que iniciaria o que Getúlio chamou de “Marcha para o Oeste” porque anos antes, em 1939, havia sido encarregado de preparar a Ilha do Bananal (maior ilha fluvial do mundo, perdida na imensidão do Araguaia) para receber Getúlio e a comitiva presidencial. Com a ajuda de 300 índios, que depois de muito esforço trocaram seu trabalho por rapaduras, Acary conseguiu construir a pista de pouso e o alojamento para receber o “Papa Grande”, como Getúlio foi chamado pelos índios.

Ali também aconteceram emoções que mudaram o curso da história de índios e brancos.

João Alberto, Coronel Vanique

Foi depois de conquistado pela beleza dos Tapirapés, Carajás e Javaés, habitantes da ilha, que Getúlio voltou a destinar as verbas (que havia cortado) do Serviço de Proteção ao Índio (SPI); teve de superar o ressentimento que tinha contra o Marechal Rondon que lhe negara apoio na Revolução de 1930.

Dessas histórias também tão remotas, Acary Passos conhece detalhes. Seu pai foi amigo pessoal de Rondon e morreu a serviço da célebre Comissão de Rondon em 1908.

A estadia de Getúlio na ilha, programada para 24 horas, prolongou-se por 10 dias e de nada adiantavam os incessantes chamados de rádios vindos do Palácio exigindo sua volta. A convivência de Acary com a comitiva nesses dias lhe valeu, depois de 1942, o convite do ministro João Alberto Lins e Barros, coordenador da Comissão da Mobilização Econômica, para organizar a Expedição Roncador-Xingu que deveria traçar o roteiro de uma futura estrada ligando o Centro-Oeste à Amazônia, saindo de Aragarças.

Sob o pretexto de desbravar o sertão, a expedição foi formada com 30 homens, mas seu verdadeiro objetivo era criar um refúgio na selva que pudesse abrigar a sede do governo caso os alemães invadissem o país. A guerra já estava avançada e alguns navios brasileiros haviam sido torpedeados na costa brasileira. Três deles, aliás, afundados em Cabo Frio, o que deixou o governo assustado com a vulnerabilidade do Rio, explica Acary. Ele lembra que se dizia na época que os alemães já haviam planejado os voos em linha reta de Dakar até a Paraíba para invadir o país.

O SONHO BANDEIRANTE

Apesar de a saída da expedição ter sido homenageada com glórias – lembrando os bandeirantes, os expedicionários participaram de uma solenidade na Basílica de São Pedro, em São Paulo, onde compareceram as autoridades do governo para ouvirem os cânticos de um coral formado por 100 beneditinos – foi proibida a presença de jornalistas e de fotos na expedição.

As primeiras fotos foram tiradas pelo próprio Acary e fazem parte de seu acervo particular. Só muito mais tarde, quando os irmãos Villas-Bôas assumiram o comando, é que foram autorizadas as históricas reportagens de Jean Manzon e David Nasser.

Na primeira etapa de luta contra a selva, Acary conta que carrapatos, abelhas e mosquitos trouxeram muito mais problemas do que os bandos de onças e queixadas encontrados pelo caminho.

Depois de sair de Barra do Garças, em setembro, somente a 28 de fevereiro a expedição atingiu seu primeiro objetivo em Xavantina. Nesse primeiro trajeto as maiores dificuldades foram nas travessias da mata e do Rio Pindaíba. O rio teve de ser transposto a nado.

A tropa de burros foi jogada n'água e os mantimentos, enrolados em surrões de couro. Ao atingir a outra margem, todos tinham direito a uma dose dupla de conhaque 5 estrelas da Antárctica, doado pela fábrica aos expedicionários.

Em Xavantina o então tenente Acary deixou o coronel Vanique e foi a Aragarças buscar mantimentos e apoio.

Lá soube que as coisas haviam se complicado. Muitos homens debandaram revoltados com a rígida disciplina militar imposta pelo Coronel Vanique que os proibia de caçar ou pescar. Para continuar a missão, Acary reuniu mais 30 homens, 20 burros, oito bois de carro e duas carroças.

Antes de voltar à marcha, quis informar o seu coronel pelo rádio de que partiria. Ao ler os nomes dos expedicionários que o acompanhariam a pedido do coronel, ouviu dele quando se referiu aos irmãos Cláudio e Leonardo Villas-Bôas:

– Esses dois almofadinhas, não. Conheço estes moços de São Paulo. Não nos servem. Só vão dar trabalho com a “febre de sertão” (o que significava saudade da família e do conforto das cidades).

Quem salvou os irmãos Villas-Bôas foi Dona Mila Passos, mulher de Acary; ela teve pena dos rapazes excluídos de ficarem “vexados e tristes” (a conversa no rádio era ouvida por todos...); então, insistiu para o marido levá-los.

Afinal haviam vindo de tão longe, largando seus empregos de terno e gravata na Prefeitura de São Paulo e num posto de gasolina. Acary, para agradar a mulher, resolveu enfrentar a ira do coronel Vanique.

O velho sertanista não controla a emoção ao descrever a chegada do reforço da expedição no acampamento desfalcado às margens do Rio das Mortes. Os homens, que andavam desesperados ante as

ameaças dos índios xavantes que os provocavam do outro lado do rio, choraram ao ver os companheiros, os carros, os alimentos. De cara, Acary percebeu que os irmãos Villas-Bôas (que ele define como ótimos rapazes) não eram peões de obra para serem aproveitados na enxada de sol a sol na construção de pouso. Encarregou, então, Cláudio do diário da Expedição e Leonardo para chefiar os peões.

Ele lembra que Orlando Villas-Bôas veio algum tempo depois para assumir a chefia do acampamento em Xavantina, quando, aí, ele acha que a Expedição acabou. Os irmãos se apaixonaram pelos índios e desviaram todo o curso do traçado original. Leonardo seguiu às margens do Kuluene e embora tenham vindo ordens e ameaças de corte de verbas porque a expedição deveria pertencer à Fundação Brasil Central, que sucedeu a Comissão de Mobilização Econômica, e não à SPI, os irmãos não se intimidaram e continuaram a procurar índios e criar postos de abastecimento a eles.

O AVESSE DA HISTÓRIA

A amizade de Acary com os irmãos Villas-Bôas é firme até hoje. Ele colaborou como sertanista durante muitos anos ainda, substituindo Orlando na chefia dos postos e participando de frentes de atração de índios. Conseguir descrever as aproximações de cada tribo: quando chegaram os Suiás, os Jurunas, os Kajabis, Txurs, Kramuros, Kretires, e tantos outros. Acary acabou se tornando o elo dos irmãos Villas-Bôas e o Palácio do Planalto. Ele lembra a luta que foi para convencer o relator do Tribunal de Contas de Jânio Quadros, para a liberação da verba que criaria o Parque Nacional do Xingu.

No ano seguinte, a luta parecia que terminava, o Xingu passou a ter verba própria e o mundo inteiro se reverenciava ao trabalho de respeito às culturas indígenas no Brasil. De tantas emoções, o hoje

professor Acary Passos, da Universidade Católica, a quem doou um museu indígena que tem seus nomes, formado pelo imenso acervo que recolheu durante tantos anos, só tem uma mágoa: o desconhecimento da primeira parte da Expedição Roncador-Xingu:

– Foram tantas as bravuras, tanta luta, além de ter sido a origem de tudo, que é uma pena ser apagada da história deste país.

ORLANDO E CLÁUDIO VILLAS-BÔAS

- *Expedição Roncador-Xingu*

O jornal *O Popular* de 06/12/90, na página 12, publicou matéria com o título "A Expedição Roncador-Xingu"; tratava-se de uma carta do Sr. Orlando Villas-Bôas dirigida ao historiador Valdon Varjão sobre matéria também publicada em *O Popular* por entrevista do Acary Passos à repórter Lis França; na entrevista, deixou transparecer dúvidas quanto à história da Expedição Roncador-Xingu e que Orlando Villas-Bôas, como personagem real à história em pauta, dá esclarecimentos que posicionam os fatos passados em nossa região.

Vale lembrar que na edição nº 105 de 24 a 31 de maio de 1990, *A Gazeta*, com o título "Contradições", observamos os desencontros das declarações de Acary Passos com a realidade como se nos apresenta documentadamente. Lembramos ainda que *O Popular* de 16/06/90 publicou, com o título "Roncador-Xingu, carta nossa enviada ao conceituado jornal contestando a matéria duvidosa e solicitando detalhes esclarecedores".

Para ilustração aos nossos leitores, publicamos a carta de Orlando Villas-Bôas e convidamos os estudiosos de História para uma análise detalhada e conhecimento geral.

O indigenista Orlando Villas-Bôas, idealizador do Parque Nacional do Xingu, encaminhou correspondência a seu amigo Valdon Varjão, ex-prefeito de Barra do Garças (MT), expressando alguns comentários sobre as afirmações feitas pelo sertanista Acary Passos Oliveira no

artigo intitulado "A verdade sobre a Expedição Roncador-Xingu", publicado por *O Popular*. Esta carta foi enviada ao jornal pelo próprio Varjão, que autorizou a sua publicação.

Prezado Varjão

Recebi o recorte do caderno 2 de *O Popular*. Ali o nosso amigo Dr. Acary fala da Expedição Roncador-Xingu. Estranhei, logo de início, o título: "A verdade sobre a Expedição Roncador-Xingu". Quando se chama atenção dizendo: "A verdade...", subentende-se que alguma coisa foi dita sobre o assunto e que não correspondesse à verdade. De nosso conhecimento nada lemos sobre a velha Expedição senão o pequeno livro do próprio Dr. Acary sobre a primeira etapa da Expedição Aragarças-Mortes, e aquilo que temos dito e escrito. E não nos parece termos distorcido qualquer fato que vimos, ouvimos e vivemos.

A Expedição Roncador-Xingu, Varjão, ponta de lança da Fundação Brasil Central, como você muito bem sabe, pois dela participou, foi a vanguarda de um movimento nacional de interiorização: a Marcha para o Oeste. Desde o início do século, ou talvez da Proclamação da República, vinha o nosso governo e a sociedade, mais o governo que a sociedade, defendendo a mudança da Capital do País para o interior. Não se falava num movimento expansionista. O que se pretendia era tirar a Capital do litoral. Havia sempre o temor da vulnerabilidade da sede da Nação à beira do mar. A ideia cresceu durante a Primeira Grande Guerra. Tanto assim que companhias imobiliárias nos 20, mal terminada a guerra, vendiam nas capitais e interior lotes no Brasil Central, para onde seria levada a nova capital.

Apazapós a Grande Guerra levou ao esquecimento a ideia da mudança. O assunto morreu. Foi longo o período de esquecimento. Somente

por ocasião da Segunda Grande Guerra voltou a ser lembrada a tese da mudança. Só que, desta feita, o processo não ficou circunscrito na simples transferência da Capital, mas também expressando uma exigência natural de uma sociedade em franca explosão demográfica. Estávamos deixando de ser uma Nação com população litorânea. Para que isso se tornasse uma realidade seria preciso que o movimento fosse liderado pelo Governo.

E foi o que aconteceu tendo como ponto de partida a Marcha para Oeste. Não fosse a guerra do Brasil, esse movimento teria uma outra amplitude, em sua divulgação. A guerra absorvia tudo, recursos, notícias e tudo o mais.

Nem por isso esse movimento deixou de trazer grandes benefícios à Nação. Dele nasceu Brasília, dezenas de cidades e vilas surgiram do Brasil Central, hoje ligadas por estradas asfaltadas. Isso tudo somado, e o Vale do Araguaia, responderam aos anseios da Nação, do Presidente Vargas e aos sonhos do Ministro João Alberto, o grande coordenador.

Voltando à entrevista do jornal, Varjão, lembramos como são sábios os ditos populares – um, por exemplo, “as aparências enganam” –, mostraram que os almofadinhas recusados pelo chefe da Expedição foram os únicos a permanecerem, levando até o fim os objetivos da Expedição. Com eles só ficaram os homens da região.

Aqueles vindos de fora portando largas bombachas, trazendo à cintura largos facões, imensos revólveres, enormes chapéus, e que bamboleavam o corpo num arremedo chinfrim àqueles do Oeste americano, e que de dia bebiam cachaça e à noite cantavam e brigavam, voltaram aos seus pagos. Uns, até, que eram da guarda do Presidente, mal acabados os “incentivos” doados pela Antártica, regressaram às suas funções à beira mar, e tão mal se portaram que acabaram alguns deles, mais tarde, ajudando a criar o mar de lama

que levou o Presidente ao suicídio.

A Expedição deveria caminhar na área indígena do Roncador, tendo como ponta de lança um grupo militar da Polícia Goiana, que seria comandada por um Major. Os índios eram perigosos. Para que a Expedição caminhasse tranquila tornava-se necessário "limpar o caminho".

Do outro lado do Rio das Mortes o fogo Xavante era denunciado pela fumaça. Para partir, a Expedição aguardava apenas a patrulha armada que desimpediria o caminho. Nessa altura, confessamos, a única reserva que mantivemos até hoje foi a de termos escrito ao Marechal Rondon contando o que se pretendia fazer.

Ministro João Alberto, com a maior brevidade possível, para falar sobre o assunto, na mesma ocasião comunicou-nos que iria apresentar nossos nomes para Delegados do Conselho Nacional de Proteção aos Índios, do qual era Presidente, para a região do Brasil Central.

Estimamos muito Dr. Acary e D. Mila, mas discordamos quando ele diz que desviamos o curso da Expedição Roncador-Xingu.

Infelizmente Dr. Acary se desligou cedo da Expedição. Foi muito boa a sua atuação na primeira fase da marcha do Araguaia ao Rio das Mortes. Não fosse isso ele ficaria sabendo que os objetivos da Expedição e da Fundação Brasil Central foram alterados, no momento em que se constatou que as áreas mostradas em branco nas nossas cartas geográficas não eram, como se supunha, desabitadas. Isso porque de início, além do desbravamento, era atribuição da vanguarda a determinação dos pontos ideais para futuros núcleos de povoamento que seriam implantados pela Fundação Brasil Central. E mais importante ainda, em face da Resolução 254 do Presidente da Fundação Brasil Central, em 20 de março de 1948, e da Deliberação nº 22 do Conselho da referida Fundação.

Em longa exposição, específica, taxativamente "... considerar finda a Expedição Roncador-Xingu...". Ora, se ela foi extinta, como é que a desvirtuamos? A Expedição que surgiu em substituição àquela extinta, e que foi denominada de Xingu-Tapajós, tinha outro objetivo. Nasceu de entendimentos entre o Presidente da Fundação, General Borges Fortes de Oliveira, e o Ministério da Aeronáutica através do Brigadeiro Eduardo Gomes, na ocasião diretor de Rotas Aéreas. Teria ainda essa Expedição o apoio do Serviço Geográfico do Exército e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

A nossa preocupação na defesa do índio e de toda sua área de ocupação deu origem à criação do Parque Nacional do Xingu, o único do país demarcado e respeitado. Ali o índio vive na força de sua cultura tradicional e área, e guardará para o futuro um testemunho do Brasil do começo, livre de ações predadoras.

Nem por isso essa nossa preocupação paralela nos afastou da meta proposta pela nova Expedição. Eis aí o picadão Mortes-Kuluene; Kuluene-Xingu; Xingu-São Manoel; São Manoel-Cachimbo e, finalmente, a longa picada de centenas de quilômetros Cachimbo-Cururu e Cururu-Creputiá. E as dezenas de cidades e vilas, já nas águas do Tapajós, que nasceram sem conflito no roteiro da marcha?

Nos primeiros dias de janeiro de 1949, por determinação da Presidência da República, o tenente-coronel Matos Vanique reverteu ao Exército. Com ele saíram quase todos os seus companheiros. Os serviços prestados por eles foram excelentes, principalmente nas bases Aragarças e Xavantina.

Pena que os alcaides de hoje, insensíveis aos marcos que constituem uma página da história, são infensos a isso.

Quanto a mim o Dr. Acary diz: "Orlando apareceu algum tempo depois para assumir a chefia de Xavantina enquanto a Expedição prosseguia".

Não foi bem assim. Eu estava no Diauarum com a vanguarda que se preparava para subir o Rio Maritsauá Missu, quando fui chamado pela Presidência da Fundação para assumir a chefia da Expedição no lugar do Coronel Matos Vanique.

Antes, bem antes, quando o 2º escalão, sob a chefia do Dr. Acary, partiu do Araguaia para Xavantina, fiquei em Aragarças para ajudar na carga do barco "São Félix" que naufragou, e do barco "Capitariquara" que navegou. Minha função anterior, uma espécie de secretário da Base de Aragarças, foi a de auxiliar do mestre-de-obras Moreira. Fui apontador, e quando não havia nada a apontar andei empurrando uns carrinhos plenos de tijolos ou areia, na faina de construir aquele grande hotel, muito bem feito, e que hoje, graças à indiferença dos responsáveis, está se desmoronando.

Há pouco tempo estivemos por lá. Ficamos horrorizados ao ver imensos tubulões ameaçando com esgoto o Rio Araguaia.

A Marcha para o Oeste morrerá sem história se aqueles que dela foram contemporâneos não se dispuserem a escrevê-la. Isto porque, quando a Fundação Brasil Central foi transformada na Sudeco, o seu primeiro dirigente determinou que se jogasse no rio e no fogo todo o acervo da Expedição e da Fundação. Por quê? Talvez não soubesse que com documentos assim é que se faz a história. Há poucos dias fomos conhecer as cidades que nasceram além do Rio das Mortes e da Serra do Roncador. Ficamos surpresos ante uma Água Boa e Canarana, pelos seus planos urbanísticos.

Se fôssemos fazer um paralelo entre a iniciativa privada e o poder público, naquela área do Brasil Central, ficaríamos escandalizados ante o urbanismo das novas cidades, como Água Boa e Canarana, e o desprezo das prefeituras de Aragarças e Xavantina, que deixaram ao total abandono o traçado e as construções antigas levantadas pela Fundação Brasil Central.

EPOPEIA DA EXPEDIÇÃO RONCADOR-XINGU

Em 3 de junho de 1943, o ministro João Alberto Lins de Barros, considerando constituir “um passo decisivo para a realização do governo, sintetizada na Marcha para o Oeste”, bem como a necessidade de serem criadas “vias de comunicação com o Amazonas através do interior do país”, resolveu organizar a Expedição Roncador-Xingu, conforme Portaria nº 77, daquela data (D.O. de 04/06/1943).

O roteiro da Expedição, com o seu final em Santarém, no Estado do Pará, deveria realizar a penetração da Amazônia pelo Brasil Central, desbravando e colonizando regiões das mais desconhecidas da Terra.

O decreto-lei nº 5.801, de 8 de setembro de 1943 (D.O. de 10/09/1943), considerou de interesse militar a Expedição, que veio a ser incorporada à Fundação Brasil Central, constituída em 24 de abril de 1944, com sua instituição autorizada pelo decreto-lei nº 5.878, de 4 de outubro de 1943 (D.O. de 06/10/1943).

Em 6 de agosto de 1943, partiu a Expedição para a confluência do Rio das Garças com o Araguaia, onde havia, na época, as vilas de Barra Goiana e Barra Cuiabana, com pequena população formada, na maioria, por famílias de garimpeiros de diamantes.

A passagem da Expedição, com chefia do tenente-coronel Flaviano de Matos Vanique, e em seguida as realizações da Fundação Brasil Central motivaram o progresso de Barra do Garças. Em 15 de setembro de 1948, foi transferida a sede daquele município mato-grossense de Araguaiana para Barra do Garças que, nas comemorações daquela data, em 1968, viria a ser homenageada por F.A. Rondon em seus

versos: "Portal Triunfante da Amazônia Brasileira". Barra do Garças, o maior município territorial do Brasil.

Dentro da área daquele município, com 121.936 km², a Expedição Roncador-Xingu realizou sua jornada heroica.

Tomando o rumo da região dos Araés, a primeira etapa do roteiro, partindo para o Rio das Mortes, foi vencida em 28 de fevereiro de 1944, quando a Expedição atingiu a margem direita daquele rio, no local hoje de Nova Xavantina.

De acordo com a Portaria nº 77, do ministro João Alberto e com atribuições previstas para a Fundação Brasil Central, aquele foi o ponto escolhido para o primeiro estabelecimento de colonizações.

Xavantina, inspirada pelo mesmo "cenário adrede preparado" da região dos índios Araés, na organização da Fundação Brasil Central conhecida como "Centro de Atividades Ministro João Alberto", constituiu-se, nessas condições, como um grande marco histórico para os trabalhos de desbravamento e colonização.

Aquela marcha desbravadora prosseguiu em 12 de julho de 1945, em sua segunda etapa, tendo como objetivo a região do Xingu, passando pela Serra do Roncador.

Ao chegarem os expedicionários à margem esquerda do Rio Sete de Setembro, ali instalaram um acampamento. E, após terem construído, naquelas matas, três embarcações iniciaram, em 1º de outubro de 1946, a descida do Rio Sete de Setembro até atingir o Kuluene, para, finalmente alcançar o Rio Xingu. O fato foi amplamente divulgado, noticiando-se a vitória obtida pela Expedição, em seu roteiro, com todos os trabalhos complementares a seu cargo, inclusive campos de aviação e estações de rádio, naquelas selvas mato-grossenses.

O RIO DAS MORTES

O Rio das Mortes evoca o “ciclo do ouro” e as lutas travadas entre paulistas e portugueses, na primeira década do século XVIII.

Pelas águas do Tietê, cada vez mais frequentes, desceram as bandeiras cativadoras de índios e prospectores de ouro.

Provavelmente por elas também navegaram os nossos primeiros devassadores da selva mato-grossense e escaladores dos Andes, os sertanistas, serviçais do recuo do meridiano pelo continente adentro, uns ilustres e outros obscuros, “cujas ações heroicas a lima do tempo consumiu”.

Avoluma-se o movimento para o Oeste misterioso com o decorrer dos anos seiscentistas.

Pelo Tietê descem os últimos apossadores de índios e destruidores de reduções jesuítas.

E é por ele que corre as terras do sul mato-grossense o grande sorocabano Pascoal Moreira Cabral Leme, mais tarde descobridor de Cuiabá e apossador definitivo, para a Coroa lusitana, da imensa região central lindeira dos castelhanos do Peru.

Escoam-se os últimos anos da centúria seiscentista e encerra-se para os paulistas a era da caça ao índio, o período cruel dos devassadores.

Reboa, de repente, estrepitoso grito de descoberta; as duas sílabas de palavra que é dos maiores desencadeadores dos sentimentos humanos: “Ouro! Ouro!”.

Revela-se o primeiro Eldorado brasileiro, o dos Cataguases, depois território das minas gerais do ouro de São Paulo. Fazem-se mineradores os grandes descedores de índios e o âmago do Brasil é atingido pelas bandeiras, na ânsia do metal.

Acodem os ultramarinos aos milhares, para compartilhar das descobertas dos paulistas. Dá-se o primeiro e fatal embate da corrente nacionalista com a prepotência dos reinóis.

Surge em 1719 a notícia do encontro do segundo deles, por Pascoal Moreira Cabral e seus companheiros ilustres.

Dá-se o colossal "rush" pelas águas do Rio das Entradas e Pedro Taques conta-nos as misérias indescritíveis de muitas dessas esquadilhas, organizadas às pressas e a esmo, para vencer o deserto aspérrimo, nelas embarcando indivíduos de todas as categorias: aventureiros, civis, militares, eclesiásticos.

As febres, a fome, os naufrágios, os índios exterminam expedições inteiras.

Não tardam, porém, providências régias para a organização das novas terras doadas à monarquia lusitana, pelo bandeirantismo. Pelos rios vai Rodrigo César de Meneses a Cuiabá instituir os primórdios daquilo que, em 1748, servirá ao estabelecimento da nova capitania mato-grossense. (Affonso E. de Taunay, *História das Bandeiras Paulistas*).

A SUDECO E A RETOMADA DA PENETRAÇÃO DA AMAZÔNIA PELO BRASIL CENTRAL

Após as realizações da Fundação Brasil Central, coube à Sudeco a retomada da penetração da Amazônia pelo Brasil Central, através da construção da estrada BR-080, no trecho do km 342 até a Base do Cachimbo.

A Sudeco foi criada pela Lei nº 5.365, de 1º de dezembro de 1967 (D.O. de 04/12/1967).

Em 15 de maio do corrente ano, aquela estrada já atingira a margem direita do Rio Xingu.

Nessa data, com a presença do ministro do Interior, general José Costa Cavalcanti e do superintendente da Sudeco, Dr. Sebastião Dante de Camargo Júnior, bem como de outras autoridades, houve a memorável passagem do primeiro trator para a margem esquerda daquele rio, com o uso da balsa então instalada.

A construção da estrada prosseguiu, com o objetivo de alcançar a BR-165, Cuiabá-Santarém, o que ocorreu possivelmente ainda no corrente ano.

A ponte sobre o Rio das Mortes, em Xavantina, foi inaugurada, representando mais um elo na cadeia dos acontecimentos que marcava a integração amazônica.

O PLANO DA INTEGRAÇÃO NACIONAL

Estando em 1971, os ventos propiciavam soprando para todos os lados.

Em todos os setores de atividades se afirmava a capacidade do homem, no caminho do desenvolvimento acelerado ao encontro do grandioso porvir que estava reservado para o Brasil na História da Civilização.

No ontem era a busca do outro; era, mesmo, a redução dos indígenas que, misteriosamente, escondia a verdadeira explicação das bandeiras.

Nem a cobiça nem a desumanidade orientavam as entradas e bandeiras senão a destinação da dilatação do império, da posse do imenso território, unificado pela coragem, pela persistência, pela fé.

Em Xavantina encontra-se aquele “cenário adrede preparado”, onde se realizou o mencionado encontro das bandeiras, vinculado aos roteiros de Mato Grosso e Goiás. O Rio das Mortes que nos evocava as lutas do passado entre paulistas e portugueses, hoje unidos na forma do disposto acordo recentemente celebrado entre Brasil e Portugal, evidenciava a lógica imutável da História, com mais um capítulo da cruzada iniciada nos tempos remotos, tendo os tupis-guaranis como guardiões da terra predestinada a transformar-se no Brasil de hoje: iniciou-se novo e glorioso ciclo histórico através do Plano de Integração Nacional do governo, que acabava de criar o Programa de Desenvolvimento do Centro-Oeste (Prodoeste).

A unidade nacional que recebemos dos antepassados resultou nesta magnífica realidade, os 500 anos do Brasil.

COMENTÁRIO DO ESCRITOR W. BARIANI ORTÊNCIO

Tesoureiro da Academia Goiana de Letras

Sobre os livros: Janela do Tempo e Garimpeiros: Visionários da Esperança, publicados por Valdon Varjão

Diz o velho Aurélio, no seu dicionário, que mecenas é “o protetor de artistas e homens de letras. Patrocinador generoso, protetor de letras, ciências e artes, ou dos artistas e sábios”. Há tão poucos mecenas que muita gente até escreve com dois esses.

Eu quero falar aqui é do mecenas Valdon Varjão, que é mecenas e escritor. Tem bons livros publicados: livros de folclore, estórias e histórias, literariamente bem-cuidados. São da sua lavra: Barra do Garças no passado; Torixoréu: Cidade Brilhante; Balisa: Etéreas Reminiscências; Barra do Garças: Migalhas de sua História; Garimpeiros: Visionários da Esperança e Janela do Tempo.

Há vários outros, sobre poesias ou política. Valdon Varjão se tornou escritor e mecenas, depois de muitas conquistas e algumas glórias, riqueza adquirida por ele próprio. De garimpeiro aventureiro passou a prefeito, deputado, senador e secretário de Estado. Foi lá na Barra do Garças, onde impera este homem forte, negrão aprumado, bonachão e titular de cartório.

Fundou a Academia de Letras, Artes e Cultura do Centro-Oeste, ocupada por mato-grossenses e goianos. Foi uma grande festa. Valdon Varjão fez questão de nos hospedar bem, às suas expensas.

Ele está certo. É assim mesmo que se faz. Quem pode, gosta e sabe como deve fazer. É um exemplo para ser seguido, imitado.

*Não sei por que gosto tanto desse nome mecenas. Talvez seja por admirar Messegenas (que me soa mecenas), a vila onde nasceu José de Alencar, lá no seu Ceará. Não vou dizer sobre seus livros anteriores, mas citarei *Garimpeiros: Visionários da Esperança* e *Janela do Tempo*. São livros fortes, brutos, loucos que, resumindo, são o retrato do garimpo mato-grossense-goiano de corpo inteiro.*

Somente a mitologia grega para se comparar com os garimpeiros brasileiros. Ele é mito, é místico... é o diabo! Atrai o homem vigoroso e sepulta o bagaço. Ilude e desencanta. Tem canto de sereia, encantos de ninfas. Prende e não solta. Atrai como o jogo, vicia como as drogas. Garimpo e garimpeiro, como casamento antigo: só a morte os separa. Raros saem com os picuás repletos e bolsos cheios.

É o símbolo da esperança, essa ilusória cor verde, como também a natureza é verde e o homem se integra a ela e passa a crer mais em Deus. Ninguém vai para o garimpo sem esperança. E que são os garimpeiros?

São obstinados largadores de família: da Bahia, do Ceará, da Paraíba, de Pernambuco, enfim, de todos os lados do Brasil, principalmente do Norte e Nordeste. Homens decididos, trocando a miséria de um local pela de outro, mas com ilusão, enfrentando todos os percalços e sofrendo toda espécie de intempéries, de improérios, de extrema miséria, falta de saúde e de provisões de boca. Sobra humilhação, mas, com o coração fervoroso, crente num possível bamburro. É um mito fantástico e misterioso. Eu, se não tivesse arrumado a minha vida, ainda cedo, seria um garimpeiro.

Os livros são um tratado desta semiprofissão, o garimpo. Onde os garimpeiros, os visionários são heróis anônimos. Ali tudo fica certo, resignado, contemplativo, todos mais confiantes em Deus e nos seus santos regionais, que são muitos.

Ninguém rouba ninguém e somente briga e mata pelo efeito da cachaça e na disputa das sipuínas (raparigas). Quando pega uma pedra de relativo valor, fazendo um meio bamburro, tem que comemorar. E comemoração de garimpeiro é com bebidas e raparigagem. Aí ele forra o chão com notas de 100 e põe a mulherada pra dançar em cima. Acabada a farra, o dinheiro também já se foi.

E volta ele, febril de esperanças, para a lavra arrancar e lavar cascalhos, os olhos pregados no fundo da bateia. A riqueza é o sonho eterno. Bamburrar de verdade e voltar para a terra, para a família (se ainda existir).

Seguro, o autor relata o início dos principais garimpos da região, Barra Cuiabana (Barra do Garças), Barra Goiana (Aragarças), Poxoréu, Baliza, Torixoréu, o antigo Lajeado (hoje Guiratinga), Tesouro, Gatinho, Nortelândia, Marilândia, Arenápolis e outros. Com seus capangueiros famosos e garimpeiros valentes, como o João Galo que matou muitos delegados, pôs destacamentos inteiros para correr, ganhou política contra o PSD à base dos seus 38 carregados de balas amarelas e que, depois, se retirou para a Bahia, sua terra, com 90 mil contos no alforje, ganhados na intimidação e na afronta aos políticos da UDN. Passa pelos homens fortes, capangueiros e fazendeiros.

(Publicado no jornal O Popular)



ACADEMIA
DE LETRAS, CULTURA E ARTES
DO CENTRO-OESTE

Janela do Tempo

Homenagem ao Passado



Histórias e Estórias Vivenciadas

Valdon Varjão



SECEL
Secretaria de
Estado de Cultura,
Esporte e Lazer



Governo de
**Mato
Grosso**

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO

